

FENÔMENOS ESPÍRITAS

FENÔMENOS ESPÍRITAS

I - OS FENÔMENOS ESPÍRITAS

Entre todas as provas de que existe no homem um princípio espiritual sobrevivente ao corpo as mais frisantes são fornecidas pelo fenômeno do espiritualismo experimental ou Espiritismo.

Os fenômenos espíritas, considerados, a princípio, como puro charlatanismo, entraram no domínio da observação rigorosa e, se certos sábios ainda os desdenham, rejeitam e negam, outros, não menos eminentes, os estudam, verificando sua importância e realidade. Na América e em todas as nações da Europa, sociedades psicológicas fazem disso o objeto constante de seus estudos.

Tais fenômenos, produziram-se em todos os tempos. Outrora, estavam envolvidos em mistério e só eram conhecidos por pequeno número de pesquisadores, Hoje, universalizam-se, produzem-se com uma persistência e uma variedade de formas que confundem a Ciência moderna.

Newton disse: "É loucura acreditar que se conhece, todas as coisas, e é sabedoria estudar sempre." Não só todos os sábios, mas também todos os homens sensatos têm o dever de estudar esses fatos que nos patenteiam uma face ignorada da Natureza, de remontar às causas e de deduzir as suas leis. Esse exame só pode fortificar a razão e servir ao progresso, destruindo a superstição em sua origem, porque a superstição está sempre pronta a apoderar-se dos fenômenos desprezados pela Ciência, a desfigurá-los e atribuir-lhes caráter sobrenatural ou miraculoso.

A maior parte das pessoas que desdenham estas questões ou que, tendo-as estudado, o fizeram superficialmente, sem método, sem espírito de coerência, acusa os espíritas de interpretarem mal os fenômenos, ou pelo menos, de deduzirem conclusões prematuras.

A esses adversários do Espiritismo responderemos que já é alguma coisa ganha o fato de eles se apegarem à interpretação dos fenômenos e não à sua realidade. Efetivamente, os fenômenos verificam-se e não se discutem. A sua realidade é atestada, como vamos ver, por homens do mais elevado caráter, por sábios de alta competência, de nome aureolado por seus trabalhos e descobertas. Mas, não é preciso ser sábio de primeira ordem para averiguar a existência de fenômenos que, caindo debaixo dos sentidos, são, portanto, sempre verificáveis. Qualquer pessoa, com alguma perseverança e sagacidade, colocando-se nas condições necessárias, poderá observar esses fatos e formar sobre eles uma opinião esclarecida.

II - DEFINIÇÃO:

Fenômenos baseados em leis da Natureza, decorrentes da existência da alma, de sua sobrevivência à morte do corpo físico e de suas manifestações.

O Espiritismo desvendou e explicou, racionalmente, as causas de muitos fenômenos antes tidos como sobrenaturais, milagrosos ou inexplicáveis, colocando-os no domínio das coisas naturais.

Além disso, demonstrou a impossibilidade e incoerência de muitas crenças supersticiosas.

A explicação dos fenômenos espíritas, com suas causas e conseqüências morais, formam a ciência, a filosofia e a religião consubstanciadas no Espiritismo, que exigem estudos sérios, perseverantes e aprofundados para o seu conhecimento.

Ariovaldo Caversan

III - CLASSIFICAÇÃO DOS FENÔMENOS

1 - Segundo Jorge Andrea

Faremos uma classificação dos fenômenos parapsicológicos ou paranormais trazendo o que já é conhecido, embora com tonalidades pessoais, sem intenção de apresentar novas posições e termos pomposos que fizeram parte de uma época, nestes arraiais.

De um modo geral, admitimos os fenômenos paranormais em duas categorias bem distintas:

a - Fenômenos relacionados a uma única unidade psíquica, de um ser geralmente encarnado, em face a objetos.

b - Fenômenos com a participação de mais de uma unidade psíquica, portanto, com dois ou mais seres, desenvolvendo-se entre encarnados, ou mesmo combinação encarnados e desencarnados.

Capacidades; PSI-GAMA PSI-KAPA e PSI-THETA.	Única unidade e psíquica	Leitura de cartas e objetos. Cognição, pré e cognição Ações psicocinéticas em geral Alguns fenômenos da psicometria		
Manifestações Inteligentes e físicas				

	<p>e radiestesia Alguns fenômenos sonâmbulos , bicorporeidade (projeção)</p>		
	<p>Fenômenos Anímicos</p>	<p>sensações cenestésicas. distonias neurovegetativas. exteriorização de símbolos e imagens do inconsciente ou sons espirituais</p>	<p>Vivências pretéritas. Criações novas.</p>
	<p>Mais de uma unidade psíquica</p>	<p>Telepatia -transmissão de fotografia e pensamento . Hipnose -</p>	

	mecanismos e finalidades (TVP)		
		Captativo - nóures	
	Fenômenos Mediúnicos	Receptativo	audiência. vidência e clarividência · psicografia e psicofonia. sonambulismo pictografia mensagens telefônicas
		Psicometria Radiestesia Efeitos físicos :	

CLASSIFICAÇÃO EXPLANADA

2 - Segundo William Crookes:

William Crookes classificou os fenômenos mediúnicos da seguinte forma:

I - 1ª classe: Movimentos de corpos pesados com contacto, mas sem esforço mecânico.

II - 2ª classe: Fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza.

III - 3ª classe: Alteração do peso dos corpos.

IV - 4ª classe: Movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium.

V - 5ª classe: Mesas e cadeiras suspensas do solo, sem contacto de ninguém

VI - 6ª classe: Suspensão de corpos humanos. (Viu por três vezes Home elevar-se acima do soalho)

VII - 7ª classe: Movimento de alguns pequenos objetos, sem contacto de ninguém.

VIII - 8ª classe: Aparições luminosas.

IX - 9ª classe - Aparições de mãos luminosas por si mesmas.

X - 10ª classe: Escrita direta.

XI - 11ª classe: Forma e figuras de fantasmas.

XII - 12ª classe: Casos particulares que parecem indicar a ação de uma inteligência externa.

XIII - 13ª classe: Manifestações diversas de carácter composto.

**CLASSIFICAÇÃO
COMENTADA
WILLIAM CROOKES**

INVESTIGAÇÕES DO SR. WILLIAM CROOKES - § I

Até aqui falamos de modo vago sobre o que tinha sido referido por diferentes autores relativamente às aparições, aos movimentos de corpos sem contacto, etc., etc. Concordamos que, em tudo que precede, nada há de natureza a contribuir para consolidação de uma convicção; mas vamos

entrar no domínio dos fatos, diante dos quais nos devemos inclinar, pelo menos, caso não queiramos deles tirar deduções filosóficas. Até aqui, vimos escritores, poetas e filósofos, sem autoridade em matéria científica, opinando em favor dos fenômenos espiritualistas: isso, como se diz, não traz consequências. (O Espiritismo, Paul Gibier). Seja, mas eis que um fato grave se produziu: um dos primeiros sábios do mundo, um experimentador, cujas obras suportam sem desvantagem comparação com as de Dumas, Wurtz, Berthelot, Frémy, pronunciou-se do modo mais afirmativo, baseado em provas experimentais em apoio dessas coisas tenebrosas que se supunham sepultadas na noite da Idade Média. Que devemos concluir? Porque ousou dar como certos os fatos de mesas a baterem e a girarem, de objetos e até de pessoas elevadas do solo sem força visível, de fantasmas aparecendo, entreteendo-se com pessoas vivas, deixando-se fotografar, dando porções de seus cabelos às testemunhas, como provas permanentes de suas aparições, enquanto eles desapareciam; porque ousou ele contar essas coisas com tantos detalhes e observações de moldes científicos, será forçoso que o Sr. Crookes seja um louco ou um impostor?

Se o Sr. Crookes estivesse louco, estaríamos inteirados, e diríamos de suas alegações: «Bem, são divagações de cérebro doentio, passemos adiante !» Porém, já há mais de 15 anos que ele publicou (Nos 31 anos decorridos até hoje depois que Crookes publicou seu trabalho, tem ele continuado a ser o mesmo genial revelador nos domínios da Física e da Química. Sempre que se tem apresentado a ocasião, quer em cartas, respondendo a indagações de homens notáveis, quer na tribuna como presidente da "British Association" ou da "Society for Psychical Research", de Londres, o grande sábio confirma plenamente as suas experiências que, de resto, têm sido confirmadas em todas as partes por posteriores experimentadores. (Nota do T.) as suas primeiras investigações sobre o moderno Espiritualismo, nenhum dos que o combateram ou defenderam quis discutir a irresponsabilidade do Sr. Crookes, que goza de plena liberdade e nunca

recebeu duchas em nenhuma casa de saúde. As obras que ainda escreve, distinguem-se pela inteligência mais «radiante» e menos suscetível de ser encontrada em outros cérebros a não ser nos perfeitamente sãos. O Sr. Crookes, portanto, não se tornou insensato. Será acaso um impostor que tenha querido zombar do público? Mas, com que interesse? Ele bem sabia que isso nada lhe renderia. Pelo contrário, não ignorava que qualquer fraude - se fraude tivesse havido - seria prontamente descoberta, então! Então seria a vergonha, seria a ruína, seria o desastre, o desabamento de uma vida honrosa de homem honesto e de sábio. Benevolmente, de caso pensado pelo gosto de propalar uma pilhéria lúgubre, o Sr. Crookes apagaria a sua auréola de honra e de glória? Pois não! No fim de uma vida tão bem preenchida, tornada gloriosa por tantas descobertas, uma só das quais bastaria para imortalizar um homem, ele desceria de seu pedestal para revolver-se miseravelmente na lama? E porquê? para fazer fortuna? Mas o Sr. Crookes é rico, segundo dizem, e demais ele sabe que atualmente os feiticeiros não colhem vantagem alguma de suas relações com o diabo, salvo a de puxar-lhes constantemente a cauda, pelo menos nesta vida.

Porém, insinuarão, o Sr. Crookes é um especialista de quem se pode dizer, como de muitos pseudo-sábios de hoje, que sabe o que todo o mundo ignora, mas, em compensação, ignora o que todo o mundo sabe. Convém responder a essa insinuação, e aproveitaremos o ensejo para apresentar o Sr. Crookes àqueles de nossos leitores que ainda o não conhecem.

Sob o ponto de vista científico, não podemos dizer que o Sr. Crookes tenha sido educado à inglesa, porque, em vez de começar tardiamente seus estudos e permanecer como estudante até à idade em que, na Alemanha, por exemplo, já se é professor, aos vinte anos publicava interessantes memórias sobre a luz polarizada; depois, foi um dos primeiros na Inglaterra que estudaram, por meio do espectroscópio, as propriedades dos espectros

solar e terrestre. Devem-se-lhe importantes trabalhos sobre a medida da intensidade da luz, e engenhosos instrumentos: o fotômetro de polarização e o microscópio espectral, por exemplo. Seus escritos sobre a química geral (Chemical News, ano de 1859) foram muito apreciados desde que apareceram. E' autor de um tratado de análises químicas ("Métodos escolhidos"), hoje clássico. Devem-se-lhe numerosas investigações em Astronomia, especialmente sobre fotografia celeste. Em 1855-56, a Sociedade Real de Londres, que o admitiu no número de seus membros efetivos - em primeiro escrutínio -, concedeu-lhe a título de animação um prêmio pecuniário para prosseguir em seus trabalhos sobre a fotografia da Lua. O Governo da Rainha enviou-o ultimamente a Oran, para observar o eclipse. Acrescentemos ainda que se ocupa de Medicina e de Higiene, como provam seus trabalhos sobre a peste bovina, etc., etc. Mas duas descobertas principalmente classificaram o Sr. Crookes entre os mestres da ciência moderna: o ilustre sábio já se tinha distinguido por um processo de amálgama com o auxílio do sódio, processo que é hoje empregado na Austrália, na Califórnia e na América do Sul, pela indústria metalúrgica do ouro, quando fêz conhecer um novo corpo simples metálico: o Tálho. Aprecia-se o valor de semelhante descoberta, quando se sabe que o número dos corpos simples conhecidos na série dos metais elevava-se a cinquenta mais ou menos. O Sr. Crookes foi conduzido a essa preciosa descoberta por seus trabalhos sobre a análise espectral. Foi também assim que foram isolados o cério, o rubídio e o índium.

Lembremos, de passagem, que se denominam corpos simples os metalóides e metais nos quais para a análise química e que nenhum processo conhecido os pode decompor em outros corpos. Conseqüentemente, a designação de corpos simples dá antes a medida de nossos meios de investigação do que uma verdadeira definição da natureza real desses corpos. Não temos, com efeito, nenhuma idéia exata do que seja a MATÉRIA. Eis onde ainda está a ciência dos homens !

A segunda descoberta do Sr. Crookes vem corroborar o que avançamos: queremos falar da matéria radiante.

O Sr. Crookes, por meio de uma série de experiências de exatidão extrema, demonstrou esse estado entrevisto por Faraday. Não faremos o histórico dessas experiências tão importantes sob o ponto de vista filosófico da Química, da Física e do estudo da matéria em geral: em resumo, ressalta disso que a matéria, em sua essência, deve ser UMA e os corpos variados que caem sob nossos sentidos imperfeitos não passam de um agenciamento, de uma estrutura molecular especial da matéria, segundo a expressão do célebre químico Boutterow, de São Petersburgo, que, digamo-lo incidentalmente, confirmou o que pôde examinar das experiências do Sr. Crookes sobre a força psíquica. (Os indus há muitos séculos dizem que a matéria é uma, mas que as variedades são infinitas. A fórmula, em que eles condensam essa doutrina, é variedade na unidade.)

O Sr. Crookes repetiu as suas experiências sobre a matéria radiante em 1879 (Setembro), no Congresso da British Association para o adiantamento das ciências, e 1880, na Escola de Medicina de Paris e no Observatório, a convite do professor Wurtz e do Almirante Mouchez. Os efeitos produzidos pela matéria nesse estado são dos mais surpreendentes e de uma potência formidável. Foi um grande sucesso para o Sr. Crookes.

As poucas linhas precedentes darão, pelo menos esperamo-lo, uma idéia do alto valor científico do homem que não temeu abordar o estudo dos fenômenos espíritos.

Por isso, quando o ilustre membro da Royal Society anunciou em seu jornal («Quarterly Journal of Science») que ia ocupar-se dos fenômenos do que por lá se denomina Espiritualismo moderno, foi uma exclamação geral: «Enfim! vamos ficar informados!» Mas desde os primeiros artigos, quando viram o Sr. Crookes admitir a realidade dos fenômenos, declarar que os

havia observado, pesado, medido, registrado, etc., a coisa mudou de feição. Houve, sem dúvida, muita gente que deu o assunto como julgado; mas todo o mundo não quis render-se e fizeram-se ouvir palavras de reprovação mais ou menos sincera. Não será isso um dos incidentes menos curiosos da história do Espiritismo.

O Sr. Crookes havia entretanto mostrado a maior severidade no decurso de suas investigações; mas as pessoas que se julgaram contrariadas no momento da digestão pacífica de seus conhecimentos adquiridos, irritaram-se vendo pronunciar-se, em sentido contrário ao seu, um juiz do qual haviam antecipadamente aceitado as conclusões, mas sob condição, implicitamente formulada, de que elas fôsem conforme às suas idéias.

Veremos, não obstante, que essas investigações foram empreendidas com um espírito verdadeiramente científico e que o seu autor não pecava por excesso de credulidade:

"O espiritualista, diz o Sr, Crookes, fala de corpos com o peso de 50 ou 100 libras, que são elevados no ar sem intervenção de força conhecida; mas o químico acostumou-se a fazer uso de uma balança sensível a um peso tão pequeno que seriam precisos dez mil como ele para perfazerem um grão. Ele julga-se por conseguinte autorizado a pedir a esse poder, o qual se diz guiado por uma inteligência, e suspende até ao teto um corpo pesado, que faça mover sob condições determinadas sua balança tão delicadamente equilibrada.

O espiritualista fala de pancadas que se produzem nos diferentes partes de um aposento, quando duas ou mais pessoas estão tranquilamente sentadas em torno de uma mesa. O experimentador científico tem o direito de pedir que essas pancadas se produzam sobre a membrana esticada de seu fonautógrafo.

O espiritualista fala de quartos e de casas sacudidos, a ponto de ficarem danificados, por um poder sobre-humano. O homem de ciência apenas pede que um pêndulo colocado debaixo de uma campânula de vidro e repousando em base de alvenaria sólida seja posto em vibração.

O espiritualista fala de artigos pesados de mobília a se moverem de uma peça para outra sem a ação do homem. Mas o sábio construiu instrumentos que dividem uma polegada em um milhão de partes: e ele está autorizado a duvidar da exatidão das observações efetuadas, se a mesma força não conseguir deslocar de um simples grau o indicador de seu instrumento.

O espiritualista fala de flores molhadas de orvalho fresco, de frutas e até de seres vivos conduzidos através de vidraças fechadas e mesmo através de sólidas paredes de tijolos. O investigador científico pede naturalmente que um peso adicional (embora da milésima parte do grão) seja colocado em uma das conchas de sua balança quando esta estiver trancada à chave. E o químico pede que seja introduzida a milésima parte de um grão de arsênico através das paredes de um vidro com água pura, hermeticamente fechado.

O espiritualista fala de manifestações de uma potência equivalente a milhares de libras e que se produz sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da força e pensa que esta não se produz sem o esgotamento correspondente de alguma coisa para substituí-la, pede que as ditas manifestações se produzam em seu laboratório, onde poderá pesá-las, medi-las e submetê-las às suas próprias experiências. "

Foi com esses sentimentos que o Sr. Crookes abordou o estudo dos fenômenos cujo exame se impunha, pensava ele, à Ciência, sem que ela pudesse protelar por mais tempo. Depois de ter feito essa espécie de profissão de fé científica, o autor acrescenta, em nota, a seguinte observação:

"Para ser justo a esse respeito, devo estabelecer que, expondo estas vistas a muitos espiritualistas eminentes e aos médiuns mais dignos de confiança da Inglaterra, uns e outros exprimiram sua perfeita confiança no êxito da investigação, se esta fôsse levada a cabo lealmente no espírito que já indiquei. Propuseram-se auxiliar-me com todo o poder de seus meios, pondo à minha disposição as suas faculdades particulares. E até ao ponto em que cheguei, posso acrescentar que as experiências preliminares foram satisfatórias."

§ II

O Sr. Crookes já devia saber um pouco o que pensar a respeito da «força psíquica». Com efeito, um ano ou dois antes de começar os seus trabalhos nesta matéria, um grêmio sábio de Londres, The Dialectical Society, fundado em 1867, sob a presidência de Sir John Lubbock, já se tinha pronunciado a esse respeito de modo positivo, Quando essa sociedade, composta de notabilidades científicas, decidiu em sua sessão, de 6 de Janeiro de 1869, que ia ocupar-se com os «pretendidos fenômenos espiritualistas;" era, conforme declaração da ata, com a idéia de que ia destruir para sempre essa superstição que começava a ser um estorvo, porque todo o mundo falava dela. A Dialectical Society nomeou para esse fim uma comissão formada por trinta e três membros efetivos, que se subdividiram em seis sub-comissões.

Entre os membros dessa comissão figurava um sábio cujo nome é muito conhecido entre os naturalistas: Alfredo Russel Wallace, que nos deu, em uma obra interessante, (A. Russel Wallace, Miracles and modern Spiritualism) informações muito curiosas relativas à história da comissão de que fazia parte.

Excetuando quatro membros que desde o começo acreditaram na realidade dos fenômenos sem aceitarem a teoria espiritualista, e outros quatro que ao

mesmo tempo admitiam os fenômenos e a dita teoria, a comissão compunha-se de sábios completamente cépticos. Entretanto, quando chegou o momento de apresentar um relatório à Dialectical Society, condensaram em um único feixe os resultados das experiências tentadas pelas seis submissões, - a maior parte delas somente com as «forças dos membros - , e todos esses depoimentos relativos às investigações feitas pelos seis grupos de sábios, trabalhando separadamente, foram concordes .

O relatório das comissões dos trinta e três compunha-se de duas partes distintas: na primeira parte eram relatados os fatos verificados pelas seis sub-comissões; a segunda continha os testemunhos orais ou escritos, fornecidos aos membros desse inquérito de novo gênero, por testemunhas honestas e dignas de fé.

Na primeira parte, o relatório concluía afirmativamente a respeito da existência:

- 1º - De ruídos, de vibrações, de natureza muito variada, produzidos fora de toda ação muscular ou mecânica;
- 2º - De movimento de corpos pesados sem ação muscular ou mecânica e frequentemente sem contacto ou conexão com pessoa alguma;
- 3º - De ruídos que, por meio de um código de sinais, respondem a perguntas de maneira inteligente;
- 4º - Ainda mais, se as comunicações são em grande parte de caráter banal, dão às vezes informações desconhecidas de todos os presentes;
- 5º - E também que existem certas pessoas favoráveis por sua presença à produção do fenômeno, enquanto que outras pessoas os contrariam, mas que essa diferença nada tem que ver com a opinião professada por essas pessoas em relação aos fenômenos.

Os depoimentos orais ou escritos foram trazidos à Sociedade por diferentes personalidades, tais como o professor A. de Morgan, presidente da Sociedade de Matemática de Londres e secretário da Real Sociedade Astronômica; M. C. F. Varley, engenheiro-chefe das companhias de telegrafia internacional e nacional e transatlântica, amigo do ilustre Tyndal.

Esta segunda parte do relatório era ainda mais variada do que a primeira, e o relator concluía que os testemunhos mencionados afirmavam a existência de fatos tais como: corpos pesados e, em certos casos, homens elevando-se espontaneamente no ar; aparição de mãos e de formas que não pertenciam a nenhum ser humano, mas parecendo animadas e podendo ser agarradas pelos assistentes; execução de pedaços de músicas em instrumentos que ninguém estava tocando; aparição quase instantânea de desenhos ou pinturas, formando-se espontaneamente, etc., etc.

O Sr. Russel Wallace faz notar que as suas observações levaram-no a estabelecer que o grau de convicção obtido pelo experimentador é mais ou menos igual à soma de tempo e de trabalho empregados nas investigações. Assim acontece relativamente a todos os fenômenos naturais, ao passo que o exame de uma impostura ou de uma ilusão, diz o Sr. Wallace, conduz a um resultado invariavelmente oposto.

Os membros da Sociedade Dialética, que não tinham feito parte da comissão, não ousaram tomar a responsabilidade do relatório e deixaram que os membros da referida comissão o publicassem por sua conta e risco. O Sr. Crookes conhecia as experiências da Sociedade Dialética, por isso, não deviam surpreender-lhe os primeiros resultados que obteve.

§ III

A primeira parte das investigações do Sr. Crookes convergiu para os fenômenos determinados por um «médium» bem conhecido, o célebre Home, cujo nome foi citado nesses últimos tempos e que acaba de falecer

em Paris, em um estado vizinho da miséria. Encontram-se todas as informações desejáveis a respeito desse médium em uma obra onde ele próprio conta a sua vida (Daniel Dunglas Home, *Révélation sur ma vie surnaturelle*) e os fatos que foram atestados por sábios e médicos dos dois hemisférios.

Um dos fatos mais interessantes produzidos por Home era o que os cépticos chamavam "a sorte do acordeão". Em pleno dia, o médium segurava com uma só mão o acordeão pela extremidade oposta às chaves, e o instrumento tocava, em aparência, espontâneamente, as mais variadas árias e com a melhor execução. Foi a primeira coisa que o Sr. Crookes examinou. A experiência é longamente narrada em seu livro. Vê-se que foram tomadas as mais minuciosas precauções; foi até notada a temperatura da sala onde se operava (era em casa do próprio Sr. Crookes). Dois observadores, colocados de cada lado de Home, punham os pés sobre os dele. O Sr. Crookes havia visto o médium vestir-se para certificar-se de que ele não introduzia sob sua roupa nenhum instrumento, etc.; uma gaiola de metal rodeava o acordeão ... Mas ofereçamos a palavra ao Sr. Crookes:

" ... Depois de abrir com minhas mãos a chave da parte baixa do instrumento, retirou-se de sob a mesa a gaiola quanto bastou para ser nela introduzida o acordeão com as chaves voltadas para baixo. A gaiola foi depois empurrada para debaixo da mesa, tanto quanto o permitiu o braço do Sr. Home, mas sem lhe ocultar a mão aos que estavam perto dele.

Os que estavam de cada lado viram o acordeão balançando-se de maneira curiosa; depois, desprenderam-se dele alguns sons, e, finalmente, muitas notas foram tocadas sucessivamente; meu ajudante agachou-se sob a mesa, disse-nos que o acordeão alongava-se e encolhia-se; ao mesmo tempo verificava-se que a mão com a qual o Sr. Home segurava o acordeão estava completamente imóvel e que a outra repousava sobre a mesa.

Depois, os que estavam dos dois lados do Sr. Home. Viram o acordeão mover-se, oscilar, volte ar em torno da gaiola e tocar ao mesmo tempo. O Dr. A. B. (O dr. A.B. era professor Huggins (N.Autor)) olhou então para baixo da mesa e disse que a mão do Sr. Home parecia completamente imóvel enquanto o acordeão se movia, produzindo sons distintos.

O Sr. Home manteve ainda o acordeão na gaiola pelo modo ordinário; (Isto é, com o lado das chaves voltado para baixo) seus pés estavam seguros pelas pessoas que estavam junto dele, a outra mão repousava sobre a mesa e, ainda assim, ouvimos notas distintas e separadas, ressoando sucessivamente, e depois uma ária simples foi tocada. Como tal resultado só podia ser produzido pelas diferentes chaves do instrumento postas em ação de maneira harmoniosa, todos os presentes consideraram-no como experiência decisiva. Mas o que se seguiu, foi ainda mais surpreendente: o Sr. Home afastou inteiramente do acordeão a sua mão, retirou-a completamente da gaiola e segurou na mão da pessoa que estava perto dele. Então o instrumento continuou a tocar, sem contacto algum e sem mão alguma perto dele.

Eu quis depois experimentar que efeito produzíamos fazendo passar a corrente elétrica da bateria em torno do fio isolado da gaiola. Para esse fim, meu ajudante estabeleceu a comunicação com fios que partiam de pilhas de Grove. De novo, o Sr. Home segurou no instrumento dentro da gaiola, do mesmo modo que precedentemente, e imediatamente ele ressoou, agitando-se de um a outro lado com vigor. Mas não me julgo autorizado a dizer se a corrente elétrica, passando em torno da gaiola, veio em auxílio da força que se manifestava no interior.

O acordeão ficou então sem nenhum contacto visível com a mão do Sr. Home. Ele retirou-a completamente do instrumento e colocou-a sobre a mesa, onde foi segura pela mão da pessoa que se achava perto dele; todos os presentes viram bem que as suas mãos estavam ali. Dois dos

assistentes e eu percebemos distintamente o acordeão flutuando no interior da gaiola, sem nenhum suporte visível. Após curto intervalo, esse fato repetiu-se segunda vez.

Então, o Sr. Home tornou a pôr a mão na gaiola e tomou de novo o acordeão que começou a tocar a princípio acordes e arpejos e depois uma doce e queixosa melodia muito conhecida, que foi executada de modo perfeito e bellissimo. Enquanto essa ária era tocada, peguei no braço do Sr. Home, acima do cotovelo e fiz correr docemente a minha mão, até que ela tocasse a parte superior do acordeão. Não se movia nenhum músculo. A outra mão do Sr. Home estava sobre a mesa, visível a todos os presentes, e seus pés conservavam-se sob os pés dos que estavam a seu lado.

Depois de haver alterado em todos os sentidos essa curiosa experiência do acordeão e de haver-se convencido de que o instrumento se agitava sob a ação de uma força invisível, o Sr. Crookes construiu aparelhos para registrar certos fatos de aumento de peso dos corpos, que ele observara cinco vezes diferentes. «Em cinco ocasiões diferentes, diz o Sr. Crookes, vi objetos, cujos pesos variavam de 25 a 100 libras, momentâneamente influenciados, de tal forma que eu e outras pessoas presentes, só com muita dificuldade, conseguíamos suspendê-los do chão.»

Para certificar-se de que o efeito era real e não produzido por sugestão operada sobre sua imaginação, o Sr. Crookes construiu um aparelho: Uma tábua de mogno descansava uma extremidade sobre uma mesa e a outra ficava dependurada ao gancho de uma balança de mola. O médium colocava a extremidade de seus dedos sobre objetos postos no extremo da tábua que descansava na mesa. Ou então, em lugar de descansar diretamente sobre corpos sólidos (caixa de fósforos de papelão, campainha), a extremidade dos dedos de Home era mergulhada na água de um vaso isolado, fixado em outro vaso cheio de água, de modo que a pressão do líquido não tivesse ação sobre o aparelho. E' fácil compreender,

pela descrição, que a pressão exercida pelos dedos de Home não podia ter ação alguma sobre a balança situada na outra extremidade da tábua. A outra extremidade da tábua estava suspensa ao gancho de uma balança, de mola, já o dissemos.

Um cursor munido de uma agulha permitia, obter o traçado auto gráfico das variações de pesos, traçado que se produzia sobre uma lâmina de vidro enegrecida pelo fumo de uma lâmpada movida horizontalmente por meio de um maquinismo de relojoaria.

Quando os dedos de Home não tocavam no aparelho, a lâmina de vidro, posta em movimento, era marcada com uma linha horizontal; mas desde que os dedos eram postos em contacto com o instrumento, do modo acima assinalado, o índice descia até o ponto de indicar um aumento de peso de 5.000 grãos (cerca de 325 gramas). Em uma primeira experiência, em que a disposição era outra, enquanto Home conservava os dedos sobre a campainha e a caixa de fósforos de papelão, o Dr. Huggins, sábio mui conhecido, observava o cursor da balança de mola, e verificou, diversas vezes, que o peso acusado era de seis libras e meia e mesmo de nove libras. Ora, o peso normal da tábua, disposta como estava, era apenas de três libras: ela tivera, por conseguinte, em um momento dado, um aumento de peso de 300%.

O Sr. Crookes fez a seguinte experiência comparativa: subiu à mesa, e, sustentando-se sobre um pé, apoiou-se com todo o seu peso (140 libras) em cima do ponto da tábua em que Home havia conservado seus dedos, sem pressão. O Dr. Huggins, que observava o índice da balança, verificou que todo o peso do Sr. Crookes só influía nela por libra e meia ou duas libras, e era quando o Sr. Crookes provocava um abalo.

Os Srs. W. Huggins e Ed. W. Cox, duas notabilidades científicas da Inglaterra, que auxiliaram o Sr. Crookes nessas experiências, escreveram-

lhe cartas por ocasião de uma memória que o último submeteu à apreciação daqueles, nas quais eram expostas as experiências.

Essas cartas merecem atenção do leitor imparcial.

"Uper Tulse Hill, S. W., 9 de Junho de 1871.

Meu caro Sr. Crookes.

A memória que publicastes, parece-me a exposição fiel do que em minha presença ocorreu em vossa casa. A minha posição na mesa não me permitiu ver a mão do Sr. Home, afastada do acordeão, mas somente que esse fato foi estabelecido naquele momento por vós e pela pessoa sentada do outro lado do Sr. Home.

Essas experiências mostram que seria importante fazer novas investigações; mas desejo deixar bem entendido que não exprimo opinião alguma quanto à causa dos fenômenos que ocorreram.

Sou, muito sinceramente, vosso

William Huggins."

"Russell Square, 36, 8 de Junho de 1871.

Caro Senhor:

Estando presente, com o intuito de investigações, às experiências de ensaio relatadas em vosso artigo, apresso-me em trazer meu testemunho em favor da perfeita exatidão com que as descrevestes, e das precauções e cuidado que empregastes nas diferentes provas.

Os resultados parecem-me estabelecer de maneira concludente este fato importante: há uma força procedente do sistema nervoso e que é capaz, na esfera de sua influência, de dar aos corpos sólidos movimento e peso.

Verifiquei que essa força era emitida por pulsações intermitentes e não sob a forma de uma pressão fixa e contínua, porque o index subia e baixava incessantemente durante a experiência. Esse fato, julgo-o de grande importância, porque tende a confirmar a opinião que lhe dá por origem a organização nervosa, e contribui muito para apoiar a importante descoberta do Dr. Richardson, de uma atmosfera nervosa, de variável intensidade, envolvendo o corpo humano.

As vossas experiências confirmam inteiramente a conclusão a que chegou a comissão de investigações da "Dialectical Society", após mais de quarenta sessões de ensaios e de provas.

Permiti-me acrescentar que não vejo nada tendente a provar que essa força seja outra coisa além de uma força emanada do organismo humano, ou pelo menos ligada a ele diretamente, e que, por conseguinte, como todas as outras forças da Natureza, ela é de plena competência dessa rigorosa investigação científica, à qual fostes o primeiro a submetê-la.

A Psicologia é um ramo da Ciência que tem sido até hoje quase inteiramente inexplorado; e essa negligência deve provavelmente ser atribuída ao fato estranho, de que a existência dessa força nervosa tenha permanecido por tanto tempo sem ser estudada, examinada, mas apenas consignada.

Agora, uma vez estabelecido, com provas dadas por aparelhos, que é um fato da Natureza (e se é um fato, não é possível exagerar-se-lhe a importância sob o ponto de vista da Fisiologia e da luz que deve fazer sobre as leis obscuras da vida, do espírito e da ciência médica), sua discussão, seu exame imediato e sério só podem ser feitos pelos fisiologistas e por todos os que tomam a peito o conhecimento "do homem", conhecimento que foi denominado, com razão, "o estudo mais nobre da Humanidade".

Para evitar a aparência de qualquer conclusão prematura, eu aconselharia que se adotasse para essa força um nome que lhe fôsse próprio, e ousou sugerir a idéia de denominá-la força "psíquica"; que as pessoas, nas quais ela se manifesta com grande poder, chamem-se "psiquistas", e que a ciência, que a ela se refere, se intitule "psiquismo", como ramo da Psicologia .

Permiti-me também propor a próxima formação de uma Sociedade Psicológica, no intuito de fazer adiantar, por meio de experiências, dos jornais e da discussão, o estudo dessa ciência até aqui desprezada.

Sou, etc .

Ao Sr. W. Crookes, F.R.S."

§ IV

E' mister ler-se o livro do Sr. Crookes para fazer-se uma idéia do zelo de precauções de que ele se rodeou em suas experiências. O pobre Home era submetido a provas bem ofensivas: seguravam-se-lhe os pés e as mãos, não tinha o direito de fazer um movimento, sem que muitos pares de olhos desconfiados se fixassem nele.

As experiências acima foram repetidas com outra pessoa dotada de um «poder» semelhante ao do Sr. Home, mas menos forte. Demais, com essa pessoa, que o Sr. Crookes não nomeia, porque, diz: ele, ela não fêz profissão de médium, o sábio realizou experiências da mesma natureza, mas com instrumentos mais delicados.

Obtiveram-se traçados com o auxílio de um destes instrumentos, no qual uma membrana de pergaminho, esticada sobre um quadro, devia servir, sem contacto das mãos, para fazer mover a extremidade da alavanca que repousava nela. Os efeitos ruidosos obtidos por intermédio da pessoa em questão foram muito notáveis: parecia aos experimentadores que caía uma

saraiva sobre a membrana de pergaminho. Os traçados obtidos quando o Sr. Crookes segurava as mãos do médium, que permaneceram completamente imóveis, foram registrados pelo aparelho.

Os traçados obtidos com o Sr. Home por meio do mesmo instrumento são mais acidentados e marcam uma força mais considerável, se bem que ela tenha operado a muito maior distância do que no caso precedente.

Partindo dessas experiências, o Sr. Crookes concluiu que a existência de uma força associada ao organismo humano deve ser considerada fora de dúvida. Essa força, «por meio da qual pode ser produzido um aumento de peso nos corpos sólidos sem contacto efetivo», encontra-se em raros indivíduos. Na mesma pessoa, ela é muito variável de um momento a outro. Depois de haver observado o «estado penoso de prostração nervosa e corporal em que algumas dessas experiências deixaram o Sr. Home, depois de vê-lo em estado de desfalecimento quase completo, estendido sobre o soalho, pálido e sem voz», o Sr. Crookes pensa que essa, influência procede do sistema nervoso e que essa força psíquica é "acompanhada de um esgotamento correspondente de força vital". (Home morreu de afecção nervosa; é a sorte de todos os que, como ele, se prestam a essas experiências de maneira contínua. Os faquires da Índia acabam geralmente do mesmo modo).

E' bom repetirmos que todas essas experiências foram feitas na casa e no laboratório de seu autor, por meio de instrumentos seus, e com a assistência de preparadores, que são mestres na maior parte .

William Crookes havia publicado as suas investigações, quando Boutterow, professor de Química na Universidade de São Petersburgo, lhe escreveu que acabava de fazer experiências semelhantes com Home, cuja força nesse momento era das mais consideráveis. Um aparelho havia sido disposto de tal forma que a pressão das mãos de Home no lugar onde eram

aplicadas teria diminuído a tensão, se este último tivesse feito o mínimo esforço. O dinamômetro, que servia na experiência, marcava uma tensão normal de 100 libras. Quando Home aplicou as suas mãos, a tensão do dinamômetro foi elevada a 150 libras.

O autor lembra também em seu livro que o Dr. Roberto Hare, professor emérito de Química, obtivera resultados idênticos, do mesmo modo que o Sr. Thury, professor da Academia de Genebra, em 1855. Este último repelia a intervenção dos "Espíritos», não queria ver nesses fenômenos senão o efeito de uma força nervosa especial, análoga ao éter dos sábios, que transmite a luz, e dava a essa força o nome de força ectênica.

A existência dessa força é, pois, incontestável.

Poderíamos admitir isso facilmente, mas eis que a comissão de investigações da Sociedade Dialética de Londres, ao mesmo tempo que estabelecia a sua realidade, depois de experiências, «atesta que essa força é frequentemente dirigida por alguma Inteligência» .

Em sua obra sobre a sugestão, o professor Bernheim, de Nanci, não admite a ação de uma força emanante do corpo humano nas manifestações magnéticas ou hipnóticas. Ele nega a existência dessa força; entretanto, o Dr. Barety, depois de Mésmer, verificou-lhe os efeitos de modo claro, por meio de experiências muito engenhosas. (Barety, Força nêurica radiante, vulgarmente chamada magnetismo animal) O Dr. Barety demonstrou mesmo que essa força, que ele denomina força nêurica radiante, produz seus efeitos através de uma parede, mas que não atravessa a água, na qual ela se acumula. Essa força difere pois da força psíquica, porque esta se transmite através da água, como vimos nas experiências precedentes.

Quando o Sr. Crookes tornou conhecidas as suas investigações, elas foram muito mal recebidas; naturalmente, a Sociedade Real, da qual faz parte esse experimentador, não quis saber de uma novidade tão

comprometedora, e o professor Balfour Steward levou a facécia ao ponto de supor que o Sr. Crookes e as pessoas que o haviam auxiliado, tivessem sido fascinados pela grande potência electro-biológica (?) do Sr. Home. «É possível - respondeu o Sr. Crookes - que tivéssemos sido fascinados, mas os instrumentos registradores teriam também sido fascinados?»

O sábio inglês verificou o fato importante seguinte: quando a «força» era débil, a luz exercia uma ação contrária sobre alguns dos fenômenos. Mas com Home, cuja força era considerável, podia-se operar em plena luz. Isso lhe permitiu experimentar a ação de diferentes luzes sobre essa força: luz do Sol - luz difusa - luar - gás - lâmpada - vela - luz amarela - homogênea, etc., etc.

Os raios menos favoráveis às manifestações «parecem ser os da extremidade do espectro»"

Até aqui, nada há de extraordinário nas experiências do Sr. Crookes, nada, em aparência, para um observador superficial, mas o sábio «habitado às investigações maravilhosamente exatas» diz a si mesmo que, se sem ação de força conhecida, uma pena se move espontâneamente, não há razão para que um homem não se eleve igualmente, e nas mesmas condições, acima do solo"

Eis porque o Sr. Crookes fala dos fenômenos seguintes de um modo natural, cujo princípio já é admitido; por isso contenta-se ele com indicar sumàriamente diferentes fenômenos que observou e que reserva sem dúvida para um trabalho de mais fôlego, classificando assim esses fenômenos:

I Classe - Movimentos de corpos pesados com contacto, mas sem esforço mecânico.

II Classe - Fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza.

III Classe - Alteração do peso dos corpos.

IV Classe - Movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium.

V Classe - Mesas e cadeiras suspensas do solo, sem contacto de ninguém.

VI Classe - Suspensão de corpos humanos. (Viu por três vezes Home elevar-se acima do soalho.)

VII Classe - Movimento de alguns pequenos objetos, sem contacto de ninguém.

VIII Classe - Aparições luminosas.

IX Classe - Aparições de mãos luminosas por si mesmas.

X Classe - Escrita direta.

XI Classe - Formas e figuras de fantasmas.

XII Classe - Casos particulares que parecem indicar a ação de uma Inteligência externa.

XIII Classe - Manifestações diversas de caráter composto.

Seria mister poder citar por inteiro o livro do Sr. Crookes; por isso incitamos todos os que não crêem ser essas questões dignas da atenção dos homens sérios para que leiam alguns capítulos (100) da obra que acabamos de analisar ligeiramente: encontrarão aí o tato científico de um experimentador consumado e o tom de uma alta sinceridade que impõe. Demais, ao mesmo tempo em que relata as sessões mais povoadas de fantasmas, o Sr. Crookes não nos diz que acredita nos Espíritos: parece ter posto de parte essa questão. (...)

Dr. Paul Gibier (O Espiritismo (faquirismo ocidental))

A GÊNESE

OS MILAGRES SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XIII

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1. - Em sua acepção etimológica, a palavra milagre (de mirari, admirar) significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente. A Academia define esta palavra: Um ato de poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza.

Em sua acepção usual, esta palavra perdeu, como tantas outras, o seu significado primitivo. De geral que era, ela se restringe a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um milagre implica a idéia de um fato sobrenatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, pelas quais Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a acepção vulgar, tornada o sentido próprio, e não é senão por comparação e por metáfora que ele é aplicado às circunstâncias comuns da vida.

Um dos caracteres do milagre, propriamente dito, é o de ser inexplicável, por isso mesmo que se cumpre fora das leis naturais; e é de tal modo a idéia que se lhe liga que, se um fato miraculoso vem a encontrar a sua explicação, diz-se que não é mais um milagre, por surpreendente que seja. **O que faz, para a Igreja, o mérito dos milagres é precisamente a sua origem sobrenatural, e a impossibilidade de explicá-los; ela está tão bem fixada sobre este ponto que toda assimilação dos milagres aos fenômenos da Natureza é taxada de heresia, de atentado contra a fé: que ela excomungou, e mesmo queimou, pessoas que não quiseram crer em certos milagres.**

Um outro caráter do milagre é o de ser insólito, isolado e excepcional; do momento que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que ele está submetido a uma lei, e, desde então, que essa lei seja conhecida ou não, isso não pode ser um milagre.

2. - Todos os dias a ciência faz milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem verdadeiramente morto seja chamado à vida por uma intervenção divina, e aí está um verdadeiro milagre, porque esse é um fato contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, e se há nele ainda um resto de vitalidade latente, e que a ciência, ou uma ação magnética, venha a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Que no meio de certos camponeses um físico lance um papagaio elétrico e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente olhado como armado de um poder diabólico; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, em admitindo o fato, eis o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para operar tal prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo cuja causa era desconhecida passava por sobrenatural. A medida que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como não havia explorado todo o campo da Natureza, restava ainda uma parte bastante grande ao maravilhoso.

3. - O maravilhoso, expulso do domínio da materialidade pela ciência, entrincheirou-se no da espiritualidade, que foi o seu último refúgio. O Espiritismo, em demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, força incessantemente agindo concorrentemente com a força material, fez de novo entrar os fenômenos que dela ressaltam no círculo dos efeitos naturais, porque, como os outros, estão submetidos a leis. Se o maravilhoso foi expulso da espiritualidade, não tem mais razão de

ser, e é então somente que se poderá dizer que passou o tempo dos milagres. (Cap. I, nº 18.)

O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4. - O Espiritismo vem, pois, ao seu turno, fazer o que cada ciência fez em seu advento: revelar novas leis, e explicar, por consequência, **os fenômenos que são da alçada dessas leis.**

Esses fenômenos, é verdade, se prendem à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material; ora, aí está, diz-se, o que é o sobrenatural. Mas então seria necessário provar que os Espíritos, e as suas manifestações, são contrários às leis da Natureza; que isso não é, e não pode aí estar uma dessas leis.

O Espírito não é outro senão a alma que sobrevive ao corpo; é o ser principal uma vez que não morre, ao passo que o corpo não é senão um acessório que se destrói. Sua existência é, pois, tudo tão natural depois como durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm uma afinidade necessária, que reagem incessantemente um sobre o outro, que, de sua ação simultânea, resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão naturais uma quanto a outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. - Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico ou perispírito; ocorre o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, o que fazia como homem; como ele não tem mais seu corpo carnal por instrumento, somente se serve dos órgãos materiais de um encarnado, que se torna o que se chama médium. Ele faz como aquele que, não podendo

ele mesmo escrever, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os médiuns de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. - O meio no qual agem os Espíritos, e os meios de execução não sendo os mesmos que no estado de encarnação, os efeitos são diferentes. Estes efeitos não parecem sobrenaturais senão porque são produzidos com a ajuda de agentes que não são os dos que nos servimos; mas desde o instante em que esses agentes estão na Natureza, e que os fatos das manifestações se cumprem em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de se conhecer as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. Ocorre o mesmo com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma multidão de crenças supersticiosas.

7. - Todavia, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; isso não é uma derrogação da lei da gravidade? - Sim, da lei conhecida; mas se conhecem todas as leis? Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, levando vários homens, poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que propusesse, há um século, transmitir um despacho a quinhentas léguas, e receber sua resposta em alguns minutos, teria passado por um louco; se o fizesse, crer-se-ia que tinha o diabo às suas ordens, porque, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa; entretanto, hoje, a coisa é não somente reconhecida possível, mas parece naturalíssima. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a

propriedade, em circunstâncias dadas, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Foi, com efeito, o que ocorreu no caso do qual se trata. (O Livro dos Médiuns, cap. IV.)

8. - **Os fenômenos espíritas**, estando na Natureza, produziram-se em todos os tempos; mas precisamente porque o seu estudo não podia ser feito pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, eles permaneceram por muito mais tempo que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo fê-los sair hoje.

O sobrenatural, baseado sobre aparências inexplicadas, deixa um livre curso à imaginação, que, errando no desconhecido, dá nascimento, então, às crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada sobre as leis da Natureza, reconduzindo o homem sobre o terreno da realidade, põe um ponto de parada aos desvios da imaginação, e destrói as superstições. Longe de estender o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até nos seus últimos limites e lhe tira o seu último refugio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, impede de crer em muitos outros, porque demonstra, no círculo da espiritualidade, como a ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Contudo, como ele não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre aquelas que são da sua competência, não se põe como regulador absoluto do possível, e leva em conta conhecimentos que reserva para o futuro.

9. - **Os fenômenos espíritas** consistem nos diferentes modos de manifestação da alma, ou Espírito, seja, durante a encarnação, seja no estado de erradicidade. E pelas suas manifestações que a alma revela a sua existência, a sua sobrevivência e a sua individualidade; ela é julgada por seus efeitos; a causa sendo natural, o efeito o é igualmente. São esses efeitos que fazem o objeto especial de pesquisas e de estudos do Espiritismo, a fim de chegar ao conhecimento, tão completo quanto seja

possível, da natureza e dos atributos da alma, assim como as leis que regem o princípio espiritual.

10. - Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e, por conseqüência, o da alma individual e sobrevivente, toda a Natureza está na matéria tangível; todos os fenômenos que se ligam à espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais, e, por conseqüência, quiméricos; não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e recusam aprofundá-los; Daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgar sadiamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material.

11. - Do fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são **a conseqüência da existência da alma**, não se segue que ele aceita todos os efeitos qualificados de maravilhosos, e entenda justificá-los e acreditá-los; que seja o campeão de todos os sonhadores, de todas as utopias e de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas; seria necessário conhecê-lo bem pouco para pensar assim. Seus adversários crêem opor-lhe argumento sem réplica, quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os calvinistas de Cévenes ou os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas essas histórias são o Evangelho do Espiritismo? Seus partidários negam que o charlatanismo haja explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os haja criado; que o fanatismo os tenha exagerado muito? Ele não é solidário com as extravagâncias que se podem cometer em seu nome, como a verdadeira ciência não o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião quanto aos excessos do fanatismo. Muitos críticos não julgam o Espiritismo senão pelos contos de fadas e as lendas populares, que dele são as

ficções; outro tanto valeria julgar a história pelos romances históricos ou as tragédias.

12. - **Os fenômenos espíritos** são, o mais freqüentemente, espontâneos e se produzem sem nenhuma idéia preconcebida nas pessoas que neles menos pensam; em certas circunstâncias, eles podem ser provocados por agentes designados sob o nome de médiuns; no primeiro caso, o médium é inconsciente, do que se produz por seu intermédio; no segundo age com conhecimento de causa: daí a distinção de médiuns conscientes e de médiuns inconscientes. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram, freqüentemente, entre os incrédulos mais obstinados, que fazem assim o Espiritismo sem o saber e sem querer. Os fenômenos espontâneos têm, por isso mesmo, uma importância capital, porque não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Ocorre aqui como no sonambulismo que, entre certos indivíduos, é natural e involuntário, e entre outros, provocados pela ação magnética (O Livro dos Médiuns, cap. V).

Mas que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e em nada se afasta das leis naturais. Os médiuns, portanto; não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseqüência, eles não fazem nenhum milagre; mesmo as curas instantâneas não são mais miraculosas do que os outros efeitos, porque são devidas à ação de um agente fluídico fazendo o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até este dia. O epíteto de taumaturgos, dado a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, portanto, é inteiramente impróprio. A qualificação de milagre, dada, por comparação, a certas espécies de fenômenos, não pode senão induzir em erro sobre o seu verdadeiro caráter.

13. - A intervenção de inteligências ocultas nos **fenômenos espíritos** não tornam estes mais miraculosos que todos os outros fenômenos que são

devidos a agentes invisíveis, porque estes seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, vem nos esclarecendo sobre esta força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas, e inexplicáveis, por todo outro meio, e que puderam, nos tempos recuados, passar por prodígios; ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, para melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância desta lei que engendrou a superstição. Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritas não fazem mais milagre em fazendo girar uma mesa, ou os mortos escreverem, do que o médico em fazendo reviver um moribundo, ou o físico em fazendo cair o raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda desta ciência, fazer milagres, seria ou um ignorante da coisa, ou um fazedor de tolos.

14. - Uma vez que o Espiritismo repudia toda preetensão às coisas maravilhosas, fora dele há milagres na acepção usual da palavra?

Dizemos primeiro que, entre os fatos reputados miraculosos que se passaram antes do advento do Espiritismo, e que se passam ainda em nossos dias, a maioria, senão todos, encontram a sua explicação nas leis novas que ele veio revelar; estes fatos entram, pois, embora sob um outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas, e, como tais, nada têm de sobrenatural. Bem entendido que não se trata aqui senão dos fatos autênticos, e não daqueles que, sob o nome de milagres, são o produto de uma indigna charlatanice, tendo em vista explorar a credulidade; não mais que certos fatos legendários que puderam ter, em sua origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou ao absurdo, E sobre estes fatos

que o Espiritismo vem lançar a luz, dando os meios de fazer a parte do erro e da verdade.

DEUS FAZ MILAGRES?

15. - Quanto aos milagres propriamente ditos, **nada sendo impossível a Deus**, sem dúvida ele os pode fazer; e os faz? Em outros termos: derroga as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; entretanto, temos como critério de nosso julgamento, com respeito às coisas divinas, os atributos do próprio Deus. Ao soberano poder aliar-se a soberana sabedoria, de onde é preciso concluir que ele nada faz de inútil.

Por que, pois, faria milagres? Para atestar o seu poder, diz-se; mas o poder de Deus não se manifesta, de maneira bem mais impressionante, pelo conjunto grandioso das obras da criação, pela sabedoria providente que preside às suas partes mais ínfimas como as maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e pueris interrogações que todos os prestigiaadores sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desarranjasse o relógio que construísse, obra-prima da ciência, a fim de mostrar que desfaz o que fez? Seu saber, ao contrário, não ressalta mais da regularidade e da precisão do movimento?

A questão dos milagres, propriamente ditos, não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas, apoiando-se sobre este raciocínio: que Deus nada faz de inútil, emite esta opinião que:

Os milagres, não sendo necessários à glorificação de Deus, nada, no Universo, se desvia das leis gerais. Deus não faz milagres, porque sendo as suas leis perfeitas, não tem necessidade de derogá-las. Se há fatos que não compreendemos, é porque nos faltam ainda os conhecimentos necessários.

16. - Admitindo que Deus pudesse, por razões que não podemos apreciar, derrogar acidentalmente as leis que estabeleceu, estas leis não seriam mais imutáveis; mas ao menos é racional pensar que só ele tem esse poder; não se poderia admitir, sem negar-lhe a onipotência, que seja dado ao Espírito do mal desfazer a obra de Deus, em fazendo, de sua parte, prodígios para seduzir mesmo os eleitos, o que implicaria a idéia de um poder igual ao seu; é, todavia, o que se ensina. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são a obra divina, sem a permissão de Deus, ele é mais poderoso do que Deus: Deus, pois, não possui a onipotência; se Deus lhe delega esse poder, como se pretende, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não é mais a soberana bondade. Num e no outro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

A Igreja também distingue os bons milagres, que vêm de Deus, dos maus milagres que vêm de Satanás; mas, como diferenciá-los? Que um milagre seja satânico ou divino, isso não seria menos uma derrogação às leis que emanam só de Deus; se um indivíduo é curado, supostamente por milagre, que isso seja pelo fato de Deus ou de Satanás, ele não é menos curado. É necessário ter uma idéia bem pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas em nossos dias.

Estando reconhecida a possibilidade de certos fatos, reputados milagrosos, disto é necessário concluir que, qualquer que seja a fonte que se lhes atribua, são efeitos naturais dos quais Espíritos ou encarnados podem usar, como de tudo, como de sua própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, segundo a sua bondade ou a sua perversidade. Um ser perverso, aproveitando o seu saber, pode, pois, fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando esses efeitos têm, por resultado, um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17. - Mas, diz-se, a religião se apóia sobre fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é uma outra questão. Sabe-se as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos sem contradita, e que hoje entrou no domínio da lei universal, não se vê já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados, hoje, pertencerem à ordem das coisas naturais, segundo a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos deste gênero, qualificados de sobrenaturais; mas como são encontrados análogos, e mais maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza destes fatos, não se saberia muito aquela que devesse prevalecer.

O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

18. - Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja a chave da abóbada do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa; fazendo-se repousar as bases do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, é dar-lhe um apoio frágil do qual as pedras se destacam a cada dia. Esta tese, de que eminentes teólogos se fizeram defensores, conduz direto a esta conclusão de que, num tempo dado, não haverá mais religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é considerado sobrenatural for demonstrado natural; porque será em vão amontoar argumentos, não se chegará a manter a crença de que um fato é miraculoso, quando está provado que ele não o é; ora, a prova de que um fato não é uma exceção, nas leis naturais, é quando ele pode ser explicado por estas mesmas leis, e que, podendo se reproduzir por intermédio de um

indivíduo qualquer, cessa de ser o privilégio dos santos. Não é o sobrenatural que é necessário às religiões, mas bem o princípio espiritual, que se confunde erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida do que os milagres, são as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual, como o princípio material; esta base desafia o tempo e a ciência, porque o tempo e a ciência virão sancioná-la.

Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derogado as suas leis, grandes sobretudo por sua imutabilidade. Elas não têm necessidade do sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido; não é a Natureza bastante imponente, por si mesma, e falta-lhe acrescentar para provar o poder supremo? A religião encontrará tanto menos incrédulos quando for, em todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção; ao contrário, não pode, com isso, senão ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo, na opinião de certas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. - Tomando-se a palavra milagre em sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, teremos, sem cessar, milagres aos nossos olhos; nós os aspiramos no ar e os pisamos sob os nossos passos, porque tudo é milagre na Natureza.

Quer se dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma idéia do poder de Deus? E' necessário mostrar-lhes a sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, segundo o meio onde está chamado a viver; é necessário mostrar-lhes a ação de Deus no rebento da erva, na flor que desabrocha, no

Sol que a tudo vivifica; é necessário mostrar-lhes a sua bondade na sua solicitude por todas as criaturas, tão ínfimas que sejam, a sua providência na razão de ser de cada coisa, da qual nenhuma é inútil, do bem que sai sempre do mal aparente e momentâneo. Fazei-os compreender, sobretudo, **que o mal real é a obra do homem, e não a de Deus**; não procureis amedrontá-los pelo quadro das chamas eternas, nas quais acabam por não acreditar e que lhes fazem duvidar da bondade de Deus; mas encorajai-os pela certeza de poderem se resgatar um dia e reparar o mal que puderam fazer; mostrai-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas, e não como a obra de Satanás; ensinai-os, enfim, a lerem no livro da Natureza, sem cessar aberto diante deles; neste livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página; então compreenderão que um Ser tão grande, se ocupando de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso. O lavrador velo-á em traçando seus sulcos, e o infeliz o abençoará em suas aflições, porque a si mesmos dirão: **Se sou infeliz, foi por minha falta**. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos sobretudo, bem melhor do que se cresse em pedras que suam o sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.

Allan Kardec

CONDUTA ESPÍRITA

PERANTE O FENÔMENO

No desenvolvimento das tarefas doutrinárias, colocar o fenômeno mediúnico em sua verdadeira posição de coadjuvante natural da convicção, considerando-o, porém, dispensável, na construção moral a que nos propomos.

A Doutrina Espírita é luz inalterável.

Conduzir as possibilidades de divulgação do Espiritismo, em qualquer setor, no trabalho da evangelização, conferindo-lhe preferência sobre a ação fenomenológica.

Ante os imperativos da responsabilidade moral, todo fenômeno é secundário.

Atingir outros estados de compreensão das verdades que nos enriquecem a fé, acatando as aspirações dos metapsiquistas, dos parapsicólogos e dos estudiosos acadêmicos em geral, sem, contudo, comprometer-se, demasiado, com os empreendimentos que lhes digam respeito.

Viver segundo o Evangelho - eis a nossa necessidade fundamental.

Jamais partilhar de assembléias espíritas visando unicamente a sucessos espetaculares.

As manifestações mediúnicas não são a base essencial do Espiritismo.

Descentralizar a atenção das manifestações fenomênicas havidas em reuniões de que participe, para deter-se no sentido moral dos fatos e das lições.

Na mediunidade, o fenômeno constitui o envoltório externo que reveste o fruto do ensinamento.

"Irmãos, não sejais meninos no entendimento. Paulo. (I CORÍNTIOS, 14:20.)

André Luiz

CORRENTEZA DE LUZ

1 - FENÔMENO COM O PERISPÍRITO

"Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium?"

"Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos." (O livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. IV, item 74, pergunta XV)

Em virtude das sutilezas que o caracterizam, o corpo sutil da alma apresenta-se em situações as mais curiosas e belas, capazes de suscitar a nossa observação para o seu processamento, nas diversas ocorrências em que esteja envolvido.

O perispírito, compondo-se de uma estrutura eletromagnética, envolvida por substâncias fluídicas que, obedecendo ao comando do Espírito, assumem configurações especiais, comporta-se como um corpo que vibra, como um todo, e com oscilações específicas em suas diversas regiões, sustentadas pela atividade dos seus mais importantes centros energéticos.

Em razão de funcionar sob ação vibratória do Agente Espiritual, em torno do qual se estabelece, o perispírito emite ondas luminosas. Por causa da intensidade maior ou menor dessas vibrações, em função dessas

freqüências, encontraremos luminosidades mais ou menos pujantes, perpassando todas as faixas de luminescência, como conseqüência dos degraus evolutivos em que se acham os Espíritos.

Tal luminescência, exuberante nos seres angélicos e pálidas ou inexpressivas nos de menor progresso anímico, chega quase à nulidade nas almas banais, atingindo a opacidade nos Espíritos empedernidos no mal.

As Entidades sublimadas podem inibi-la, por livre iniciativa, para atender a objetivos variados na lide do bem. Podem tornar-se opacas nos misteres em que tal providência contribua para maior e melhor aproximação daqueles de mais tibia evolução, como um dia de sol vedado por nuvens que logo esmaecem, deixando à mostra a fulgurante face solar.

Não devemos desconhecer que as intensas vibrações perispirituais, além de determinarem fenômenos luminosos, propiciam também fenômenos acústicos, por meio de sons os mais diversos, desde as harmonias dúcidas aos ruídos mais incômodos.

Sabendo-se que os aromas diversos são devidos às exalações distintas das substâncias que se evolvem dos corpos, é compreensível que há odores não perceptíveis ao olfato comum, como há outros de intensa atuação.

Com a ação de Espíritos enobrecidos em determinados ambientes, podem eles realçar perfumes suaves não captados, mas que já existiam ali, valendo-se de seu domínio sobre os fluidos físicos, como podem também produzir sobre esses fluidos diversificados olores que vão modificando de acordo com seus interesses e sua vontade. É graças à neutralidade dos fluidos básicos que isso pode se dar.

Por outro lado, é em função dessa mesma neutralidade que Entidades infelizes podem provocar sensações olfativas de péssimas qualidades.

Não é à toa que encontramos, nos contos e histórias de todos os tempos, afirmativas de que os "demônios", onde e quando se apresentam, fazem explodir maus odores de "enxofre", que é a substância com a qual são associados os fétidos de Entidades inferiores, na escalada das perturbações, ao mesmo tempo que se fala a respeito de arrastamento de correntes pesadas pelo chão, causando pavor aos que o ouvem.

Do mesmo modo, há narrativas que retratam regiões espirituais enobrecidas pelo amor e pela prática do bem, que, quando visitadas por Numes Benfeitores, projetam santificadas essências, com musicalidade celestial.

Não descartamos, é certo, a possibilidade de os Espíritos, nos variados graus de evolução, poderem produzir luzes, sons ou olores, dentro das suas capacidades, valendo-se dos fluidos ectoplásmicos, nos fenômenos mediúnicos de variado porte, uma vez que a ectoplasmia pode ser trabalhada por indivíduos em diversos níveis de progresso intelectual e moral, conforme os caracteres dos grupos humanos que a eles se liguem, ou em função das necessidades de aprendizados que se imponham.

Tanto a glória alvinitente dos Espíritos Egrégios, dos "santos", quanto as sombras adensadas das almas danadas, dos "demônios", produzem-se por meio dessas vibrações que, partidas do cerne do Espírito, fazem com que seu envoltório, o perispírito, pulse na mesma frequência, exteriorizando o que se passa nessa intimidade.

Embora sejam fenômenos mais notados com os desencarnados, dão-se, também, com os encarnados, e podem ser percebidos pelos sentidos dilatados da mediunidade.

Aplica-te, nos pensamentos e nas ações do bem, que já conheces teoricamente, a fim de que, nas lutas renovadoras, possas refletir o Cristo que, por enquanto, jaz adormecido em teu íntimo, mas que um dia será sol radioso a iluminar a Vida, a partir da tua vida.

"VÓS sois deuses". Não olvides esse ensino. Que brilhe, pois, a tua luz!

2 - OS FENÔMENOS NO MUNDO

"Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois sítios diversos, o que passou por milagre.

"Santo Antônio de Pádua estava pregando na Itália, quando seu pai, em Lisboa, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassinato. No momento da execução, Santo Antônio aparece e demonstra a inocência do acusado. Comprovou-se que, naquele instante, Santo Antônio pregava na Itália, na cidade de Pádua." (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. VII, item 119, §§ 2.De 3.)

Em toda a história do gênero humano sobre a Terra, tomamos conhecimento dos múltiplos fenômenos de ordem para psíquica ocorridos no seio dos grupos e sociedades, nos mais variados estados de desenvolvimento ou de cultura.

Os fenômenos mediúnicos, em todas as épocas, sinalizam com essa possibilidade de os homens travarem contato com os que já se desligaram dos vínculos orgânicos, os chamados mortos.

Em várias cidades surgiram os magos, os hierofantes, os richis, os profetas, os pítons, as sibilas, acelerando o processo de comunicação entre os dois campos da Vida, ainda que lhes custasse o ônus do próprio sossego ou da própria vida, quando tomados por elementos demoníacos, sendo tais inter-relações admitidas como malévolas.

Fenômenos inumeráveis ocorreram em vastas proporções, com os Espíritos escrevendo diretamente, falando diretamente, mostrando-se claramente à luz do dia ou no íntimo da noite, convocando os homens a um nível de

pensamento mais alto em torno dos objetivos de seus compromissos no mundo.

Em todos os tempos e em todas as capas sociais, apresentaram-se aqueles que eram capazes de intercambiar com o Invisível, provocando fenômenos diversíssimos, que quase nunca eram devidamente compreendidos e, até por isso mesmo, pouco respeitados, sem que deles se retirassem benesses para o aprimoramento do ser.

Desde Krishna, na Índia, até Moisés entre os hebreus; de Zoroastro entre os persas a Francisco de Assis, na Úmbria: de Akenaton, na África, até Dunglas Home. Eusápia, Lenora Piper e Slade, assombrando os pesquisadores da Europa e da América do Norte, aos médiuns em serviço profícuo na atualidade, jamais faltaram fenômenos, convites e apelos para o crescimento da Humanidade, que deverá ser atenta à realidade do mundo extracorpóreo.

Da psicografia à pneumatografia, da psicofonia à pneumatofonia, da xenoglossia à ectoplasmia, os fatos se fizeram luxuriantes em todo lugar.

Em poucas épocas, contudo, a Humanidade contatou tantas grandezas fenomênicas como ao tempo do Divino Amigo entre nós, no mundo. Seu berço, assinalado pela inefável claridade que os Seres Egrégios forjavam na madrugada sublimada de Sua chegada (Mt, 2:2) até a transformação da linfa em capitoso néctar, no himeneu de Caná Jo. 2:7,9 e 11), da cura dos leprosos nas regiões de Samaria e Galiléia (Lc. 17:17); à cura de Bartimeu, nas estradas empoeiradas de Jericó (Mc. 10:46), da multiplicação de alimento para as massas (Mt. 14:13-21) ao prodígio de fazer Lázaro retornar das mãos da morte (Lc. 11:23 e 24); da mulher hemorrágica que reassume a saúde (Mc. 5:34) até o reaparelhamento dos membros do parálítico de Cafarnaum" (Lc. 5:24), entre uma vastidão de outros eventos notáveis, foi o Luminoso Galileu aquele que reabriu o estuário dos fenômenos da inter-

relação com os Espíritos, desde sempre desafiadora, desde há muito combatida pelos que prefeririam o silêncio inconcebível da sepultura, por razões muito pessoais.

Em toda a saga dos intermediários que se puseram no mundo a serviço do bem, destaca-se a imperiosa necessidade de se refazer as rotas do homem, para a busca do melhor e do mais belo, com vistas ao futuro ensolarado da alma.

O maior interesse dos Nobres Emissários que tutelam o desenvolvimento planetário não é produzir fatos para deleite dos sentidos físicos. Ao contrário, chegam para instalar na Terra o Reino do Amor, convertendo déspotas em apóstolos, mendigos da paz em homens pujantes de luz, indiferentes e gozadores em indivíduos devotados e responsáveis.

O mais eloqüente fenômeno que os Céus aguardam que ocorra no mundo é o da conversão do Espírito equivocado para que realize o seu encontro com o Criador.

Contudo, o fenômeno mediúnico é apenas meio: a sua finalidade é a estrada da redenção.

O fenômeno mediúnico não deverá estar dissociado dos anelos de renovação e progresso de cada indivíduo.

Somente quando Jesus houver sido entronizado na alma da coletividade, para instalar o verdadeiro amor na Humanidade, o objetivo dos mais eminentes fenômenos terá sido atingido sobremodo, pela luz que brilhará na frente do médium que cada um será da Vontade Celeste sobre o mundo.

Camilo

CRISTIANISMO E ESPIRITISMO

1 - OS FENÔMENOS ESPÍRITAS NA BÍBLIA

Muito se tem insistido sobre as proibições de Moisés, contidas no Êxodo, no Levítico e no Deuteronômio. É inspirados em tais proibições que certos teólogos condenam o estudo e a prática dos fatos espíritas.

Mas o que Moisés condena são os mágicos, os adivinhos, os áugures, numa palavra, tudo o que constitui a magia, e é o que o próprio espiritualismo moderno também condena. Essas práticas corrompiam a consciência do povo e lhe paralisavam a iniciativa; obscureciam nele a idéia divina, enfraquecendo a fé nesse Ente supremo e onipotente que o povo hebreu tinha a missão de proclamar. Por isso não cessavam os profetas de o advertir contra os encantamentos e sortilégios que o perdiam. (Isaías, XI.VII, 12-15)

As proibições de Moisés e dos profetas tinham apenas um fim: preservar os hebreus da idolatria dos povos vizinhos. É possível também que não visassem senão o abuso, o mau uso das evocações, porque, apesar dessas proibições, são abundantes na Bíblia os fenômenos espíritas. O papel dos videntes, dos oráculos, das pitonisas, dos inspirados de toda ordem é ali considerável. Lá não vemos Daniel, por exemplo, provocar, por meio da prece, fatos mediúnicos? (Daniel, IX, 21.) O livro que traz o seu nome é, entretanto, reputado inspirado.

Como poderiam as proibições de Moisés servir de argumento aos crentes dos nossos dias, quando, nos tres primeiros séculos da nossa era, nisso

não viam os cristãos o menor obstáculo às suas relações com o mundo invisível?

Dizia S. João: "Não acrediteis em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus," (I João, IV, 1.) Não há aí uma proibição; ao contrário.

Os hebreus, cuja crença geral era que a alma do homem, depois da morte, era restituída ao sheol, para dele jamais sair (job, X, 21, 22), não hesitavam em atribuir ao próprio Deus todas essas manifestações. Deus intervém a cada passo, na Bíblia, e às vezes mesmo em circunstâncias bem pouco dignas dele.

Era costume consultar os videntes sobre todos os fatos da vida íntima, sobre os objetos perdidos, as alianças, os empreendimentos de toda ordem. Lê-se em Samuel I, cap. IX, V. 9:

"Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se: Vinde, vamos ao vidente. - Por que os que hoje se chamam profetas, chamavam-se videntes."

O sumo-sacerdote mesmo proferia julgamentos ou oráculos mediante um objeto de natureza desconhecida, chamado urim, que colocava sobre o peito. (Êxodo, XXVIII, 30. - Números, XXVII, 21.)

Por uma singular contradição nos que negavam as manifestações das almas, ia-se muitas vezes evocar os mortos, admitindo desse modo os fatos, depois de haver negado a causa que os produzia. É assim que Saul faz evocar o Espírito de Samuel pela pitonisa de Êndor I Samuel, XXVIII, 7-14.) (Livro de Jó, IV, 13-16)

De tais narrativas resulta que, não obstante a ausência de toda noção sobre a alma e a vida futura, a despeito das proibições de Moisés, entre os hebreus alguns acreditavam na sobrevivência e na possibilidade de comunicar com os mortos. Daí a explicar a desigualdade de inspiração dos profetas e seus freqüentes erros, pela inspiração dos Espíritos mais ou

menos esclarecidos, não há mais que um passo. Como o não deram os autores judaicos? E, entretanto, não havia outra explicação. Sendo Deus a infinita sabedoria, não é possível considerar proveniente dele uma doutrina que descarta de fixar o homem sobre um ponto tão essencial como o dos seus destinos além-túmulo; ao passo que os Espíritos não são senão as almas dos homens desencarnados, mais ou menos puras e esclarecidas, não possuindo sobre as coisas senão limitado saber. Sua inspiração, projetando-se nos profetas, devia necessariamente traduzir-se por ensinamentos, ora opulentos e elevados, ora vulgares e repletos de erros.

Em muitos casos mesmo deveram eles ter em conta, em suas revelações, as necessidades do tempo e o estado de atraso do povo a que eram dirigidos.

Pouco a pouco as crenças dos judeus se ampliaram e se completaram ao contacto de outros povos mais adiantados em civilização. A idéia da sobrevivência e das existências sucessivas da alma, vinda do Egito e da Índia, penetrou na Judéia. Os saduceus increpavam os fariseus de terem assimilado dos orientais a crença nas vidas renascentes da alma. Esse fato é afirmado pelo historiador Josefo (Antig. jud., I, XVIII). Os essênios e os terapeutas professavam a mesma doutrina. Talvez existisse mesmo, desde essa época na Judéia, como se provou mais tarde, ao lado da doutrina oficial, uma doutrina secreta, mais completa, reservada às inteligências de escol.

Como quer que seja, voltemos aos fatos espíritas mencionados na Bíblia, os quais estabelecem as relações dos hebreus com os Espíritos dos mortos, em condições análogas às que são hoje observadas.

Do mesmo modo que em nossos dias, os seus médiuns, a que eles chamavam profetas, eram como tais reconhecidos em razão de uma faculdade especial (Números, XII, 6), às vezes latente e que exigia um

desenvolvimento particular semelhante ao ainda hoje praticado nos grupos espíritas, como o vemos a respeito de Josué, que Moisés "instrui" pela imposição das mãos (Números, XXVII, 15-23:) Esse fato se reproduz muitas vezes na história dos apóstolos.

Semelhante à dos médiuns, a lucidez dos profetas era intermitente. "Os mais esclarecidos profetas - diz Le Maistre de Sacy, em seu comentário do livro I dos Reis - nem sempre possuem a faculdade de arroubo na profecia." (Ver também Isaías, XXIX: 10.)

Tal qual como hoje, as relações mediúnicas custavam por vezes a se estabelecer: Jeremias espera dez dias uma resposta à sua súplica. (Jer., XLII, 7.)

Outros exploravam sua pretensa lucidez, dela fazendo tráfico e ofício. Lê-se em Ezequiel, capítulo XIII, 2, 3 e 6:

"Filho do homem, dirige as tuas profecias aos profetas de Israel que se metem a profetizar, e dirás a estes que profetizam por sua cabeça: Ai dos profetas insensatos que seguem o seu próprio espírito e não vêem nada:

"...Eles vêem coisas vãs e adivinham a mentira, dizendo: o Senhor assim o disse, sendo que o Senhor os não enviou; e eles perseveram em afirmar o que uma vez disseram." (Ver também Miquéias, III, 11 e Jeremias, V, 31).

Na antiguidade judaica, muitas vezes se recorria à música para facilitar a prática da mediunidade. Eliseu reclama um tocador de harpa para poder profetizar (II Reis, III, 15), e a obscuridade era considerada propícia a essa ordem de fenômenos.

"O eterno quer assistir na obscuridade", diz Salomão, falando do lugar santo, por ocasião da consagração do Templo (Crôn., II, VI, 1) , e é, com efeito, no santuário que se dão muitas vezes as manifestações; aí se mostra

a "nuvem" (II, Paralip., v, 13, 14), e nele vê Zacarias o anjo que lhe prediz o nascimento de seu filho. (Lucas, I, 10 e seguintes.)

A música era igualmente empregada para acalmar as pessoas ateadas por algum mau Espírito, como o vemos com Saul, que a harpa do jovem David aliviava. (I, Samuel, XVI, 14-23.)

Apreciando em seu valor o dom da mediunidade, aplicavam-se então, como ainda hoje, a desenvolvê-la, com a diferença apenas de que o que hoje se faz limitadamente entre os espíritas, se praticava outrora em maior escala. Já no deserto, Moisés, aquele grande iniciado, havia comunicado o dom da profecia a setenta ancião de Israel (Números, XI, e mais tarde, na Judéia, se contavam diversas escolas de profetas, ou, por dizer diversamente, de médiuns em Betel, Jericó, Gargala, etc.

A vida que aí se levava, toda de recolhimento, de meditação e prece, predispunha para as influências espirituais. Certos profetas prediziam o futuro; outros falando ao povo por inspiração, lhe excitavam o zelo religioso e o exortavam a uma vida moralizada.

As expressões de que se serviam para indicar que se achavam possuídos pelo Espírito fazem lembrar o modo por que esses fenômenos continuam a produzir-se em nossos dias. "O peso, ou o Verbo do Senhor está sobre mim. O Espírito do Senhor entrou em mim. Eu vi, e eis o que diz o Senhor." Recordemos que, nessa época, toda inspiração era considerada diretamente proveniente da Divindade. "O espírito caiu sobre ele", diz ainda a Escritura a respeito de Sansão, cuja mediunidade tinha o característico da impetuosidade. (Juizes, XV, 14.)

Quanto aos fenômenos em si mesmo, um exame, por pouco demorado que seja, das narrativas bíblicas, nos provará que eram idênticos aos que hoje se obtêm.

Passemos rapidamente em revista, começando pelos que, tendo primeiro chamado a atenção em nossos dias sobre o mundo invisível, simbolizam ainda, aos olhos de certos observadores muito superficiais ou pouco iniciados, o fato espírita em si mesmo; queremos falar dos movimentos de objetos sem contacto. A Bíblia (IV Reis, II, 6), nos refere que Eliseu faz vir à superfície, lançando um pedaço de madeira à água, o ferro de um machado que nela havia caído.

Da levitação, esse mesmo Eliseu transportado "para o meio dos cativos que viviam junto do rio Chobar" (Ez., III, 14, 15), e Filipe que subitamente desaparece aos olhos do eunuco e se encontra novamente em Azot (Atos, VIII, 39, 40), são exemplos notáveis. A propósito de escrita mediúnica, pode citar-se a das tábuas da lei (Êxodo, XXXII, 15, 16: XXXIV, 28). Todas as circunstâncias em que essas tábuas foram obtidas provam exuberantemente a intervenção do mundo invisível.

Não menos comprovativa é a inscrição traçada, por uma mão materializada, em uma das paredes do palácio durante um festim que dava o rei Baltasar. (Daniel, capítulo v.)

Poder-se-ia considerar como fenômenos de transporte o maná de que se alimentam os israelitas em sua jornada para Canaã, o pão e vaso d'água, colocados ao pé de Elias, quando despertou, por ocasião de sua fuga pelo deserto a Reis, XIX, 5 e 6) etc.

Todos os fenômenos luminosos hoje observados têm igualmente seus paralelos na Bíblia, desde a simples irradiação perispírita notada em Moisés (Êx., XXXIV, 29, 30), e no Cristo (transfiguração), e a produção de luzes (ATos, II, 3, e IX, 3) , até as aparições completas que não se contam na Bíblia, tão freqüentes são.

A mediunidade auditiva tem numerosos representantes na Judéia: os repetidos chamados dirigidos ao jovem Samuel (I Reis, IID, a voz que fala a

Moisés (Exodo, XIX, 19) a que se faz ouvir na ocasião do batismo do Cristo (Lucas, III, 22) , como a que o glorifica pouco antes da sua morte (João, XII, 28), são outros tantos fatos espíritas.

As curas magnéticas são inúmeras. Ora a prece e a fé reforçam a ação fluídica, como no caso da filha de Jairo (Lucas, VIII, 41, 42, 49-56), ora a força magnética intervém só por si, sem participação da vontade (Marcos, V, 25-34), ou ainda se obtém a cura por imposição das mãos, ou por meio de objetos magnetizados (Atos, XIX, 11-12).

A mediunidade com o copo d'água igualmente se encontra nessas antigas narrativas. Que é, de fato, a taça de que José se servia (Gênesis, XLIV, 5) "para adivinhar", senão o vulgar copo d'água, ou a esfera de cristal, ou qualquer outro objeto que apresente uma superfície polida em que os médiuns atuais vêm desenhar-se quadros que são os únicos a perceber?

Na Bíblia podem-se ainda notar casos de clarividência, compreendendo, então, como hoje, sonhos, intuições, pressentimentos, formas ou derivados da mediunidade que, em todos os tempos, foram grandemente numerosos e se reproduzem agora às nossas vistas.

Digamos ainda uma palavra da inspiração, esse afluxo de elevados pensamentos que vem do alto e imprime às nossas palavras algo de sobre-humano. Moisés, que apresentava todos os gêneros de mediunidade, profere, em diferentes lugares, cânticos inspirados ao Eterno, como por exemplo, o do capítulo XXXII do Deuteronômio.

Um caso notável, assinalado nas Escrituras, é o de Balaão.

Esse mago caldeu cede às reiteradas solicitações do rei de Moab, Balac, e vem dos confins da Mesopotâmia para amaldiçoar os israelitas. Sob a influência de Jeová é obrigado, repetidas vezes, a elogiar e abençoar esse povo, com decepção cada vez maior de Balac (Números, XXII, XXIII, XXIV).

Os homens da Judéia, esses profetas de ânimo impetuoso, experimentaram também os benefícios da inspiração, e graças a esse dom, a esse sopro que anima os seus discursos, é que a antiga Bíblia hebraica deve ter sido muito tempo considerada o produto de uma revelação divina. Pretendeu-se desconhecer as numerosas falhas que nela se patenteiam aos olhos de um observador sem preconceitos, a insuficiência, a puerilidade dos conselhos, ou dos ensinamentos implorados a Deus (Gên., XXV, 22; I Reis, IX, 6; IV Reis, I, 1-4; I Reis, XXX, 1-8), quando nos censurariam, com razão, de tratar dessas coisas nos grupos espíritas. Esquecem-se as crueldades aprovadas, mesmo quase recomendadas por Jeová, os escabrosos detalhes, finalmente tudo o que, nesse livro, nos revolta ou provoca a nossa reprovação, para não ver senão as belezas morais que nele se contêm e sobretudo a expressão de uma fé viva e passional, que espera o reino da justiça, senão para a geração contemporânea, que só a esperança ampara e fortifica, ao menos para as gerações futuras.

Léon Denis

EMMANUEL

1 - A SUBCONSCIÊNCIA NOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Todas as teorias que pretendem elucidar os fenômenos mediúnicos, alheios à Doutrina Espiritista, pecam pela sua insuficiência e falsidade.

Em vão, procura-se complicar a questão com termos rebuscados, apresentando-se as hipóteses mais descabidas e absurdas, porquanto os conhecimentos hodiernos da Física, da Fisiologia e da Psicologia não

explicam fatos como os de levitação, de materialização, de natureza, afinal, genuinamente espírita.

Para a ciência anquilosada nas concepções dogmáticas de cada escola, a fenomenologia mediúnica não deve constituir objeto de ridículo e de zombaria, mas sim um amontoado de materiais preciosos à sua observação.

Felizmente, se muitos dos pesquisadores criaram os mais complicados sistemas elucidativos, cheios de extravagância nas suas enganadoras ilações, alguns deles, desassombadamente, têm colaborado com a filosofia espiritualista para a consecução dos seus planos grandiosos, que implicam a felicidade humana.

A SUBCONSCIÊNCIA

A subconsciência, tão investigada em vosso tempo, não elucida os problemas dos chamados fenômenos intelectuais. Os estudos levados a efeito sobre essa câmara escura da mente são ainda mal orientados e, apesar disso, muitas teorias apressadas presumem explicar todo o mediunismo com a sua estranha influência sobre o "eu" consciente. De fato, existem os fenômenos subliminais; todavia, a subconsciência é o acervo de experiências realizadas pelo ser em suas existências passadas. O Espírito, no labor incessante de suas múltiplas existências, vai ajudando as séries de suas conquistas, de suas possibilidades, de seus trabalhos; no seu cérebro espiritual organiza-se, então, essa consciência profunda, em cujos domínios misteriosos se vão arquivando as recordações, e a alma, em cada etapa da sua vida imortal, renasce para uma nova conquista, objetivando sempre o aperfeiçoamento supremo.

O OLVIDO TEMPORÁRIO

O esquecimento, nessas existências fragmentárias, obedecendo às leis superiores que presidem ao destino, representa a diminuição do estado vibratório do Espírito, em contacto com a matéria. Esse olvido é necessário, e, afastando-se os benefícios espirituais que essa questão implica, à luz das concepções científicas, pode esse problema ser estudado atenciosamente.

Tomando um novo corpo, a alma tem necessidade de adaptar-se a esse instrumento. Precisa abandonar a bagagem dos seus vícios, dos seus defeitos das suas lembranças nocivas, das suas vicissitudes nos pretéritos tenebrosos. Necessita de nova virgindade; um instrumento virgem lhe é então fornecido. Os neurônios desse novo cérebro fazem a função de aparelhos quebradores da luz; o sensorio limita as percepções do Espírito, e, somente assim, pode o ser reconstruir o seu destino. Para que o homem colha benefícios da sua vida temporária, faz-se mister que assim seja.

Sua consciência é apenas a parte emergente da sua consciência espiritual; seus sentidos constituem apenas o necessário à sua evolução no plano terrestre. Daí, a exigüidade das suas percepções visuais e auditivas, em relação ao número inconcebível de vibrações que o cercam.

AS RECORDAÇÕES

Todavia, dentro dessa obscuridade requerida pela sua necessidade de estudo e desenvolvimento, experimenta a alma, às vezes, uma sensação indefinível ... é uma vocação inata que a impele para esse ou aquele caminho; é uma saudade vaga e incompreensível, que a persegue nas suas meditações; são os fenômenos introspectivos, que a assediam freqüentemente.

Nesses momentos, uma luz vaga da subconsciência atravessa a câmara de sombras, impostas pelas células cerebrais, e, através dessa luz coada, entra o Espírito em vaga relação com o seu passado longínquo; tais fatos são vulgares nos seres evoluídos, sobre quem a carne já não exerce

atuação invencível. Nesses vagos instantes, parece que a alma encarnada ouve o tropel das lembranças que passam em revoada; aversões antigas, amores santificantes, gostos aprimorados, de tudo aparece uma fração no seu mundo consciente; mas, faz-se mister olvidar o passado para que se alcance êxito na luta.

AOS TRABALHADORES DA VERDADE

Nos tempos atuais, todo o trabalho de quantos se devotam à disseminação das teorias spiritistas deve ser o de colaboração com os estudiosos da Verdade. Não é o desejo de proselitismo ou de publicidade que os deve animar, porém, a boa-vontade em cooperar com os seus atos, palavras e pensamentos, a favor da grande causa.

Todos nós objetivamos, com a nossa árdua tarefa, ampliar o conhecimento humano, com respeito às realidades espirituais que constituem a vida em si mesma, a fim de que se organize o ambiente favorável ao estabelecimento da verdadeira solidariedade entre os homens.

2 - A FENOMENOLOGIA ESPÍRITA

A fenomenologia, nos domínios do psiquismo, em vosso século, visa ao ensinamento, à formação da profunda consciência espiritual da Humanidade, constituindo, desse modo, um curso propedêutico para as grandes lições do porvir. É, por essa razão que necessitamos de operar ativamente para que a Ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações de espiritualidade.

Pode parecer que o materialismo separou para sempre a Ciência da Fé; isso, porém, não aconteceu, e o nosso trabalho de agora simboliza o esforço para que os investigadores cheguem a compreender o que o Céu tem revelado em todos os tempos.

A PSICOLOGIA E A "MENS SANA"

A psicologia antiga pecava extremamente pela insuficiência dos seus métodos. O ser pensante achava-se, para ela, isolado do corpo, estudando assim os seus fenômenos introspectivos de maneira deficiente e imperfeita.

A psicologia moderna vai mais longe. A sua metodologia avançada estuda racionalmente todos os problemas da personalidade humana, unindo os elementos materiais e espirituais, resolvendo uma das grandes questões dos cientistas de antanho.

O corpo nada mais é que o instrumento passivo da alma, e da sua condição perfeita depende a perfeita exteriorização das faculdades do espírito. Da cessação da atividade deste ou daquele centro orgânico, resulta o término da manifestação que lhe é correspondente: daí provém toda a verdade da "mens sana" e o grande subsídio que a psicologia moderna fornece aos fisiologistas como guia esclarecedor da patogenia.

O corpo não está separado da alma; é a sua representação. As suas células são organizadas segundo as disposições perispiríticas dos indivíduos, e o organismo doente retrata um espírito enfermo. A patologia está orientada por elementos sutis, de ordem espiritual.

Emmanuel

**ENFOQUES
CIENTÍFICOS NA
DOCTRINA
ESPÍRITA**

FENÔMENOS PARANORMAIS

Os fenômenos paranormais foram também denominados de espirituais por estarem atados às estruturas do espírito humano. Pela dificuldade de serem definidos representam sempre motivo de preocupação por parte da humanidade e, por transcenderem aos fatos psicológicos já homologados pela ciência, foram denominados de parapsicológicos.

Os pesquisadores mais dedicados aos fenômenos psíquicos ainda não puderam avaliar, com precisão, a mecânica desses fatos, embora estejam profundamente interessados nas leis que os regem. Sabemos que não existe um único processo ou lei que explique as suas razões - são muitos mecanismos em ação, combinados ou associados. Apesar das conquistas da física nuclear e melhor entendimento dos diversos campos de energia, a conceituação dos fenômenos espirituais não mais se limitam à referência dos fatos em si, mas, sim, estão a exigir a estruturação dos mecanismos que estão em jogo. Ainda muito pouco sabemos a respeito, porém a própria ciência vem proporcionando estudos e verificações de tão expressivas e interessantes manifestações da vida.

As escolas filosóficas mais categorizadas que a humanidade conheceu trataram com desvelado interesse das manifestações parapsicológicas, de modo esparso, sem enquadramento científico, mas que trouxeram interessantes subsídios no esclarecimento dessa temática. Com isso, não podemos esquecer os pensamentos pitagóricos, socráticos, platônicos e aristotélicos, como os mais expressivos da civilização helênica, a partir de 700 anos A.C.

Os fenômenos parapsicológicos atravessaram os séculos com as tonalidades e selos de suas próprias épocas, sendo acompanhados, mais a miúdo, pelas seitas e religiões, porquanto a ciência não tinha possibilidades de avaliações, ficando, desse modo, a filosofia e a metafísica principalmente, com a responsabilidade das manipulações, algumas vezes absolutamente tendenciosas.

Com o advento da renascença, quando os filósofos do século XVIII iniciaram melhores equações do pensamento, essas idéias vão tomando um sentido mais eloqüente e mais sério. Porém, somente com as descobertas biológicas e físicas, mais bem estruturadas e sedimentadas a partir do século XIX, que os fenômenos parapsicológicos passam a ser enquadrados, melhor avaliados e como que incorporando-se em especial capítulo da Psicologia. Este grupo de idéias e observações foram encontrando apoio nas experiências e estudos dos métodos hipnóticos e aqueles que a psicologia profunda mostrou através dos estudos de Freud, Jung e Adler. E como se os véus da alma se fossem descerrando e mostrando a existência de um imenso conteúdo, porém, ainda, de vacilantes análises e difíceis conotações científicas. "É, claro e lógico que a hipnose, como também, os processos psicanalíticos não solucionaram os problemas, mas concorreram na demarcação de novas veredas em novos campos de trabalho e pesquisa.

"É, preciso que se diga que os capítulos da Psicologia e suas naturais expansões, que fazem parte da Parapsicologia, tiveram iluminações efetivas e proveitosas com o advento da Doutrina Espírita. A Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec não constitui um bloco de propostas e pensamentos filosóficos; sedimentou-se na observação criteriosa, a responder por autêntico processo científico. Houve uma pesquisa bem conduzida de lógicos resultados e confirmações dos fatos analisados. Com a Doutrina Espírita essa fenomenologia encontrou, não só apoio, mas, principalmente, esquemas e orientações que nos dias atuais causam admiração pelo modo como foram estudados e demonstrados. Estranhamos, profundamente, que os pesquisadores da parapsicologia tenham afastado e ocultado o grande pioneiro que foi Allan Kardec; nas páginas da parapsicologia Kardec é o grande esquecido.

Ficamos preocupados com os chamados pesquisadores da parapsicologia quando rejeitam o que de melhor e mais substancioso existe na fenomenologia paranormal, que são os fenômenos mediúnicos. Inegavelmente, existe uma incompreensível prevenção, por parte de muitos experimentadores, contra Kardec. Para nós, o codificador da Doutrina Espírita ofereceu um roteiro onde a ciência, além de suas próprias proposições, pudesse se acobertar na filosofia e mais se influenciasse nos terrenos da ética e da moral.

Para muitos, é necessário afastar a filosofia, a ética e a moral, por se tratarem de terrenos inseguros e ligações religiosas, a fim de que a ciência possa mostrar-se em sua verdadeira nudez. Mas a ciência do homem, ainda fria e divorciada das equações espirituais, perde-se num bátrio de fenômenos que se multiplicam num infinito plano horizontal, sem a necessária verticalização para melhor observação e aproveitamento. As idéias somente se verticalizam e apresentam-se autênticas, com destinação e finalidade, diante das conseqüências morais e suporte filosófico de pensamentos sadios.

Com essa maneira de ver, só poderemos entender os fenômenos da para psicologia em face das conseqüências filosóficas e éticas, já bem traçadas pela Doutrina Espírita que defende e exige sempre uma pesquisa autêntica e sadia. A Doutrina Espírita, pelo seu dinamismo, açambarca todo o panorama da vida, cultuando a ciência em suas expansões mais delicadas e precisas, revestidas pelo entendimento filosófico e moral. Assim, a Parapsicologia, como qualquer ciência, encontra lugar de destaque dentro da Doutrina Espírita, que se ampliará e modificará casos os resultados autênticos da ciência venham demonstrar seus erros. Acontece, porém, que, até o momento, ainda não apareceu qualquer verdade científica que viesse mostrar os erros da Doutrina Espírita. Têm havido, sim, interpretações sectaristas de pessoas sem a devida competência, que não

representam, pelas suas atitudes e informações, a classe dos pesquisadores e pensadores dos quais salientamos, além de A. Kardec, Russel Wallace, W. Barret, Richet, Hans Driesch, W. James, Aksakof, Lombroso, Lodge, Schiaparelli, Flamarion, Myers, Geley, G. Delanne. Gibier, Zollner, W. Crookes, Scherench-Notzing, Claude Bernard, Jung e tantos valores. Mais modernamente, no Brasil, possuímos uma plêiade de pensadores, onde podemos salientar os trabalhos de C. Schutel, Carlos Imbassahy, Herculano Pires, Hernani Guimarães Andrade, C. Alberto Tinoco, Marlene Nobre e muitos outros. Na América do Norte, salientamos a Escola de J. Rhine, que muita contribuição auferiu nos estudos de Soal, Price, Carrigton e outros. Na Rússia, muitas pesquisas estão sendo realizadas, porém obedecendo a temática materialista, onde esses fenômenos, em sua totalidade, seriam conseqüência exclusiva do bioquimismo das células cerebrais.

Devido ao interesse despertado na área parapsicológica, muitos congressos já foram realizados. Lembramos o de Copenhague, em 1922, o de Varsóvia, em 1923, o de Paris, em 1927, o de Atenas, em 1930, o de Oslo, em 1935 e o de Utrecht em 1953. Na maioria desses congressos, não foram abordados certos assuntos, principalmente o ponto referente a reencarnação e sobrevivência, o que mostra o reduzido campo das proposições aventadas.

Outros congressos e seminários aconteceram na Europa, onde o processo reencarnatório, a questão de sobrevivência do espírito e a fenomenologia mediúnica vem ocupando lugar de destaque, apesar de representarem áreas de imensas resistências e, por incrível que pareça, acolitados por indivíduos que participam de atividades espíritas. Neste caso, só podemos explicar tal procedimento, em virtude do indivíduo ocultar-se e enquadrar-se nos preceitos da ciência, chamada de oficial, em suas determinações materialistas; com isto, não queremos dizer que devamos estar atastados

da ciência. Muito ao contrário. Devemos elevar os seus padrões de compreensão nas suas reais conquistas.

A ciência se faz dentro de parâmetros, em face das razões do intelecto humano, ainda limitadas e equacionando as suas verdades pelas verificações de seus próprios limites. O psiquismo humano, avaliado pela zona consciente (psiquismo de superfície), ainda está restrito às medidas de nossos sentidos. Existem muitos fatos que ultrapassam a zona do consciente, atingindo o psiquismo de profundidade, onde uma efusiva multiplicidade de fenômenos podem ser observados. Portanto, podemos dizer que ainda não nos encontramos capacitados para avaliar certos fenômenos do psiquismo, porém, jamais devemos negar tudo aquilo que ainda não percebemos de modo ostensivo.

Na atualidade o termo Parapsicologia toma posição de enquadramento da fenomenologia paranormal, ficando os de Metapsíquica ou de Psifenômenos praticamente abandonados, embora a significação seja a mesma. Os rótulos não definem as posições exatas dos fenômenos; estes, por sua desenvoltura é que se situam em determinados capítulos do conhecimento humano. Se os tempos hodiernos creditaram o termo Parapsicologia como o que melhor se enquadra na temática em apreço, aceitemo-lo, pois realmente está perfeitamente ajustado aos conceitos a que se propõe; por isso, a Parapsicologia passa a responder pelos fenômenos paranormais com todos os seus matizes e apresentações, e jamais deverá servir apenas a alguns ângulos de pesquisa, porque determinada corrente assim o entende. Ou encaramos a Parapsicologia como a ciência que açambarca todos os fenômenos paranormais - fenômenos psicológicos que estão além daqueles já estudados e computados pela Psicologia de nossos dias - ou estaremos dando guarida a opiniões e escolas tendenciosas.

Os estudiosos dos fenômenos parapsicológicos enquadram as suas respectivas apresentações em qualidades específicas do psiquismo. Assim,

no psiquismo humano, existiriam três capacidades: a PSI-Gama, a PSI-Kapa e a PSI-Theta, a se expressarem em face do tipo de fenômeno e a maior ou menor sensibilidade dos seres.

A capacidade PSI-Gama estaria ligada aos chamados fenômenos inteligentes relacionados com a clarividência, audiência, telepatia, leitura de cartas, psicografia, psicofonia, psicometria, etc.

A capacidade PSI-Kapa estaria ligada às ações psicocinéticas que se referem, principalmente, ao deslocamento de objetos sem interferência da força física.

A capacidade PSI-Theta abrangeria toda a fenomenologia ligada aos espíritos desencarnados, isto é, com a interferência dos mortos.

A menor observação atesta que essas "capacidades" do psiquismo raramente se encontram isoladas, apresentando fenômenos bem definidos de sua área. Elas como que se conjugam, se interpenetram, mostrando os fatos que, por mais simples que sejam, exigem complexa estruturação. Desse modo, torna-se realmente difícil tentar explicar o fenômeno parapsicológico sem a conjuntura psíquica de totalidade em ação, onde as energias específicas da zona central do Inconsciente ou zona Espiritual comandam o processo. Também é preciso salientar que muitos pesquisadores ligam os fenômenos parapsicológicos às capacidades PSI-Gama e PSI-Kapa, colocando, sob fortes dúvidas, a capacidade PSI-Theta. Baseados nesta conceituação, afirmam que todos esses inusitados fenômenos são exclusivo resultado das células nervosas do ser encarnado.

Claro que existem inúmeros fenômenos pertencentes ao psiquismo dos encarnados, conhecidos como fenômenos anímicos, ficando o termo de fenômenos mediúnicos quando há interferência do espírito desencarnado. Como admitimos a imortalidade e a lei paligenética ou reencarnação, os

fenômenos parapsicológicos, tendo como plataforma a zona do Inconsciente ou Espiritual são, em última análise, do Espírito, que pode estar encarnado (alma na conceituação kardequiana) ou desencarnado.

O que comumente se observa é que os fenômenos paranormais estão bem mesclados, pela sua complexidade, entre encarnados, desencarnados, ou associados entre ambos. Divaldo P. Franco, em uma de suas afirmações sob os fenômenos paranormais relacionados ao mediunismo, assim se expressa:

"A moderna parapsicologia, quanto a psicotrônica, através da sua chamada metodologia matemática têm uma técnica para demonstrar quando o fato é eventual e quando ele é casual; quando há interferência do acaso e quando se repetindo N vezes, eliminada a teoria da probabilidade do vento fortuito, ele se torna de natureza racional, sendo programado. Além disso, a própria psicologia vem demonstrando proeminentes estudos da chamada Tanatologia, ou ciência que estuda a morte e as suas implicações, em que a sobrevivência do espírito, já não é mais dogma religioso, nem um conteúdo de comportamento espiritualista apenas, mas é um fato psicológico, psiquiátrico, conforme os estudos da doutora Elizabeth Kluber Ross e o dr. Raymond Mood Junior, que abriram horizontes novos para essa ciência, hoje incorporada à parapsicologia, com o nome de Paracemática, o ramo da parapsicologia que estuda os fenômenos de além-túmulo".

A Parapsicologia possui os seus métodos na avaliação dos fenômenos de sua área. Duas posições foram consideradas: um critério de unicidade e especificidade, portanto, qualitativo, e um critério estatístico, representando a condição quantitativa.

O método qualitativo é o de maior valor, embora dependendo da argúcia e experiência do pesquisador. Este método relata a vivência do fenômeno com todas as suas nuances; diante das concordâncias e generalidades

(procedimento kardequiano) passa a fazer parte da casuística em apreço, enquanto que o método quantitativo tem provado muito mais a inexistência do acaso.

O método quantitativo veio ao encontro dos anseios dos cientistas. Percebendo a realidade fenomênica, necessitavam das bases da ciência oficial. Este método, esquematizado nas posições analítico-intelectivas, tem seus limites e exige um número infundável de experiências, o que veio fortalecer o método qualitativo, quase sempre interpretado como fraude ou percepção patológica.

O método quantitativo teve forte apoio nos trabalhos e apreciações de Richet, Lodge, Coover, Soal e mais modernamente J. Rhine. Tudo isso porque os cientistas não conseguem arrecadar e enquadrar no método qualitativo as posições definitivas dos fenômenos. Estes são oscilantes e variáveis, pois dependem das percepções dos sensitivos ou médiuns que, por sua vez, nunca se encontram em identidade de posições para uma determinada pesquisa. A maioria dos fenômenos paranormais relacionados com os sensíveis ou médiuns, pela sua intrínseca natureza, jamais se apresentam com as mesmas condições; as oscilações são palpáveis e compreensíveis.

Muitas teorias foram aventadas, a fim de explicar a mecânica para psicológica. Sendo os fenômenos parapsicológicos muito complexos não existirá uma teoria que tudo explique e defina. A estrutura fenomênica é bastante rica e variável, permitindo a existência de muitos mecanismos em ação.

Apreciando as hipóteses existentes sobre a temática, salientamos:

a) A hipótese de Jung: Admite um princípio de sincronicidade acima da causalidade, transcendendo o espaço e o tempo. Pela sua estruturação de

aspecto filosófico e por não poder ser "medida nem pesada", foi bastante combatida.

b) A hipótese energética: Apresenta-se com inúmeras angulações. Muitos consideram a mente humana como um verdadeiro rádio ou mesmo aparelho especial de TV; tudo estaria relacionado a uma questão de sintonia. Para outros haveria um sexto sentido, um sentido apropriado ligado a uma percepção extra-sensorial; esta qualidade foi denominada de criptestesia. Outros tantos ampliaram a última conceituação, dizendo que a fenomenologia paranormal estaria ligada a criptestesia telepática, cujos fatores estariam relacionados aos interoceptivos viscerais; assim pensa e admite Khérumian. Neste último caso existiriam estruturas ligadas ao sistema neurovegetativo?

c) A hipótese idealista - Estaria diretamente relacionada com as regiões do Inconsciente humano, onde os sentidos conhecidos não teriam qualquer participação. Tudo se passaria em campos energéticos específicos, fora do tempo e espaço conhecidos, e as expensas de uma desconhecida mecânica.

A maioria dos investigadores encontra-se enquadrada neste pensamento, embora variando a conceituação da zona Inconsciente do psiquismo. Para uns, a zona Inconsciente é resultado do trabalho das células nervosas ou neurônios; para outros, o inconsciente seria uma região específica de energia imortal (jamais desaparecendo com a morte do corpo físico) representando a Individualidade a captar material das experiências nas Personalidades ou corpos físicos que vai ocupando pelas diversas romagens reencarnatórias.

Vêm ganhando terreno, por múltiplas evidências e fatos bem equacionados, aqueles que explicam a fenomenologia paranormal às expensas dos campos energéticos do Espírito, em sua apropriada dimensão, como o

responsável por qualquer processo dessa ordem. Isto daria à Parapsicologia uma mobilidade maior de pesquisa e avaliação, não acontecendo o mesmo com aqueles que restringem o processamento fenomênico exclusivamente aos campos da zona consciente. O processo é sempre profundo, os fenômenos são intensamente ricos pelas construções éticas que demonstram e as conseqüências morais para a vida humana.

Podemos, então, considerar que fenômenos deste jaez teriam sempre sua origem nos campos do Espírito ou zona do Inconsciente, com traslado e respectivas projeções nas telas da zona consciente ou psiquismo de periferia. O processo se desenvolve na zona espiritual, mesmo diante impulsos externos de energias afins, transferindo-se para a zona cerebral onde haverá a tradução intelectual a fornecer conhecimento e avaliação de sua presença.

A fenomenologia observada nas telas da zona consciente seria, antes de tudo, a projeção de um desenvolvimento que se efetuou nos campos energéticos do Espírito, jamais nas regiões limitadas da zona consciente. Alguns fenômenos teriam origem nas estruturas espirituais do próprio sensível ou médium, e outros tantos, sob influência das fontes espirituais externas. Os primeiros estariam classificados nos fenômenos anímicos e os segundos nos fenômenos espirituais.

Os que desejam reduzir a Parapsicologia a dois ou três capítulos, ficando outros conceitos, reconhecidamente comprovados, como se propriedade religiosa, estão cometendo o maior dos erros, em virtude de estarem isolando da ciência campos de pesquisa reais, que devem ser estudados, comentados e elucidados em suas funções. Desse modo, muitos fenômenos são enquadrados como sobrenaturais deixando ao entendimento humano a desconfiança e o desinteresse. Temos obrigação de evoluir para uma posição universalista, onde os fatos existentes terão significação e finalidade; o sobrenatural é ausência de conhecimento.

Caminhemos, pesquisemos, analisemos num sentido honesto, ao lado das conseqüências morais e filosóficas da vida, e estaremos inevitavelmente na trilha do conhecimento.

Jorge Andrea

**O
CONSOLADOR**

Perg. 236. - Como interpretar a ansiedade do proselitismo espírita, em matéria de fenomenologia, ante essa necessidade de iluminação?

-Os espiritistas sinceros devem compreender que os fenômenos acordam a alma, como o choque de energias externas que faz despertar uma pessoa adormecida; mas somente o esforço opera a edificação moral, legítima e definitiva.

É uma extravagância de conseqüências desagradáveis, atirar-se alguém à propaganda de uma idéia sem haver fortalecido a si mesmo na seiva de seus princípios enobrecedores.

O Espiritismo não constitui uma escola de leviandade. Identificado com a sua essência consoladora e divina, o homem não pode acovardar-se ante a intensidade das provações e das experiências.

Grande erro praticariam as entidades espirituais elevadas, se promettessem aos seus amigos do mundo uma vida fácil e sem cuidados, solucionando-lhes todos os problemas e entregando-lhes a chave de todos os estudos.

É egoísmo e insensatez provocar o plano invisível com os pequeninos caprichos pessoais.

Cada estudioso desenvolva a sua capacidade de trabalho e de iluminação e não guarde para outrem o que lhe compete fazer em seu próprio benefício.

O Espiritismo, sem Evangelho, pode alcançar as melhores expressões de nobreza, mas não passará de atividade destinada a modificar-se ou desaparecer, como todos os elementos transitórios do mundo.

E o espírita, que não cogitou da sua iluminação com Jesus-Cristo, pode ser um cientista e um filósofo, com as mais elevadas aquisições intelectuais, mas estará sem leme e sem roteiro no instante da tempestade inevitável da provação e da experiência, porque só o sentimento divino da fé pode arrebatá-lo do homem das preocupações inferiores da Terra para os caminhos supremos dos páramos espirituais.

Emmanuel

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

VII - A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO

A oposição das corporações científicas é, para muita gente, senão uma prova, pelo menos uma forte presunção contrária. Não somos dos que levantam a voz contra os sábios, pois não queremos dar motivo a nos chamarem de estouvados; temo-los, pelo contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Entretanto, sua opinião não poderia representar, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.

Quando a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo da conjecturas: cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta encarniçadamente. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem preconizadas e rejeitadas, repelidas com erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis. Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.

No tocante às coisas evidentes, a opinião dos sábios é justamente digna de fé, porque eles as conhecem mais e melhor que o vulgo. Mas no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, a sua maneira de ver não é mais do que hipotética, porque eles não são mais livres de preconceitos que os outros. Direi mesmo que o sábio terá, talvez, mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a tudo subordinar ao ponto de vista de sua especialidade: o matemático não vê nenhuma espécie de prova, senão por meio de uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo com a ação dos elementos, e assim por diante. Todo homem que se dedica a uma especialidade escraviza a ela as suas idéias .. Afastai-o do assunto e ele quase sempre se confundirá, porque deseja tudo submeter ao seu modo de ver; é esta uma consequência da fragilidade humana. Consultarei, portanto, de bom grado e com absoluta confiança, um químico sobre uma questão de análise; um físico sobre a força elétrica; um mecânico sobre a força motriz; mas eles me permitirão, sem que isto afete a estima que lhes devo por sua especialização, que não tenha em melhor conta a sua opinião negativa sobre o Espiritismo do que a de um arquiteto sobre questões de música .

As ciências comuns se apoiam nas propriedades da matéria, que pode ser experimentada e manipulada à vontade; os fenômenos espíritos se apoiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a todo

instante não estarem submetidas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira, num e noutro caso. No Espiritismo elas requerem condições especiais e outra maneira de encará-las: querer sujeitá-las aos processos ordinários de investigação, seria estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto, e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.

O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independente de sua condição de sábios. Querer, porém, deferir a questão à Ciência seria o mesmo que entregar a uma assembléia de físicos ou astrônomos a solução do problema da existência da alma. Com efeito, o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência da alma e o seu estado após a morte. Ora, é supinamente ilógico pensar que um homem deve ser grande psicólogo pelo simples fato de ser grande matemático ou grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e, porque não a encontra com o seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a vê evoluir-se como um gás, conclui que ela não existe. Isto, em razão de colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se daí que ele esteja com a razão, contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas estiveram vulgarizadas, quando forem aceitas pelas massas, - o que, a julgar pela rapidez com que se propagam, não estaria muito longe, - dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as idéias novas que encontraram oposição; os sábios se renderão à evidência. Eles as aceitarão individualmente, pela força das circunstâncias. "Até que isso aconteça, seria inoportuno desviá-los de seu trabalhos especiais para constrangê-los a ocupar-se de coisa estranha que não está nas suas

atribuições nem nos seus programas. Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da questão, pronunciam-se pela negativa e zombam dos que não concordam com a sua opinião esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade.. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentando a lista dos ilustres negadores das idéias novas, inscritos ao lado dos membros duradoura assembléia que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada o relatório de Franklin sobre os para-raios, julgando indigno de figurar entre as comunicações da pauta, e naquela outra que vez a França perdeu as vantagens da navegação a vapor após declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável. Não obstante, eram questões de alçada da Ciência. Se essas assembléias, que contavam com os maiores sábios do mundo, só tiveram zombaria e sarcasmo para as idéias que ainda não compreendiam e que alguns anos mais tarde deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos possa ser melhor aceita?

Esses erros lamentáveis não tirariam aos sábios, entretanto, os títulos com que, noutros assuntos, conquistam o nosso respeito. Mas é necessário um diploma oficial para se ter bom senso. E fora das cátedras acadêmicas não haverá mais do que tolos e imbecis. Basta olhar para os adeptos da doutrina espírita, para se ver se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite que a releguemos ao rol das simples credices. O caráter e o saber desses homens autorizam-nos a dizer: pois se eles o afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem reduzidos ao movimento mecânico das corpos, a pesquisa da causa física do fenômeno seria do domínio da Ciência: mas desde que se trata de uma manifestação fora do domínio das leis humanas, escapa à competência da Ciência material, porque não pode ser explicada por números, nem por

forças mecânicas. Quando surge um fato novo, que não se enquadra em nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para o estudar, deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, que não pode ser feito com idéias preconcebidas.

O homem que considere a sua razão infalível está bem próximo do erro; mesmo aqueles que têm as mais falsas idéias apoiam-se na própria razão e é por isso que rejeitam tudo quanto lhes parece impossível. Os que ontem repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade hoje se orgulha, apelaram a esse juiz para as rejeitar. Aquilo que chamamos razão é quase sempre o orgulho mascarado, e quem quer que se julgue infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, portanto, aos que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao apogeu nem que a Natureza lhes tenha virado a última página do seu livro.

Allan Kardec

O PRINCIPIANTE ESPÍRITA

1 - NOÇÕES PRELIMINARES DE ESPIRITISMO

1. E' um erro crer-se que basta a certos incrédulos o testemunho de fenômenos extraordinários, para que se tornem convictos.

Os que não admitem no homem a existência de uma alma ou espírito, também não a concebem fora dele; e, portanto, assim negando a causa, negam justamente os efeitos.

Eles se apresentam, quase sempre, com uma idéia preconcebida, um propósito fixo de negação que os desvia de uma observação séria e

imparcial; e levantam questões e objeções a que é impossível responder-se logo de modo completo, porque seria preciso fazer-se, para cada qual, uma espécie de curso expositivo das coisas desde o princípio.

Um estudo prévio tem como resultado evitar essas objeções que, na maioria, se originam da ignorância da causa dos fenômenos e das condições em que eles ocorrem.

2. A quem não conhece o Espiritismo, afigura-se que se podem produzir fenômenos espíritas, como se faz uma experiência de física ou de química.

Daí a pretensão de sujeitá-los à sua vontade e a recusa de se colocar a pessoa nas condições necessárias para os poder observar.

Não admitindo, como princípio, a existência e a intervenção dos Espíritos, ou, pelos menos, não conhecendo a sua natureza, nem o seu modo de ação, esses indivíduos se comportam, como se se ocupassem com a matéria bruta; e, desde que não obtêm o que pedem, concluem que não há Espíritos.

Colocando-se num ponto de vista diferente, cada um compreenderá que, não sendo os Espíritos mais que as almas dos homens, todos nós seremos Espíritos, depois da morte e que, nestas condições, não havemos de ter muita disposição a servir de joguetes, para satisfação da fantasia dos curiosos.

3. Ainda que certos fenômenos possam ser provocados, eles, exatamente pelo fato de provirem de inteligências livres, não se acham absolutamente à disposição de quem quer que seja; e aquele que se diz capaz de obtê-los, sempre que queira, só prova ignorância ou má fé.

E' preciso esperá-los, apanhá-los em sua passagem; e muitas vezes, quando são menos esperados, é que se apresentam os fatos mais interessantes e concludentes.

Aquele que seriamente deseja instruir-se, deve, nisto como em tudo, ter paciência e perseverança e colocar-se nas condições indispensáveis; sem o que, é melhor não se ocupar com o assunto.

4. Nem sempre as reuniões que se dedicam a manifestações espíritas se acham em boas condições, seja para obter resultados satisfatórios, seja para produzir convicções; de algumas mesmo, não podemos deixar de convir, os incrédulos saem menos convencidos do que eram quando entraram, lançando em rosto dos que lhes falam do caráter sério do Espiritismo, as coisas, muitas vezes ridículas, de que foram testemunhas.

Nisto, aliás, não são mais lógicos que aquele que pretendesse julgar de uma arte pelas primeiras provas de um aprendiz, de uma pessoa pela sua caricatura, ou de uma tragédia pela sua paródia.

O Espiritismo também tem seus aprendizes; e quem quer esclarecer-se não deve ir colher ensinamentos em uma só fonte, porque é só pelo exame e pela comparação que se pode firmar um juízo. (Fé raciocinada).

5. As reuniões frívolas têm o grave inconveniente de dar aos noviços, que a elas assistem, uma idéia falsa do caráter do Espiritismo.

Os que só têm frequentado reuniões dessa espécie não podem tomar a sério uma coisa que eles vêem tratada com pouca importância pelos próprios que se dizem adeptos.

Um estudo prévio os ensinará a julgar do alcance daquilo que vêem, a separar o que é bom do que é mau.

6. O mesmo raciocínio se aplica aos que julgam o Espiritismo pelo que dizem certas obras excêntricas, que dele não dão mais que uma idéia incompleta e ridícula.

O Espiritismo sério não pode responder por aqueles que o compreendem mal, ou que o praticam de modo contrário aos seus preceitos; assim como não o faz a poesia por aqueles que produzem maus versos.

E' deplorável, dizem, que existam tais obras prejudicando a verdadeira ciência.

Sem dúvida, seria preferível que só as houvesse boas; o maior mal, porém, consiste em não se darem ao trabalho de estudá-las todas.

Todas as artes, todas as ciências, além disso, estão no mesmo caso.

Não vemos, sobre as coisas mais sérias, aparecerem tratados absurdos e cheios de erros?

Porque seria privilegiado nesse sentido o Espiritismo, sobretudo em seu começo?

Se os que o criticam, não tomassem as aparências por base do seu julgamento, saberiam o que ele admite e o que rejeita, e não lhe lançariam em conta o que ele repele em nome da razão e da experiência.

2 - FIM PROVIDENCIAL DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS:

50. O fim providencial das manifestações é convencer incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrestre, e dar aos crentes idéias mais justas sobre o futuro.

Os bons Espíritos nos vêm instruir para o nosso melhoramento e progresso, e não para revelar-nos o que não devemos saber ainda, ou o que só deve ser fruto do nosso trabalho.

Se bastasse interrogá-los para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para se fazerem descobertas e invenções lucrativas, todo

ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso poderia ficar rico sem trabalhar; é o que Deus não quer.

Os Espíritos ajudam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o eximem do trabalho nem das investigações, a fim de deixar-lhe o mérito.

51. Formaria idéia mui falsa dos Espíritos quem neles quisesse ver os auxiliares dos ledores de buena dicha.

Os Espíritos sérios recusam ocupar-se com coisas fúteis; os frívolos e zombeteiros tratam de tudo, respondem a tudo, predizem tudo o que se quer, sem se importarem com a verdade, e encontram maligno prazer em mistificar as pessoas demasiado crédulas.

E' por isso que é essencial estar-se perfeitamente atento sobre a natureza das perguntas que se podem dirigir aos Espíritos. (O Livro dos Médiuns) nº 286: "Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos".)

52. Fora daquilo que pode ajudar ao nosso progresso moral, só há incerteza nas revelações que os Espíritos nos fazem.

A primeira consequência má para aquele que desvia a sua faculdade do fim providencial, é ser mistificado pelos Espíritos enganadores que pululam ao redor dos homens; a segunda, é cair sob o domínio desses mesmos Espíritos, que podem, por pérfidos conselhos, conduzi-lo a desgraças reais e materiais na Terra; a terceira, é perder, depois da vida terrestre, o fruto do conhecimento do Espiritismo.

53 . As manifestações não são, pois, destinadas a servir os interesses materiais; sua utilidade está nas consequências morais que delas dimanam; não tivessem, porém, como resultados, senão fazer conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, e já isto seria muito, porque era largo e novo caminho aberto à filosofia.

Allan Kardec

**PUREZA
DOCTRINÁRIA**

Controle Científico dos Fenômenos

Quando se vai fazer uma pesquisa, no campo da mediunidade, é de absoluta importância submeterem-se as manifestações a um controle objetivo, tanto científico quanto possível. Devemos ser os primeiros a desejar eliminação das causas de dúvida. Só poderemos convencer alguém quando apresentarmos o fato observado e estudado criteriosamente. Queremos enfatizar que não estamos propondo tal controle para todas as reuniões mediúnicas, de qualquer modalidade, psicofônicas ou psicográficas, públicas ou privadas.

Frisamos bem: o controle é necessário nos trabalhos de pesquisa, visando obter provas. Por exemplo: as sessões de materialização, efeitos físicos, fotografia espírita, transportes de objetos, transfiguração ou semelhantes precisam ser submetidas a controle rigoroso.

Essas sessões não visam trazer conforto ou consolo; buscam a prova da sobrevivência do espírito. Caem no campo das ciências e precisam seguir seus métodos e técnicas. Obviamente, uma sessão de materialização não deve ser utilizada para levantar fundos para obras assistenciais, ou aproveitar o Espírito materializado (com que dificuldades!) para proceder a curas, dar passes etc ..

As verdades da Ciência são, de fato, relativas, mas representam o conceito atual do assunto. O Espiritismo deve acatar as explicações e manter uma seqüência de teorias lógica e racional. É postulado que Kardec sempre defendeu: "Os fatos que a ciência demonstra peremptoriamente não podem ser negados por nenhuma crença religiosa.

A religião ganha tanta autoridade, acompanhando a ciência em seus progressos, tanto quanto a perde, caprichando em ficar atrás, ou repelindo verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderá prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las." (Obras Póstumas - 1ª parte - Manifestações de Espíritos - item 7.)

A mesma opinião esposou Gabriel Delanne: "O Espiritismo dá-nos a conhecer a alma; a ciência nos descobre as leis da matéria viva. Trata-se, portanto, para nós, de conjugar os dois ensinamentos, mostrar que eles mutuamente se auxiliam, se completam, tornam-se mesmo inseparáveis e indispensáveis à compreensão dos fenômenos da vida física e intelectual, por isso que de uma tal concordância resulta, para o ser humano, a mais esplêndida de quantas certezas lhe seja facultado adquirir na Terra." (A Evolução Anímica - Introdução - Gabriel Delanne - Edição F.E.B.)

É preciso que façamos desaparecer a idéia de antagonismo entre Espiritismo e Ciência. A verdadeira Ciência não hostiliza o Espiritismo, pois ela não é sectária, não se manifesta ao sabor de opiniões pessoais. Por sua vez, o Espiritismo não pode ir contra a Ciência, pois é nela que ele buscou as bases objetivas de sua doutrina e, de acordo com ela, estabelecerá as novas explicações dos fatos psíquicos.

Não confundamos a opinião individual de alguns com as verdades científicas. Ninguém tem o direito de se revestir com o manto da Ciência para atacar pontos de vista filosóficos, inteiramente fora de sua alçada.

Um químico, por exemplo, deve ter sua opinião respeitada e acatada, desde que fale dos assuntos da sua especialidade, mas, quando se propõe a formular teorias e dogmatizar sobre religião, o faz sem nenhuma autoridade. Assim, também as religiões não têm competência para refutar teorias científicas, quando se trata de questões de ordem material.

Ary Lex

REENCARNAÇÃO E VIDA

Não há fenômenos

Um espírita de Rosário de Santa Fé, escreveu-me enviando-me o seguinte artigo: Um raro fenômeno, "The Daily Man", jornal inglês de grande circulação, não somente na Inglaterra mas em todo o mundo, conta o seguinte e interessante fato:

"Em fevereiro de 1905 foi condenado um criado, John Lee, que era acusado de ter assassinado em Londres a uma senhora em cuja casa servia há muitos anos. Mas enquanto durou o processo, ele protestou energicamente sua inocência.

No dia em que devia ser enforcado, manifestou-se um extraordinário fenômeno: o básculo do patíbulo não funcionou, pois devia baixar o corpo no vazio.

Três vezes o verdugo renovou suas tentativas, mas em vão.

O básculo funcionava perfeitamente quando o condenado não estava sobre o patíbulo, mas quando estava, aquele não se movia. Os juízes e o

procurador que estavam presentes ao ato da execução, ficaram perplexos ante este estranho fenômeno.

Depois de longas deliberações renunciou-se à execução de John Lee.

Então o condenado não cessou de manifestar sua inocência.

O procurador ordenou uma segunda instrução e a revisão do processo, e no mês passado o Tribunal pôs John em liberdade.

Este fato extraordinário muito impressionou aos juízes e ao público."

Verdadeiramente era um caso raríssimo, pelo qual muitos espíritas de Santa Fé, pedem-me que pergunte sobre a causa de tão extraordinário fenômeno. E desejando atender meus irmãos de fé, perguntei ao guia de meus trabalhos havendo obtido a seguinte comunicação:

"Não há fenômenos, o acontecimento que parece estranho é assombroso, não é mais que o resultado de nossas ações de ontem, a conseqüência natural de nossas boas obras e más. Se assim não fosse, as eternas leis da Natureza perderiam seu perfeito equilíbrio e as leis não se alteram jamais. Tudo segue um compasso de marcha, tudo se desenvolve e progride a seu tempo, os acontecimentos que fazem época na vida do homem, não se adiantam nem um segundo nem se atrasam um minuto; o tempo é o relógio dos séculos, seu relojoeiro é Deus mesmo, e esse Grande Mecânico faz funcionar as máquinas tão perfeitamente, que te repito, nem se atrasam nem se adiantam os acontecimentos do futuro do homem.

Esse Espírito, que tem sofrido ultimamente todas as angústias, todas as dores, de sua próxima execução, e que o patíbulo negou-se a funcionar, porque seus movimentos foram paralisados por espíritos amigos do condenado, esse homem, que na realidade nesta existência não cometeu crime nenhum, e que a justiça humana cumpriu com seu dever, declarando-o inocente, nem sempre foi bom como agora. Tem uma página de sua

história tão cheia de manchas que se propôs em sua atual existência deixá-la limpa, e conseguiu-o. Porque as três vezes que o verdugo lhe enforcaria, sofreu naqueles momentos mil mortes por segundo. Graças que é um Espírito enérgico e tem muito bons amigos no espaço, especialmente um, ao que fez sofrer algo parecido ao que sofreu agora.

O Espírito de John Lee, em uma de suas anteriores existências pertenceu à nobreza; herdou de seus pais muitos pergaminhos e meias riquezas que ele propôs aumentar, pensando que o ouro abre todas as portas, tanto na Terra como no céu.

Entre seus muitos servidores, tinha um que servia de escudeiro de secretário, de ajudante de quarto, sendo na realidade seu cão fiel que obedecia cegamente seus iníquos planos.

John era muito hábil para fazer testamentos falsos, e outros documentos nos quais se apropriava de bens que não eram seus, deixando na miséria muitos de seus parentes e vizinhos.

Seu fiel servidor, seu escudeiro Daniel, estava inteirado de tudo e John chegou a ter medo. Apoderou-se o pânico de seu ânimo e disse a si mesmo: este homem pode perder-me, a sede de ouro que tenho pode apoderar-se de sua alma; é muito esperto, compreende perfeitamente que se falar, pagarão suas delações muito bem. Homem morto não fala, mãos à obra. De momento lhe acusarei de ladrão, dizendo que me roubou uma importância fabulosa; se o acusador é rico, logo se consegue a condenação, e dito e feito. John acusou Daniel de havê-lo roubado "tanto e quanto". Daniel foi preso e não só apareceu diante da justiça como ladrão, mas também foi acusado de assassino, atribuindo-se-lhe a morte de um funcionário público, que na época anterior haviam encontrado debaixo de uma ponte, com a cabeça separada do tronco e um punhal cravado no peito.

John Lee derramou dinheiro a mãos cheias e o sumário ficou terminado em breves dias.

Daniel sempre dizia o mesmo: que era inocente, e que não sabia do que falavam, mas suas declarações não eram atendidas porque um poderoso queria vê-lo morto.

Na véspera da execução, John Lee sentiu uma dor aguda no coração; olhou-se e murmurou: Sou um miserável! Daniel é inocente eu sei, não tenho dele a menor queixa, serviu-me desinteressadamente. Quando quis recompensar seus serviços, disse-me: estando a vosso lado, tenho a maior recompensa; e só por um temor, sem fundamento, assassino este infeliz. Ah, me afogo: o remorso me fará morrer. .. fogo e não sangue, corre em minhas veias, mas ainda é tempo.

E dominado pela mais horrível ansiedade, correu ao lugar de execução, no momento em que Daniel dizia ao verdugo: - Perdô-te o crime que vais cometer, porque és inocente. Sim, gritou John Lee, é inocente, debaixo do segredo de confissão devolveu-me o que me havia roubado, e disseram-me que o assassino do funcionário foi encontrado debaixo da ponte, e confessou o delito sabendo que um inocente ia morrer por sua causa.

A estupefação dos juizes foi indescritível. Daniel teve tantas emoções que ficou muito tempo enfermo, cuidado por seu senhor, que levou-o à casa novamente, tratando-o com o maior carinho.

Daniel, enquanto esteve na Terra, ignorou o proceder de seu senhor, e morreu bendizendo-o, mas no espaço soube de tudo e teve pena ao vê-lo cair tão fundo. Mas o queria tanto que foi seu anjo bom, e ao encontrar-se, os dois no espaço, aconselhou a John Lee que se apressasse a sofrer o que havia feito sofrer à outro. Mas, John Lee, necessitou de muito tempo para decidir-se a pagar uma dívida tão horrível e, finalmente, nesta existência, sofreu valentemente a maior das dores. Daniel e outros espíritos

impediram que a balança funcionasse pois não deveria morrer quem se arrependera de seu crime, a sinceridade de seu arrependimento recebeu a recompensa merecida, que dos arrependidos é o reino dos céus. Adeus."

Tem razão o Espírito, não há fenômenos, não há mais que o cumprimento da lei eterna, quanto há que estudar na Criação.

Bem dizia o sábio da Grécia: - Só sei que não sei nada!

Amália D. Soler

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

Fenômeno mediúnico

O fenômeno mediúnico é de todos os tempos e ocioso seria mostrar, num estudo simples, o papel que lhe cabe na gênese de todos os caminhos religiosos.

Importa anotar, porém, que os povos primitivos, sentindo a influência dos desencarnados a lhes pesar no orçamento psíquico, promovem medidas com que supõem garantir-lhes segurança e tranqüilidade no reino da morte.

Egípcios, assírio-caldeus, gregos, israelitas e romanos prestam-lhes homenagens e considerações.

E para vê-los e ouvi-los conservam consigo certa classe de iniciados característicos.

Equivalendo aos médiuns modernos, havia sacerdotes em Tebas, magos em Babilônia, oráculos em Atenas, profetas em Jerusalém e arúspices em Roma.

Administrações e cometimentos, embaixadas e expedições, exércitos e esquadras movimentam-se, quase sempre, sob invocações e predições.

A civilização faraônica adquire mais largo esplendor, ao pé dos túmulos.

A comunidade ninivita consulta adivinhos e astrólogos.

Especifica a tradição que a alma de Teseu, em refulgente armadura, guiava as legiões helênicas, em Maratona.

Conta o Velho Testamento que dedos intangíveis escrevem terrível sentença no festim de Baltasar.

A sociedade patrícia celebra as festas lemurianas, com o intuito de apaziguar os Espíritos errantes.

Contudo, quase todas as manifestações de intercâmbio, entre os vivos da Terra e os vivos da Espiritualidade, evidenciavam-se mescladas de sombra e luz.

No delírio de símbolos e amuletos, em nome dos mortos, estimulavam-se preces e libações, virtudes e vícios, epopéias e bacanais.

Com Jesus, no entanto, recolhe o homem o necessário crivo moral para definir responsabilidades e objetivos.

Em sua luminosa passagem, o fenômeno mediúnico, por toda parte, é intimado à redenção da consciência.

É assim que surpreendemos o Divino Mestre afirmando-se em atitudes claras e decisivas.

Não somente induz Maria de Magdala a que se liberte dos perseguidores invisíveis que a subjugam, mas também a criar, em si própria, as qualidades condignas com que se fará, mais tarde, a mensageira ideal da ressurreição.

Socorre, generoso, os alienados mentais do caminho, desalgemando-os das entidades infelizes que os atenam; contudo, entretém-se, ele mesmo, com Espíritos glorificados, no cimo do Tabor.

Promete a Simão Pedro auxiliá-lo contra o assalto das trevas e, tolerando-lhe pacientemente as fraquezas na hora da negação, condu-lo, pouco a pouco, à exaltação apostólica.

Honorificando a humildade de Estêvão, que suporta sereno as fúrias que o apedrejam, aciona-lhe os mecanismos da clarividência, e o mártir percebe-lhe a presença sublime, antes de se render à imposição da morte.

Compadece-se de Saulo de Tarso, obsidiado por seres cruéis que o transformam em desalmado verdugo, e aparece-lhe, em espírito, na senda de Damasco, para ensiná-lo, através de longos anos de renúncia e martírio, a converter-se em padrão vivo de bondade e entendimento.

E continuando-lhe o ministério divino, dispomos hoje, na Terra, da Doutrina Espírita a restaurar-lhe as lições como força que educa o fenômeno psíquico, joeirando-lhe as expressões e demonstrando-nos a todos que não bastam mediunidades fulgurantes, endereçadas ao regozijo da inteligência, no palanque das teorias ou no banquete das convicções, e sim que, sobretudo, é inadiável a nossa purificação de espírito para o levantamento do Bem Eterno.

Emmanuel

ROTEIRO

O FENÔMENO ESPIRITA

Em todas as civilizações, o culto dos desencarnados aparece como facho aceso de sublime esperança.

Rápido exame nos costumes e tradições de todos os remanescentes da vida primitiva, entre os selvagens da atualidade, nos dará conhecimento de que as mais rudimentares organizações humanas guardam no intercâmbio com os "mortos" suas elementares noções de fé religiosa.

Aparições e vozes, fenômenos e revelações do mundo espiritual assinalam a marcha das tribos e das povoações do princípio.

No Egito, os assuntos ligados à morte assumem especial importância para a civilização. Anúbis, o deus dos sarcófagos, era o guardião das sombras e presidia à viagem das almas para o julgamento que lhes competia no Além.

Na China multimilenária, os antepassados vivem nos alicerces da fé. Em todas as circunstâncias da vida, os Espíritos dos avoengos são consultados pelos descendentes, recebendo orações e promessas, flores e sacrifícios.

Na Índia encontram nos "rakchasas", Espíritos maléficos que residem nos sepulcros, os portadores invisíveis de moléstias e aflições.

Os gregos acreditavam-se cercados pelas entidades que nomeavam por "demônios" ou familiares intangíveis, as quais os inspiram na execução de tarefas habituais.

Em Roma, os Espíritos amigos recebem o culto constante da intimidade doméstica, onde são interpretados como divindades menores. Para a antiga comunidade latina, as almas bem-intencionadas, que haviam deixado, na

Terra, os traços da sabedoria e da virtude eram os "deuses lares", com recursos de auxiliar amplamente, enquanto que os fantasmas das criaturas perversas eram conhecidos habitualmente por "larvas", cuja aproximação causava dissabores e enfermidades.

Os feiticeiros das tabas primitivas eram nas civilizações recuadas substituídos por magos, cujo poder imperava sobre a espada dos guerreiros e sobre a coroa dos príncipes.

E ainda, em todos os acontecimentos religiosos que precederam a vinda do Cristo, a manifestação dos desencarnados ou o fenômeno espírita comparece por vívido clarão da verdade, orientando os sucessos e guiando as supremas realizações do esforço coletivo.

Com a supervisão de Jesus, porém, a marcha da espiritualidade na Terra adquire novos característicos.

Ele é o disciplinador dos sentimentos, o grande construtor da Humanidade legítima.

Por trezentos anos, os discípulos do Senhor sofrem, lutam, sonham e morrem para doar ao mundo a doutrina de luz e amor, com a plena vitória sobre a morte, mas a política do Império Romano reduz, por dezesseis séculos consecutivos, o movimento libertador.

Os séculos, contudo, na eternidade, são simples minutos e, em seguida às sombras da grande noite, o evangelismo puro surge, de novo.

Cristianismo - doutrina do Cristo ... Espiritismo - doutrina dos Espíritos ...

Volta a influência do Mestre sobre a imensa coletividade humana, constituída por mentes de infinita gradação.

Homens por homens, inteligências por inteligências, incorreríamos talvez no perigo de comprometermos o progresso do mundo, isolados em nossos

pontos de vista e em nossas concepções deficitárias, mas, regidos pela Infinita Sabedoria, rumaremos para a perfeição espiritual, a fim de que, um dia, despojados em definitivo das escamas educativas da carne, possamos compreender a excelsa palavra da celeste advertência: - "vós sois deuses" ...

Emmanuel

SEARA DOS MÉDIUNS

1 - Fenômenos e livros

Fenômenos mediúnicos existem na gênese de todas as religiões, mas desaparecem, à maneira de fogo-fátuo, no raio circunscrito da hora em que se exprimem. Contudo, os livros que nascem deles permanecem, por tempo indeterminado, nos horizontes do espírito.

Há quem sorria ironicamente, diante da narrativa hindu, na qual Arjuna, espantado, observa as sublimes manifestações de Crisna; entretanto, nos poemas do Bagavat-Gitá palpitam cânticos imperecíveis das mais altas virtudes.

Há quem descreia da História, quando afirma que Zoroastro recolheu ensinamentos de Ormuzd (Espírito), nas eminências do Albordjeh; no entanto, as páginas do Zend-Avesta gravam com mestria a luta do bem contra o mal.

Há quem discuta a impossibilidade de haver Moisés revelado tantos poderes, à frente dos egípcios assombrados, mas o código de

mandamentos por ele recebido de Jeová, no cimo do monte, é seguro alicerce aos preceitos essenciais da justiça.

Há quem veja loucura na decisão de Sidarta, ao abandonar o palácio paterno, sob a inspiração da Esfera Superior, a fim de consagrar-se aos infelizes ; todavia, as lições guardadas por seus discípulos formam o venerável caminho budista do pensamento reto.

Há quem duvide dos fatos admiráveis que cercaram, na Terra, a presença do Cristo, relacionando acontecimentos medianímicos cuja legitimidade desafia todas as exigências da metapsíquica e da parapsicologia contemporâneas; entretanto, o Evangelho continua sendo o Livro Divino da Humanidade.

E, ainda hoje, há quem lance sarcasmo sobre os médiuns da atualidade, mas os livros basilares de Allan Kardec prosseguem como sólidos fundamentos da Doutrina Espírita, que atualiza agora as revelações do Mestre dos mestres.

Como é fácil observar, os fenômenos mediúnicos representam a ostreira das interrogações e dos experimentos humanos. O livro edificante, contudo, é a pérola que passa a guarnecer o tesouro crescente da sabedoria que nunca morre.

Eduquemos, assim, a mediunidade, entre nós, para que ela possa surpreender e fixar a emoção e a idéia, a palavra e o trabalho dos mensageiros que supervisionam e conduzem o aperfeiçoamento terrestre, porque, em verdade, nesse ou naquele documentário, o livro é o comando mágico das multidões e só o livro nobre, que esclarece a inteligência e ilumina a razão, será capaz de vencer as trevas do mundo.

2 - Fenômenos

Ateus diversos pedem fenômenos que os constranjam a crer na evidência do Mundo Espiritual; no entanto, é forçoso convir que, se fenômenos ajudam convicções, não alteram disposições.

Nesse sentido, é justo assinalar que o Espírito encarnado sobre a Terra reside transitoriamente num corpo em cuja intimidade se processam transcendentos fenômenos anímicos, que ele, de modo geral, não procura auscultar ou compreender.

Para sustentar-se, tem o coração por bomba vigorosa e infatigável, pulsando cerca de setenta a oitenta vezes por minuto, mas levanta-se e age, à custa desse apoio, sem nada perguntar a si mesmo, quanto a isso.

Para respirar, usa os pulmões, semelhantes a filtros surpreendentes, com trabalho ininterrupto na oxigenação incessante do sangue; contudo, repara as próprias forças, a cada instante, sem ponderar nos prodígios da hematose.

Para pensar, conta com o cérebro, precioso maquinismo articulado por bilhões de células, a se definirem por funções específicas; entretanto, efetua as mais complexas associações de idéia, sem qualquer preocupação pelos mecanismos da mente.

Para ver, dispõe do olho, câmara fotográfica em cuja retina trabalham milhões de unidades celulares, com serviço determinado para as horas de luz intensa e para as horas de sombra; no entanto, enxerga espontaneamente, sem meditar nos poderes sublimes da visão.

Para escutar, possui o ouvido, notável caixa acústica a estruturar-se em compartimentos diversos, destinados ao registro dos sons, mas ouve sem a menor admiração pelo portento auditivo.

Para exprimir-se, traz consigo a laringe por verdadeiro instrumento musical, destinado à produção fisiológica da voz; contudo, expressa-se nas mais diversas línguas sem refletir nas maravilhas da fala.

Para onde se volte, a criatura humana encontra fenômenos e mais fenômenos a lhe requisitarem as faculdades de interpretação; no entanto, se ainda não procura apreender a espiritualidade que carrega por dentro de si mesma, como aceitará a espiritualidade que a desafia por fora?

Fujamos ao propósito sistemático de provocar fenômenos, com o objetivo de impor ao homem a certeza da sua sobrevivência além da morte, porquanto de fenômenos múltiplos o caminho que ele percorre está cheio.

Divulgando o estudo nobre e alicerçando as nossas palavras no exemplo, ajudemo-lo, tanto quanto possível, a simplesmente raciocinar.

3 - Faculdades mediúnicas

"Há diversidade de dons espirituais, mas a Espiritualidade é a mesma.

Há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor que a todos administra.

Há diversidade de operações para o bem; todavia, é a mesma Lei de Deus que tudo opera em todos.

A manifestação espiritual, porém, é distribuída a cada um para o que for útil.

Assim é que a um, pelo espírito, é dada a palavra da sabedoria divina e, a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência humana.

A outro é confiado o serviço da fé e a outro o dom de curar.

A outro é concedida a produção de fenômenos, a outro a profecia, a outro a faculdade de discernir os Espíritos, a outro a variedade das línguas e ainda a outro a interpretação dessas mesmas línguas.

No entanto, o mesmo poder espiritual realiza todas essas coisas, repartindo os seus recursos particularmente a cada um, como julgue necessário."

Quem analise despreocupadamente o texto acima, decerto julgará estar lendo moderno autor espírita, definindo o problema da mediunidade; contudo, as afirmações que transcrevemos saíram do punho do apóstolo Paulo, há dezenove séculos, e constam no capítulo doze de sua primeira carta aos coríntios.

Como é fácil de ver, a consonância entre o Espiritismo e o Cristianismo ressalta, perfeita, em cada estudo correto que se efetue, compreendendo-se na mensagem de Allan Kardec a chave de elucidações mais amplas dos ensinamentos de Jesus e dos seus continuadores.

Cada médium é mobilizado na obra do bem, conforme as possibilidades de que dispõe.

Esse orienta, outro esclarece; esse fala, outro escreve; esse ora, outro alivia.

Em mediunidade, portanto, não te dêes à preocupação de admirar ou provocar admiração.

Procuremos, acima de tudo, em favor de nós mesmos o privilégio de aprender e o lugar de servir.

Emmanuel

**VINHA DE
LUZ**

O TEU DOM

"Não desprezes o dom que há em ti." - Paulo. (I TIMOTEO, 4:14.)

Em todos os setores de reorganização da fé cristã, nos quadros do Espiritismo contemporâneo, há sempre companheiros dominados por nocivas inquietações.

O problema da mediunidade, principalmente, é dos mais ventilados, esquecendo-se, não raro, o impositivo essencial do serviço.

Aquisições psíquicas não constituem realizações mecânicas.

É indispensável aplicar nobremente as bênçãos já recebidas, a fim de que possamos solicitar concessões novas.

Em toda parte, há insopitável ansiedade por recolher dons do Céu, sem nenhuma disposição sincera de espalhá-los, a benefício de todos, em nome do Divino Doador. Entretanto, o campo de lutas e experiências terrestres é a obra extensa do Cristo, dentro da qual a cada trabalhador se impõe certa particularidade de serviço.

Diariamente, haverá mais farta distribuição de luz espiritual em favor de quantos se utilizam da luz que já lhes foi concedida, no engrandecimento e na paz da comunidade.

Não é razoável, porém, conferir instrumentos novos a mãos ociosas, que entregam enxadas à ferrugem.

Recorda, pois, meu amigo, que podes ser o intermediário do Mestre, em qualquer parte.

Basta que compreendas a obrigação fundamental, no trabalho do bem, e atendas à Vontade do Senhor, agindo, incessantemente, na concretização dos Celestes Desígnios.

Não te aflijas, portanto, se ainda não recebeste a credencial para o intercâmbio direto com o plano invisível, sob o ponto de vista fenomênico. Se suspiras pela comunicação franca com os espíritos desencarnados, lembra-te de que também és um espírito imortal, temporariamente na Terra, com o dever de aplicar o sublime dom de servir que há em ti mesmo.

Emmanuel

TIPOS DE FENÔMENOS ESPÍRITAS

APARIÇÃO

(...) como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições (...). (A Gênese, cap.14, it.35, p.296-297)

As aparições propriamente ditas se dão quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio é, quase sempre, uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. Os ademanos, o aspecto, são

semelhantes aos que tinha o Espírito quando vivo. (O Livro dos Médiuns, cap.6, it.102, p.139-140)

O Espírito que quer ou pode realizar uma aparição toma por vezes uma forma ainda mais precisa, de semelhança perfeita com um sólido corpo humano, de sorte a causar ilusão completa e dar a crer que está ali um ser corpóreo. (Obras Póstumas, P.1, Manifestações dos Espíritos, pg 9)

Ainda que invisível para nós no estado normal, o perispírito é matéria etérea. Em certos casos, o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível; é como se produzem as aparições - fenômeno que não é mais extraordinário que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível por condensação. (O que é Espiritismo, cap.2, it 28, p.159)

Aparição Corporal

Se a aparição corporal é limitada para alguns Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável e pode persistir por tempo mais ou menos longo; que ela pode produzir-se sempre e a qualquer hora. (...)" (Elos Doutrinários, cap.A, p.3-44)

Aparição de Defuntos no Leito de Morte

(...) Geralmente é o moribundo que vê, em tomo de si, pessoas já falecidas. O fenômeno também pode ser visto por pessoas presentes ou, concomitantemente, pelos vivos e pelos moribundos. É ele uma das provas patentes da sobrevivência. (O Espiritismo à luz dos fatos, Dos fenômenos subjetivos, p.281)

Aparição Tangível

(...) Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade pode se tornar real, isto é, possível se torna ao observador

tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil. (O Livro dos Médiuns, P2, cap.6, it.104, p.141-142)

AUTOSCOPIA OU HETEROSCOPIA

(...) desdobramento apenas esboçado, em que a pessoa percebe o seu próprio fantasma a distância, continuando embora a guardar integral a própria consciência. (Metapsíquica humana)

(...) O sensitivo pode descobrir não só as doenças próprias como as alheias, vendo, por lucidez, os órgãos do corpo e lhes percebendo a lesão ou a anormalidade. (O Espiritismo à luz dos fatos)

(...) autoscopia, ou visão do "eu", visão de si próprio (...)
Por essa faculdade, a pessoa vê seus órgãos internos, descreve-os, percebe-lhes as lesões ou anomalias. (...) (A mediunidade e a lei)

BICORPOREIDADE

(...) Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. (...) pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. (...)

Tem pois, dois corpos o indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes. Mas, desses dois corpos, um somente é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Ao despertar o indivíduo, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, pelo menos não conhecemos disso exemplo algum, e a razão, ao nosso ver, o demonstra, que, no estado de separação, possam os dois corpos gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap., it.119 e 121, p.1 56 e 159)

A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tomar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se toma a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos e que se denomina de bicorporeidade. (Obras Póstumas, P.1, Manifestações dos Espíritos, p.56-57)

(...) fenômenos de desdobramento do ser humano (...). A alma é imortal, Introd., p.15)

A bicorporeidade é a faculdade, ou dom, que têm certos indivíduos de se apresentarem ao mesmo tempo em dois lugares distintos. (A loucura sob um novo prisma, cap.2, p.111)

BILOCAÇÃO

Pela denominação genérica de "fenômenos de bilocação" se designam as múltiplas modalidades sob que se opera o misterioso fato do "desdobramento fluídico" do organismo corpóreo. Daí vem que os fenômenos de "bilocação" revestem fundamental importância para as disciplinas metapsíquicas, porquanto servem a revelar que as manifestações "anímicas", conquanto inerentes às funções do organismo físico-químico de um vivo, têm como sede um certo quê qualitativamente diverso do mesmo organismo. Assumem por isso um valor teórico resolutivo, para a demonstração experimental da existência e sobrevivência do espírito humano.

Por outras palavras: os fenômenos de bilocação demonstram que no "corpo somático" existe imanente um "corpo etéreo" que, em circunstâncias raras de diminuição vital nos indivíduos (sono fisiológico, sono hipnótico, sono mediúnico, êxtase, deliquio, narcose, coma), é suscetível de afastar-se temporariamente do "corpo somático", durante a existência encarnada. (...) o "corpo etéreo" é suscetível de separar-se temporariamente do "corpo somático", conservando íntegra a consciência de si (...). (Animismo ou espiritismo, cap., p.118)

Ver também DESDOBRAMENTO e EXTERIORIZAÇÃO

Bilocação no Leito de Morte

(...) A exteriorização, proveniente do corpo do moribundo, de um substância semelhante ao vapor que se condensa e paira sobre o mesmo, tomando-lhe a forma e o aspecto; a vitalização e a animação desta forma, logo que a vida se apaga no organismo corporal; a intervenção de entidades, geralmente familiares e amigos do moribundo, que vêm assistir o Espírito na crise suprema. (Metapsíquica humana, cap.10, p.137)

1 - BILOCAÇÃO E VISÃO A DISTÂNCIA

Em todas as formas de desprendimento, a forma visível da alma é cópia absolutamente fiel ao corpo terrestre.

Este caso fora narrado ao DR. PAUL GIBIER e, transcrito no livro "FENÔMENOS PSIQUICOS", de ALBERTO SEABRA. Ed. Pensamento. O protagonista é um talentoso artista, que jamais sentira qualquer tipo de manifestação psíquica ou mediúnica. Eis o relato:

"Há poucos dias, ao entrar em casa, lá pelas 22 horas, fui de repente surpreendido por uma estranha sensação de cansaço que eu não podia explicar. Decidido, no entanto, a me não deitar imediatamente, acendi a lâmpada e deixei-a na mesa perto da cama. Acendi um charuto, aspirei algumas baforadas e estirei-me em um sofá. No momento em que me deixei cair de costas e repousei a cabeça no coxim do sofá, senti que os objetos do ambiente giravam. Tive então uma espécie de tontura, uma sensação de vácuo. Depois, achei-me subitamente transportado para o meio do quarto. Surpreendido por esse deslocamento de que não tinha tido consciência, olhei em torno de mim e minha admiração cresceu singularmente.

Vi-me, primeiro que tudo, molemente estendido no sofá, sem rigidez; todavia, a mão esquerda se achava levantada acima de mim, estando o

cotovelo apoiado, e segurando o charuto aceso, cuja luz se via na penumbra. A primeira idéia que tive foi que estava dormindo e que tudo que eu sentia não passava de sonho. Apesar disso, dizia eu a mim mesmo que jamais sentira coisa como essa, coisa que no entanto me parecia de intensíssima realidade. Direi mais: tinha a impressão de que a realidade jamais me fora tão real.

Percebendo, também, que se não podia tratar de um sonho, a segunda idéia que subitamente me assaltou foi que eu estava morrendo. E, lembrando-me então de que tinha ouvido falar em Espíritos, imaginei que eu mesmo me tivesse tornado Espírito (!). Tudo que eu antes havia conseguido saber desse assunto, então, se desenrolou perante a minha visão interna, mas em menos tempo do que o necessário para pensar em tal. Lembro-me perfeitamente bem de ter sido então assoberbado por uma espécie de angústia, por um como pesar de coisas não acabadas ...

Aproximei-me de mim ou, antes, de meu corpo, daquilo que já então julgava ser o meu cadáver. Chamou-me a atenção um espetáculo que só pude compreender depois; senti-me, além disso, respirar, e vi o interior do meu peito e, nele, o coração a bater, com pancadas fracas, mas regularmente. Vermelho como fogo, eu vi o sangue a circular nos grandes vasos. Foi então que compreendi que devia ter sido uma síncope de um gênero particular, salvo se as pessoas que têm síncofes, pensei, se esquecem do que lhes sucedeu ao desmaiarem. Tive então receio de me esquecer de tudo, quando voltasse ao estado de vigília.

E como se fosse adquirindo certa tranqüilidade, olhei em torno de mim, perguntando-me quanto tempo iria durar o fenômeno, e depois não me importei mais com o corpo. Contemplei a lâmpada que continuava a arder em silêncio e considerei que ela estava juntinho da cama e que por isso podia incendiar as cortinas. Levei a mão à chave da mecha para apagá-la. Eu sentia a chave, percebia-lhe, por assim dizer, cada uma de suas

moléculas, mas, por mais que eu a virasse com os dedos, só estes é que executavam o movimento.

Geralmente a primeira impressão é a de que o "duplo" sai na horizontal. Em seguida passa a movimentar-se na vertical.

Fui depois ver-me no espelho, defronte da chaminé; mas em vez de ver a própria imagem, percebi que o meu olhar podia transpô-lo se o quisesse - logo se me apresentou a parede, a parte superior dos quadros e dos móveis que estavam em casa do vizinho, e depois o interior de sua casa. Verifiquei que não havia luz nesses compartimentos, nos quais, entretanto, a minha vista tudo via, e claramente percebi uma réstia de luz que me saía do epigastro e iluminava os objetos. Tive a idéia de penetrar na casa desse vizinho que eu não conhecia, e que nesse momento estava no entanto fora de Paris.

Mal desejava visitar o primeiro compartimento e já para lá me vi transportado. De que modo? Não o sei. Parece-me, porém, que transpus a parede com a mesma facilidade com que a minha vista a atravessara.

Eis-me, portanto, em casa do meu vizinho, pela primeira vez em minha vida. Esquadrinhei-lhe os quartos, cujos aspectos guardei de memória, e me dirigi à biblioteca, onde notei principalmente os títulos de várias obras colocadas numa divisão acima dos meus olhos (!). Para mudar de lugar, bastava-me querer, pois sem esforço já me encontrava onde quisesse estar ... Despertei às cinco horas da manhã, hirto, frio, deitado no sofá e tendo ainda o charuto apagado entre os dedos. A lâmpada tinha se apagado e o vidro estava esfumaçado. Fui para cama, e lá, sem poder dormir, senti calafrios. Finalmente, veio o sono, e quando despertei era dia velho.

Nesse mesmo dia, servindo-me de inocente estratagem, consegui que o porteiro fosse ver se não havia qualquer coisa em desarranjo no quarto do vizinho; e, com ele subindo, lá encontrei os móveis e os quadros por mim

vistos na noite anterior, bem como os títulos dos livros por mim observados."

Na Segunda Parte da obra "NO INVISÍVEL, LÉON DENIS trata da "EXTERIORIZAÇÃO DO SER HUMANO":

"Durante o sono normal quando o corpo repousa e os sentidos estão inativos, podemos verificar que um ser vela e age em nós, vê e ouve através dos obstáculos materiais, paredes ou portas, e a qualquer distância ... O SER FLUÍDICO se desloca, viaja, tudo se realizando sem a intervenção dos sentidos materiais, estando fechados os olhos, e os ouvidos nada percebendo".

CAMILLE FLAMMARION, o grande astrônomo francês em seu livro O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS", cita vários casos de visão a distância. Entre tais casos, desponta o da esposa de um coronel de Cavalaria que, com o duplo exteriorizado, presencia o suicídio de um oficial a quatro quilômetros de distância.

A ação da alma, a distância, sem o concurso dos sentidos, se revela mesmo no estado de vigília, nos fenômenos da transmissão de pensamento e da telepatia. Assim, duas almas, vinculadas pelas ondulações de um mesmo ritmo psíquico, podem sem e vibrar em uníssono.

Em "ANIMISMO E ESPIRITISMO", ALEXANDRE AKSAKOF refere-se à comunicação a distância por pessoas vivas exteriorizadas:

O SR. TOMÁS EVERITT, de Londres, obteve, pelo punho de sua mulher, comunicação de um de seus amigos, médium, em viagem para América.

O eminente Juiz EDMONDS. (Nova Iorque, revela que dois grupos espíritas, reunidos à mesma hora, em Boston e em Nova Iorque, se correspondiam por seus respectivos médiuns. Relata EUGÉNE NUS em "CHOSE DE L'AUTRE MONDE":

Dois grupos de experimentadores reunidos em Madrid e em Barcelona se comunicavam simultaneamente através de seus médiuns. Ao fim de cada sessão, redigia cada um por si parte uma ata, que era posta imediatamente nos Correios. As duas mensagens combinavam-se fielmente.

Em "ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA", GABRIEL DELANNE analisa alguns casos de BICORPOREIDADE. Essas análises se estendem à sua obra seguinte: "A ALMA É IMORTAL", onde afirma:

"No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte; mas, sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas, ou forte emoção, é-lhe possível exteriorizar-se bastante para se transportar, quase instantaneamente, próximo ou distante".

A lembrança das coisas percebidas nesse estado pode conservar-se, como aconteceu com o agente do caso que relatamos. De ordinário, porém, a pessoa, ao acordar, nenhuma consciência tem do que vivenciou.

AFONSO CAHAGNET, o célebre magnetizador, autor de "ARCANES DE LA VIE FUTURE DÉVOILÉS", (1847), conta o que se segue:

"O venerável padre MERICE me assegurou que, durante uma febre muito forte de que fora acometido, se vira por muitos dias separado de seu corpo, que lhe aparecia deitado a seu lado, por ele se interessando como por um amigo. O reverendo se apalpava e procurava certificar-se, por todos os meios capazes de produzir comunicação, de que aquele era um corpo ponderável, se bem pudesse nutrir a mesma convicção relativamente ao seu corpo material".

Em todas as formas de desprendimento, a forma visível da alma é cópia absolutamente fiel ao corpo terrestre. Há identidade completa entre uma pessoa e o seu duplo, podendo-se afirmar que esta semelhança não se

limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, pois que alcança até a íntima estrutura, ou por outra: todos os órgãos do ser humano existem na sua reprodução fluídica.

ALLAN KARDEC lança luzes sobre o momentoso assunto em "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Capítulo VII e nos seguintes números da "REVUE SPIRITE": janeiro, maio e novembro de 1859; janeiro, março, abril e novembro de 1860 e julho de 1861 .

R. I. E., fevereiro

CLARIAUDIÊNCIA

Clariaudiência é a faculdade pela qual a pessoa ouve os Espíritos com nitidez. (Estudando a mediunidade, cap.16, p.92)

Clariaudiência e Clarividência

(...) Os termos clariaudiência e clarividência traduzem a faculdade, que algumas pessoas têm, de ouvir o que para os outros é inaudível, e de ver o que normalmente ninguém vê. (...) (No limiar do etéreo, cap., p.69)

CLARIVIDÊNCIA

(...) É um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde sua

alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude. (O livro dos espíritos, P.2, cap.8, q, 455, p.240)

(...) antes de classificar entre os fenômenos telelésicos um caso de clarividência, é preciso indagar se ele se pode esclarecer por meio de modalidades outras, mediante as quais se verificam os fenômenos telepáticos e também, às vezes, os de "criptomnesia", como, por exemplo, nos de encontro de objetos perdidos, graças a um sonho revelador.

Segue-se daí que, aplicando esta regra às manifestações da clarividência em geral, verificamos poderem ser os fenômenos presumidos de "visão ou percepção supra-normal" reduzidos à transmissão ou leitura de pensamento, e, em parte, a fenômenos de "criptomnesia". (Os enigmas da psicometria)

Sob o nome de clarividência ou lucidez, designa-se a faculdade de adquirir conhecimentos precisos sem o socorro dos sentidos normais e sem leitura de pensamentos. (O ser subconsciente)

Clarividência é a faculdade pela qual a pessoa vê os Espíritos com grande clareza. (Estudando a mediunidade)

CRIPTOMNESIA

(Hipótese) (...) segundo a qual os médiuns teriam aprendido de antemão os informes que dão sobre o mundo espiritual (...) (A crise da Morte)

CRIPTOSCOPIA

(...) Vê-se sem os olhos (físicos). A criptoscopia deve ser aceita como um novo ramo da árvore da ciência. (A morte e seus mistérios)

DESDOBRAMENTO

(...) é ao mesmo tempo fluídico, sensorial e psíquico (bilocação), deslocando a personalidade consciente do sensitivo para o "corpo fluídico", que então percebe, a distância, o seu próprio corpo somático inanimado e sem vida. (...) (Metapsíquica humana, cap.14, p.230-231)

A lei fundamental do desdobramento é assim enunciada por Mr. Muldoon: "Quando o subconsciente se torna possuído pela idéia de movimentar o corpo físico que se acha impossibilitado de fazê-lo, o corpo astral se deslocará para fora do físico." (...) (Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos, cap.3, p.49)

(...) O mecanismo de desdobramento [durante o sono] é simples: o perispírito eleva-se horizontalmente sobre o corpo físico, flutua mansamente na direção da cabeça para os pés e se coloca gradativamente de pé. Um fio prateado continua ligando o perispírito ao corpo físico, qualquer que seja a distância percorrida por aquele. (...) (Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos, p.161)

O desdobramento é uma ação natural do Espírito encarnado que, no repouso do corpo físico, recupera parcialmente a sua liberdade. (Testemunhos de Chico Xavier, Um sonho que se realizou, p.248)

**DUPLA
VISTA
(segunda
vista)**

"(...) O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma." (O livro dos Espíritos, P .2, cap.8, q.447. p.237)

(...) o fenômeno conhecido pelo nome de segunda vista ou dupla vista (...) é a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos humanos. Percebe o que exista até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, mau grado à oclusão dos olhos.

O poder da dupla vista varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma certa segurança nos atos, a que se pode dar o qualificativo de precisão de golpe de vista moral. Um pouco desenvolvida, desperta os pressentimentos. Mais desenvolvida mostra os acontecimentos que deram ou estão para dar-se. (O livro dos Espíritos, P.2, cap.8, q.455, p.244)

(...) é uma faculdade inerente à espécie humana, por meio da qual Deus nos revela a existência da nossa essência espiritual. (...) (Obras póstumas, P.1, A segunda vista,)

O certo é que o fenômeno da dupla vista revela apenas uma faculdade do indivíduo. E, como resultante do estado de libertação da alma, o exercício dessa faculdade tanto pode ser espontâneo como provocado pela ação magnética, pois, (...) o sonambulismo é um desses estados de libertação. (Magnetismo espiritual, cap.27, p.259)

(...) a faculdade de [certos indivíduos] verem as coisas distantes, por onde quer que a alma estenda sua ação; vêem, se podemos servir-nos desta expressão, através da vista ordinária; e os quadros que descrevem e os fatos que narram se lhes apresentam como efeitos de uma miragem. (...) (Magnetismo espiritual, cap.27, p.260)

(...) é quase sempre natural e espontânea; parece, entretanto, que se produz com mais freqüência sob o império de determinadas circunstâncias: os tempos de crise de calamidades, de grandes emoções, de tudo, enfim, que sobreexcita o moral, que provoca o desenvolvimento. (...) (Magnetismo espiritual, cap.27, p.261)

**ECTOPLASMIA
(IDEOPLASTIA)**

(...) formação de objetos diversos, os quais, as mais das vezes, parecem sair do corpo humano e tomam aparência de uma realidade material (vestuário, véus, corpos vivos) (Além do Inconsciente)

**ESCRITA
DIRETA**

ESCRITA AUTOMÁTICA

Quando um médium apóia um lápis sobre o papel e sente sua mão escrever sem que ele exerça qualquer ação muscular, dá-se o que os psiquistas chamam escrita automática ou passiva: ela difere quase sempre da escrita habitual do médium. (O psiquismo experimental, P.I, cap3, p.42)

ESCRITA DIRETA

É esta a expressão empregada para designar a escrita que não é produzida por nenhuma das pessoas presentes. (Fatos Espíritos, Escrita direta, p.43)

Há ainda os médiuns que obtêm a escrita direta; estes, porém, são poderosamente dotados. A escrita direta consegue-se de diversas maneiras: ou em papel colocado sob as vistas do observador, ou oculto; este papel cobre-se instantaneamente pela escrita. (...)

Outra espécie de escrita direta obtém-se com o auxílio de um lápis escrevendo sozinho em papel ou em ardósia. (...) (O Espiritismo, cap.7, p.116)

(...) escrita feita diretamente e pelos Espíritos, sem ação notória de mão, ora porém com utensílios gráficos visíveis (lápis, grafite), ou sem eles. (Hipnotismo e mediunidade, P.2, cap.2, p.148)

Ver também PNEUMATOGRAFIA: ESCRITA ESPECULAR

(...) [Escrita] em sentido inverso do normal, (...) escrita "especular", que, para ser lida, precisa refletir-se num espelho. (...) (Xenoglossia, Automatismo escrevente, p.91)

ESCRITA MEDIÚNICA

(...) O sensitivo, sob um impulso oculto, traça no papel comunicações, mensagens em cuja redação o seu pensamento e vontade apenas tiveram parte mínima. (...) (Cristianismo e Espiritismo, cap.9, p.179)

ESCRITA SEMIMECÂNICA

(...) neste caso, o braço e o cérebro são igualmente influenciados; as palavras surgem ao pensamento do médium no próprio momento em que as traça o lápis. (...) (Cristianismo e Espiritismo, cap.9, p.179)

ÊXTASE

ÊXTASE

"O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente." (O Livro dos Espíritos, P.2, cap.8, q.439, p.235)

O êxtase é o estado em que a independência da alma, com relação ao corpo, se manifesta de modo mais sensível e se torna, de certa forma, palpável.

(...) no estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão. (O Livro dos Espíritos, P.2, cap.8, q.455, p.242 e 243)

O êxtase é a emancipação da alma no grau máximo. (...) (Obras Póstumas, P.1, Manifestações dos Espíritos, p.55)

(...) um dos mais belos apanágios da alma afetuosa e crente, que, na exaltação de sua fé, reúne todas as suas energias, se desembaraça

momentaneamente dos empecilhos carnis e se transporta às regiões em que o Belo se ostenta em suas infinitas manifestações.

No êxtase, o corpo se torna insensível; a alma, libertada de sua prisão, tem concentradas toda a sua energia vital e toda a sua faculdade de visão em um ponto único. Ela não é mais deste mundo, mas participa já da vida celeste. (No Invisível, P.2, cap.13, p.161)

Êxtase Sexual

Acreditamos que o êxtase sexual, esta grande reação da vida, além de atender a necessidade procriativa, seria um mecanismo de profundas trocas energéticas entre dois seres. (...) (Forças sexuais da alma, cap.5, p.142)

Êxtase da Dupla Vista

(...) nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. (...) (A Gênese, cap.16, it.5, p.360)

EXTERIORIZAÇÃO

(...) A exteriorização [da alma] não é mais que uma preparação do Espírito para o estado de liberdade, para essa outra forma de existência em que ele se encontra desembaraçado dos liames da matéria. (No invisível, P.2, cap.12, p.155)

Ver também BILOCAÇÃO e DESDOBRAMENTO

Exteriorização da Sensibilidade

(...) fenômeno rudimentar da separação do espírito do corpo, mas deixa entrever que o corpo material se ressentia das contusões e choques experimentados pelo corpo espiritual. (O rosário de coral, P.4, p.210)

IDEOPLASTIA

Nesse estudo [da telecinesia} os espíritas põem em ação os métodos de análise comparada, aproximando e ligando os ditos fenômenos aos da ideoplastia propriamente dita, a matéria somática do organismo do médium, exteriorizada sob forma fluídica ou semifluídica, se concretiza em um membro, em uma cabeça, em uma forma organizada, com o auxílio da vontade subconsciente do médium, compreendendo nesta série todas as manifestações anímicas de uma mesma ordem, que não diferem uma da outra senão pela gradação evolutiva (...). (Metapsíquica humana, cap.14, p.229)

(...) a matéria viva exteriorizada é plasmada pela idéia. (Pensamento e vontade, Ideoplastia, p.93)

Faculdade que tem o pensamento de exercer uma ação direta sobre a matéria. (O Cristo de Deus, Glos.)

Ver também ECTOPLASMIA

INSPIRAÇÃO

(...) essa luz sobrenatural cujo foco em vão se procura na Terra; essa luz que nos abrasa sem consumir, que nos eleva acima da nossa miséria, para ensinar a humildade. (Entre dois mundos, cap.6, p.28)

(...) de todas as formas de mediunidade, a inspiração é a que mais profundamente se ressentida da influência pessoal do médium. (...) (A personalidade de Jesus, Elementos de autenticidade, p.35)

Segundo Pitágoras (...) "a inspiração é uma sugestão dos Espíritos que nos revelam o futuro e as coisas ocultas." (No invisível, P3, cap.26, p.398)

No que concerne à inspiração (nos homens de talento ou de gênio), é claro que ela é pura e simplesmente o resultado da sugestão do ser subconsciente. (...) (O ser subconsciente, P.1, capA, p.154)

A inspiração é a equipe dos pensamentos alheios que aceitamos ou procuramos. (Rumo certo, Faixas, p.125)

LICANTROPIA

(...) é o fenômeno pelo qual Espíritos "pervertidos no crime" atuam sobre antigos comparsas, encarnados ou desencarnados, fazendo-os assumir atitudes idênticas às de certos animais. (Estudando a mediunidade, cap.35, p.182)

Ver também ZOANTROPIA

Licantropia Agressiva

(...) se expressa através da violência, da alucinação e, até, do crime. (Estudando a mediunidade, cap.35, p.184)

Licantropia Deformante

(...) a pessoa imita "costumes, posições e atitudes de animais diversos (...)." (Estudando a mediunidade, cap.3S, p.184)

MATERIALIZAÇÃO

(...) O fenômeno de materialização se produz a expensas do corpo do médium, que fornece os elementos necessários, isto é, que um certo grau de desmaterialização do médium corresponde ao começo inevitável do fenômeno de materialização do Espírito. (...) (Um caso de desmaterialização do corpo de um médium, cap.1, p.23)

(...) experiências que estabelecem positivamente a existência real e objetiva dos Espíritos, demonstrando que, em certas circunstâncias, pode-se constatar a sua presença com tanto rigor e pelos mesmos processos que vulgarmente são empregados quando se trata de uma pessoa viva. Podemos vê-los, tocá-los, fotografá-los, ouvi-los falar; em uma palavra, nos certificamos por todos os meios possíveis de que, temporariamente, eles são tão vivos como os observadores. Esses fenômenos são chamados materializações. (O fenômeno Espírita, cap. p. 128)

Chamamos materialização ao fenômeno pelo qual um Espírito se mostra com um corpo físico, tendo todas as aparências da vida normal. (...) (O fenômeno Espírita, cap., p.139)

A materialização é, por assim dizer, uma espécie de reencarnação momentânea; a inteligência, alma ou Espírito do morto entra durante algum tempo em uma forma quase material, criada com o corpo psíquico do médium de um lado e elementos materiais tomados aos assistentes. (...)

É um processo de formação fluídica extremamente delicado (...). (O psiquismo experimental, P.2, capA, p.106-107)

(...) é um simili do ser humano que anda, fala, sorri, e mesmo escreve, deixando assim provas tangíveis da sua realidade. (O psiquismo experimental, P.2, capA, p.108)

Nos casos espontâneos, aliás raros [de materialização], nota-se a formação de um organismo - a distância e, às vezes, bem afastado do "sujet" - parecendo sua cópia minuciosa, o seu duplo. (O ser subconsciente, P.1, cap.2, p.105)

Trata-se da criação ex-novo de formas mais ou menos organizadas que têm os característicos físicos assinalados da matéria, isto é, de serem resistentes ao tato e ao senso muscular (tangíveis), e, algumas vezes, dotadas de luz própria (luminosas), e mais geralmente capazes de deter os raios exteriores de luz (fazendo-se visíveis). (Hipnotismo e Mediunidade, P.2, cap.2. p. 149)

(...) é o fenômeno pelo qual os Espíritos se corporificam, tornando-se visíveis a quantos estiverem no local das sessões. (Estudando a mediunidade, capA2, p.216)

A materialização é uma operação delicadíssima, que consiste na combinação de fluidos vitais e materiais do médium e dos próprios assistentes com os do Espírito manifestante, até adquirir a aparência de uma pessoa física. (Sessões práticas e Doutrinárias do Espiritismo, cap.6, p.128)

Ver também TELEPLASTIA

Materialização Completa

(...) forma humana completamente visível e tangível que, para a vista comum, não difere em nada dum corpo humano vivo. Este fenômeno é o desenvolvimmento mais elevado, o non plus ultra da materialização, durante a qual o médium acha-se isolado na obscuridade e geralmente em transe (sono magnético). (Um caso de desmaterialização do corpo de um médium, cap.1, p.25 e 26)

As materializações completas, obtidas experimentalmente nas sessões mediúnicas, apresentam importantes características a considerar: a forma materializada (...) é, as vezes, completa, ossos, músculos, vísceras, em nada diferindo de um vivente, pelo funcionamento orgânico. Assemelha-se, mais ou menos, com o médium. As vezes a aparência é suficientemente forte para dar a impressão de um verdadeiro desdobramento dele.

De outras, a forma difere do "sujet" por importantes peculiaridades como, por exemplo, cor dos olhos e dos cabelos, pro porção, sexo, etc. (O ser subconsciente, P.1, cap.2, p.1 05-1 06)

Materialização Incompleta

(...) Aparições de formas escuras, de caráter indeterminado ou pouco evidente. São as materializações incompletas. (...) (Hipnotismo e mediunidade, P2, cap.2, p.151)

Materialização Invisível Primordial

A materialização invisível primordial corresponde a uma desmaterialização mínima e invisível do médium, que se conserva visível. (Um caso de desmaterialização do corpo de um médium, cap.1, p27)

Materialização Visível

A materialização visível, mas parcial, incompleta quanto à forma ou à essência, corresponde a uma desmaterialização máxima ou completa do médium até ao tempo em que, por sua vez, ele se torna invisível. (Um caso de desmaterialização do corpo de um médium, cap.1, p.27)

**PANESTESIA
ESPIRITUAL**

(...) (é) a existência subconsciente de um sentido único, supranormal, capaz de revestir todas as modalidades pelas quais se manifestam os sentidos e faculdades terrestres. (Os enigmas da psicometria)

Pretendeu-se definir assim uma faculdade que contivesse em si mesma todas as formas de percepções sensoriais terrestres e bom número de outras ainda ignoradas - faculdade que, completando os diversos órgãos sensoriais do corpo humano, se converteria em outros tantos sentidos especializados, efêmeros de si mesmos posto que indispensáveis à existência encarnada. (Os enigmas da psicometria)

PARAMNESIA

(...) impressão do já visto (...) (Os enigmas da psicometria)

PNEUMATOFONIA OU VOZ DIRETA

É a produção, pelos espíritos, de sons vocais semelhantes à voz humana.

Esses sons exprimem pensamentos e mostram claramente uma manifestação inteligente.

Trata-se de fenômeno espontâneo, podendo raramente se provocado.

PNEUMATOFONIA

(...) os Espíritos podem (...) fazer se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, assim ao nosso lado, como nos ares. A este fenômeno que damos o nome de pneumatofonia.

(...) os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e nisso está o que nos faz conhecer que são devidos a uma causa inteligente e não accidental. (...)

Os sons espíritas, os pneumatofônicos se produzem de duas maneiras distintas vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo, porém de material as palavras, conquanto sejam claramente perceptíveis; outras vezes exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que estivesse ao lado.

De um modo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado. (O Livro dos Médiuns, P.2, p.195-197) ~

(DO GREGO - pneuma - e - phoné, som ou voz.) - Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o concurso da voz humana. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.32, p.487)

Ver também VOZ DIRETA

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

Escrita produzida diretamente pelo espírito, sem intermediário.

É um tipo de manifestação rara e não espontânea, conseguida por meio da concentração, da prece e da evocação.

O espírito pode fabricar a matéria e os instrumento de que necessita, transformando por ação de sua vontade o elemento primitivo universal.

PNEUMATOGRAFIA

A escrita direta, ou pneumatografia, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias, para se ter a certeza da ausência de qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acinzentada, análoga à plumbagina, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.8. il.127, p.166)

(...) A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum (...). (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.12, it.146, p.192)

(Do grego - pneuma - ar, sopro, vento, espírito, e graphó, escrevo.) - Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.32, p.487)

Quando se obtém uma comunicação sem o auxílio da mão de psiquista, quer sobre papel branco, quer entre duas ardósias atadas e lacradas, tem-se o que se denomina psicografia (ou escrita direta). (O psiquismo experimental, P.1, cap.3, p.42)

Kardec emprega essa palavra para exprimir a escrita direta espiritual, deixando a psicografia, para exprimir a escrita que é feita pela mão do médium. (Bases científicas do Espiritismo, cap.1, p.40)

Ver também ESCRITA DIRETA

Pneumatografia Imediata

Pneumatografia imediata, escrita direta, aparentemente "sine matéria", relacionada sem dúvida com os efeitos de transporte. (...) (Além do inconsciente, cap.3, p.171)

Pneumatografia Mediata

Pneumatografia mediata, efeito mecânico, tal a escrita entre duas lousas onde se coloca previamente um fragmento de lápis (...). (Além do inconsciente, cap.3, p.170)

PRESENTIMENTO

"É O conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. E a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o Espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna presentimento." (O Livro dos Espíritos, P.2, cap.9, q.522, p.266-267)

O presentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.15, it.184, p.226)

[Presentimentos] são recordações vagas e intuitivas do que o Espírito aprendeu em seus momentos de liberdade e algumas vezes avisos ocultos dados por Espíritos benévolos. (O que é Espiritismo, cap.3, it.138, p.204)

O presentimento é a vaga e confusa intuição do que vai acontecer. (No invisível, P.2, cap.13, p.163)

(...) é um radiograma transmitido, ao Presente, das regiões misteriosas do Porvir .. (Do calvário ao infinito, L.4, cap.1, p.213)

Ver também INTUIÇÃO

PSICOCINESIA

PSICOCINESIA ou TELECINESIA - ação direta da mente sobre os objetos físicos. (Espiritismo Básico, Psicologia, para psicologia e Espiritismo, p.28)

(...) ação direta da mente sobre a matéria - psicocinesia ou PK ou fenômeno psikappa (...). (Além do inconsciente, cap.1, p.12)

Ver também TELECINESIA

Psicocinesia Ectoplásmica

(...) Ação psicocinética mais intensa que mobilizaria a própria substância protoplásmica para além da periferia do corpo (ectoplasma - matéria) (...). (Além do inconsciente, cap.3, p.123)

Psicocinesia Energética

(...) Ação psicocinética da mente sobre o próprio organismo, determinando a exteriorização de um fator dinâmico de natureza física (ectoplasma - força): psicocinesia energética. (Além do inconsciente, cap.3, p.123)

Psicocinesia Pura ou Imediata

(...) ação da mente sobre a matéria sem intermediário físico ou, se preferirmos, através de uma força de natureza psíquica, a força psicocinética. (Além do inconsciente, cap.3, p.123)

PSICOFONIA

É a expressão do pensamento de um espírito comunicante utilizando-se dos recursos vocais de um médium.

Estando controlado o médium, se queremos falar pelos seus órgãos vocais, põmo-lo numa condição de inteira passividade. É a condição em que ele vem a estar no transe. Seu Espírito deixa o corpo por algum tempo e se coloca ao lado. Uma vez nessa condição, podemos atuar-lhe sobre a laringe, as cordas vocais, a língua e os músculos da garganta. Não operamos no seu interior, mas de pé atrás dele. Podemos colocar-nos na condição do médium, ou afinados com ele, mediante uma extensão que, quando movemos os nossos órgãos vocais, faz que os do médium semelhantemente se movam. Há um elo de conexão, etéreo ou físico, pedeis chamar-lhe de um modo ou doutro, que tem a mesma ação sobre os músculos do médium, que um diapasão sobre outro, desde que ambos estejam afinados no mesmo tom. Trabalham assim harmônicas as duas sedes de órgãos vocais. Não há aqui o caso das mensagens serem influenciadas pela mente do médium, porque esta de nenhum modo intervém na operação. Não trabalhamos através da sua mente, mas, diretamente, sobre seus órgãos vocais. Tudo o que vem a exteriorizar-se é tal qual saiu da mente do Espírito que o controla. A mente e o cérebro do médium são postos fora de ação, temporariamente, e o Espírito que opera lhe controla os músculos dos órgãos vocais. (Espiritismo básico, cap.11, p.157)

(...) Por esse fenômeno o Espírito se incorpora ao médium, por cujos sentidos se manifesta. A perfeição da comunicação depende de várias

circunstâncias; tanto melhor será ela quanto maior for o desprendimento do Espírito do vivo. (Espiritismo à luz dos fatos, Dos fenômenos subjetivos, p.280)

(...) a mediunidade psicofônica (palavra espírita que a ciência moderna está aceitando) estaria classificada como efeito intelectual (...) do grupo parapsicológico psigama, ou ESP, que, por sua vez, se enquadra como mediunidade de expressão cortical, ou de efeitos psíquicos. (...) (Reencarnação e mediunidade, cap.5, p.67)

É a faculdade que permite aos Espíritos, utilizando os órgãos vocais do encarnado, transmitirem a palavra audível a todos que presentes se encontrem. (Estudando a mediunidade, cap.9, p.51)

Ver também MEDIUNIDADE FALANTE

Psicofonia Consciente

NA PSICOFONIA CONSCIENTE PODE O MÉDIUM FISCALIZAR A COMUNICAÇÃO, CONTROLANDO GESTOS E PALAVRAS DO ESPÍRITO, UMA VEZ QUE O PENSAMENTO DESTE ATRAVESSA, ANTES, A MENTE DO MÉDIUM, PARA CHEGAR, AFINAL, AO CAMPO CEREBRAL. (Estudando a mediunidade, cap.9, p.55)

PSICOGRAFIA

Registro do pensamento do espírito pela escrita, feita através das mãos do médium. É o meio de comunicação mais simples, fácil, completo, cômodo e duradouro. Presta-se à transmissão de uma simples frase, como até de livros completos.

Todos os esforços devem ser envidados para o seu desenvolvimento, pois permite o estabelecimento de comunicações escritas por parte dos espíritos, tão continuadas, regulares e perfeitas como as existentes entre os encarnados. Pela psicografia, torna-se mais fácil conhecer, apreciar e julgar as virtudes e o grau de evolução do espírito comunicante, além de seus pensamentos mais íntimos.

A identidade do espírito fica mais caracterizada e as idéias, fatos ou ensinamentos que pretende transmitir bem mais analisáveis e assimiláveis. Nesse tipo de manifestação ou comunicação, pode o espírito agir diretamente sobre a mão do médium, dando-lhe um impulso mecânico que o faz escrever involuntária, independentemente e inconscientemente.

O espírito pode também atuar sobre a mente do médium, transmitindo-lhe seu pensamento. Nesse caso, o médium escreve involuntária ou intuitivamente, mas pode ter alguma consciência do que está psicografando. Foi principalmente por meio da psicografia que Allan Kardec obteve grande parte das informações espirituais, através de diferentes médiuns, em diversas partes do mundo, analisando-as e pesquisando-as, à luz da razão, para erigir o bloco monolítico da codificação espírita.

Através da psicografia de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco e muitos outros médiuns contemporâneos, vêm-se mantendo, de forma segura e permanente, o fluxo de informações entre os planos físico e espiritual, preservando a pureza e a atualidade dos ensinamentos espíritas.

Ariovaldo Caversan

PSICOGRAFIA

(...) a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. (Ref.110, P.2, cap.12, it.146, p.192)

(...) É a escrita psíquica. O Espírito se manifesta escrevendo a sua mensagem, e a manifestação é tanto mais perfeita quando menos consciente é o médium. (Ref.089, Dos fenômenos subjetivos, p.280)

Ver também MÉDIUM ESCREVENTE e MEDIUNIDADE MECÂNICA

Psicografia Indireta

Chamamos psicografia indireta à escrita assim obtida [com o auxílio de cesta-pião, cesta de bico, mesa pequenina, prancheta, etc.]. em contraposição à psicografia direta ou manual, obtida pelo próprio médium. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.13, it.157, p.201)

(...) a escrita obtida com um lápis adaptado a um objeto qualquer que lhe serve de suporte. (...) (Além do inconsciente, cap.3, p.171)

PSICÓGRAFO AUTOMÁTICO

(...) Diz-se automático o psicógrafo que ignora totalmente o que a própria mão escreve (...). (Além do inconsciente, cap.3, p.130)

Ver também MÉDIUM MECÂNICO

PSICÓGRAFO SEMI-AUTOMÁTICO

(...) aquele que tem consciência da mensagem, apesar da assinalada autonomia do membro superior. (...) (Além do inconsciente, cap.3, p.130)

Ver também MÉDIUM SEMIMECÂNICO

PSICOMETRIA



PSICOMETRIA

(...) mediunidade segundo a qual o sensitivo, posto em contato com objetos, pessoas ou lugares relacionados com acontecimentos passados, sintoniza-se de tal maneira com o clima psicológico em que esses acontecimentos ocorreram que se torna capaz de descrevê-los com assombrosa precisão. (...) (Crônicas de um e de outro, cap.64, p.219)

(...) os fenômenos de "psicometria"(...) consistem em que, se se puser um objeto nas mãos de "sensitivos especiais", eles lhe revelarão a história, ou descreverão a da pessoa que longamente o usou. (...) (Animismo ou Espiritismo, cap.5, p.234)

(...) possibilidade de estabelecer-se a "relação psíquica" com pessoas distantes, desconhecidas de todos os presentes, mas só sob a condição de apresentar-se ao "sensitivo" um objeto que haja trazido consigo longo tempo o indivíduo distante com quem se deseje entrar em comunicação (...). (Animismo ou Espiritismo, Conclusões, p.290)

(...) uma das modalidades da clarividência (...).

As modalidades segundo as quais se estabelece a conexão entre o sensitivo e a pessoa ou meio concernente ao objeto "psicométrado", distinguem, efetivamente, a psicometria das outras formas de clarividência. (...)

Na psicometria, (...) os objetos apresentados ao sensitivo (...) constituem verdadeiros intermediários adequados, que, à falta de condições experimentais favoráveis, servem para estabelecer a relação entre a pessoa ou meio distantes, mercê de uma "influência" real, impregnada no objeto, pelo seu possuidor.

Esta "influência", de conformidade com a hipótese psicométrica, consistiria em tal ou qual propriedade da matéria inanimada para receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e emanações físicas, psíquicas e vitais, assim como se dá com a substância cerebral, que tem a propriedade de receber e conservar em latência as vibrações do pensamento. (Os enigmas da psicometria, p.9 e 10)

(...) Ordinariamente, a faculdade psicométrica é uma função do EU integral subconsciente, posto que se verifique, muitas vezes, com a intervenção de entidades desencarnadas. (Os enigmas da psicometria, p.117)

(...) um pedaço de arma, uma medalha, um fragmento de sarcófago e uma pedra de ruínas evocarão na alma do vidente uma série completa das imagens referentes aos tempos e aos lugares a que pertenceram esses objetos. E o que se chama psicometria. (O problema do ser do destino e da dor, P.3, cap.21 , p.333)

(...) a clarividência é facilitada pelo contato do "sujet" com um objeto qualquer proveniente do ambiente visto, bem como de pessoas com as quais a afinidade deva estabelecer-se (é a psicometria). (O ser subconsciente, P.1, cap.2, p.95)

(...) faculdade que têm algumas pessoas de lerem "impressões e recordações ao contato de objetos comuns". .

Psicometria é, também, faculdade mediúnica. Faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados. (...)

Pela psicometria o médium revela o passado, conhece o presente, desvenda o futuro. (Estudando a mediunidade, cap.39, p.199 e 201)

Lindo e curioso fenômeno mediúnico, que permite ao indivíduo dotado da dita faculdade - ver e ouvir o que foi acontecido ou realizado no local que

visita, depois de muitos anos decorridos sobre os mesmos acontecimentos.
(A tragédia de Santa Maria, P.1, cap.3, p.37)

(...) Em boa expressão sinonímica, como o é usada na Psicologia experimental, significa "registro, apreciação da atividade intelectual", entretanto, nos trabalhos mediúnicos, esta palavra [psicometria] designa a faculdade de ler impressões e recordações ao contacto de objetos comuns.
(Nos domínios da mediunidade, cap.26, p.242)

(...) considerada nos círculos medianímicos por faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças, ao contacto de objetos e documentos, nos domínios da sensação a distância (...).
(Mecanismos da mediunidade, cap.20, p.143)

SEGUNDA VISTA

Segunda vista: ver dupla vista

SONAMBULISMO

É um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades.

A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores.

Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. (O Livro dos Espíritos)

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, proque é onde ela se mostra a descoberto. (...) (O Livro dos Espíritos)

(...) o sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, um estado de desprendimento parcial, um pé antecipadamente posto no mundo espiritual. (Obras Póstumas, P.1, Controvérsias ... , p.92)

"O sonambulismo não é nem um estado de vigília, nem um estado de sono rigorosamente falando; é uma combinação desses dois estados. É um modo particular de existir. (...)" (Magnetismo Espiritual, cap.11, p.102)

Aubin Gauthier, sobre a significação da palavra sonambulismo, diz que ela é francesa, constituída de dois vocábulos latinos: somnus e ambulatio. Significa pois a ação de andar dormindo, e foi criada para indicar o fenômeno do sonambulismo natural. A palavra somente é encontrada nos dicionários franceses a partir de " sonambulismo magnético surgiu em 1784; e, na falta de outra expressão, foi usado o mesmo vocábulo sonambulismo para indicar o novo fenômeno. Depois dessa época, diversas outras palavras foram propostas, tendo, porém, prevalecido as expressões sonambulismo natural e sonambulismo magnético. (Magnetismo Espiritual)

Sonambulismo Artificial

(...) é [aquele] provocado pelo magnetismo. (...)

O sonambulismo magnético [ou artificial] é comumente caracterizado por sensibilidade da pele; pode-se impunemente picar o adormecido, beliscá-lo, provocar queimaduras: ele não desperta nem dá qualquer sinal de sofrimento (O fenômeno Espírita, p.1 03)

TELECINESIA

TELECINESIA

(...) ação mecânica diferente das forças mecânicas conhecidas, a qual, em determinadas condições, tem, a distância, atuação sem contacto sobre objetos ou pessoas. (Além do inconsciente, cap.1, p.1 O)

(...) é palavra usada para significar o movimento de objetos sem o emprego de qualquer força conhecida. (...) (No limiar do etéreo, capA, p.69)

Os fenômenos psíquicos, denominados de efeitos físicos, são conhecidos de todos os tempos, notadamente os de levitação e transporte. Na Metapsíquica são eles chamados fenômenos telecinéticos, de tele (distância) e cine (movimento) isto é, movimento a distância. (Espiritismo à luz dos fatos, Dos fenômenos objetivos, p.266)

Ver também PSICOCINESIA

TELEFOTOGRAFIA

TELEFOTOGRAFIA

(...) aparelho (...) cuja utilidade consistia em reproduzir numa parte do Globo meio de combinações elétricas, os caracteres de escrita que uma pessoa fizesse, num papel colocado na outra parte. Por esse meio, desenhos e planos poderiam ser fielmente transmitidos de um a outro extremo do mundo. (...)

Trata-se, sem dúvida, da telefotografia, que principiou a desenvolver-se 1902, mas que somente depois de 1925 ganhou importância prática. (No país das sombras, cap.12, p.129-130)

TELEGRAFIA ESPIRITUAL

TELEGRAFIA ESPIRITUAL

(...) nomear em voz alta as letras do alfabeto, pedindo ao Espírito para dar pancada quando a letra entrasse na composição das palavras que quisesse compreender. (...) este processo é o que vemos aplicado nas mesas girantes (O fenômeno Espírita, P.1, cap.2, p.24)

Ver também RAPS

TELEGRAFIA HUMANA

() É uma comunicação direta de espírito a espírito encarnado não adormecidos. () (Filosofia espírita da educação, v.2, p.66}

TELEMNESIA

TELEMNESIA

(...) faculdade selecionadora de informações pessoais nas subconsciências de terceiros, sem limites de distância (...). (Animismo ou espiritismo, Conclusões, p.288}

Telemnesia Onisciente

(...) [teoria] segundo a qual as faculdades perquiridoras dos médiuns teriam o poder de insinuar-se nas subconsciências de pessoas distantes, a fim de aí selecionar os informes de que necessitam para mistificar o próximo, informes esses - note-se bem - que quase nunca dizem respeito à pessoa "selecionada", mas a terceiras pessoas que ela conheceu em épocas freqüentemente muito remotas, o que torna sobremaneira fantástica e insustentável semelhante hipótese. (Animismo ou espiritismo, cap.2, p.42}

TELEPATIA

TELEPATIA

(...) É uma troca de impressões, conscientes ou inconscientes, entre dois centros de atividade psíquica. (...) (Animismo e espiritismo, v.2, cap.3, p.200}

Telepatia é a comunicação direta, sem quaisquer intermediários, de uma para outra mente. Segundo alguns autores, admitem-se várias formas de telepatia: adivinhação do pensamento de alguém, que não participa da experiência; transmissão do pensamento, quando duas pessoas participam, transmitindo e captando; quando se influi a mente alheia (ST - sugestão telepática) e quando se exerce domínio sobre a mesma (HT - hipnose telepática). (Espiritismo básico, Psicologia, Para psicologia e Espiritismo, p.28}

() é a forma da linguagem espiritual (...). (A crise da morte, Conclusões, p.166}

() "transmissão do pensamento a distância entre dois cérebros"(...). (A crise da morte, Os fenômenos de telestesia, p.130}

(...) é uma coisa espiritual e que, por conseqüência, se manifesta em uma ambiência espiritual (...). (Fenômenos psíquicos no momento da morte, Conclusões, p.128}

(...) transmissão do pensamento (compreendida na significação clássica de um sistema de vibrações psíquicas que se espalham por ondas concêntricas de um cérebro a outro). (...) (Fenômenos psíquicos no momento da morte, Dos fenômenos de telecinesia ... , p.132}

(...) processo de comunicação entre todos os seres pensantes na Vida Superior e a oração é uma das suas formas mais poderosas, uma das suas aplicações mais elevadas e mais puras. A telepatia é a manifestação de uma lei universal e eterna. (O problema do ser, do destino e da dor, P.1, cap.6, p.97}

(...) meio de que se servem as humanidades do Espaço para comunicarem entre si através das imensidades siderais. Em qualquer campo das atividades sociais, em todos os domínios do mundo visível ou invisível, a

ação do pensamento é soberana; não é menor sua ação (...) em nós mesmos, modificando constantemente nossa natureza íntima. (O problema do ser, do destino e da dor, P.3, cap,24, p.355-356)

(...) Telepatia significa (...) "ser advertido, por uma sensação qualquer de uma coisa que se passa ao longe".

() a raiz de telepatia significa sensibilidade. (O desconhecido e os problemas psíquicos. v.1, cap.3, p.66)

() uma comunicação harmoniosa entre os cérebros e entre as almas. (O desconhecido e os problemas psíquicos, v.2, cap.6, p.67)

A telepatia consiste essencialmente no fato de uma impressão física intensa, manifestando-se em geral imprevistamente numa pessoa normal (isto é, não sujeita a perturbações funcionais ou a alucinações), seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão que se encontra em concordância com um acontecimento ocorrido a distância.

Observamos que, na telepatia espontânea, aquele que recebe a impressão está geralmente em seu estado normal, ao passo que quem a envia atravessa um estado de crise anormal: acidente, angústia, desfalecimento, letargia, morte, etc.. (A morte e seu mistério)

TELEPATIA E TELESTESIA

(...) Compreende a recepção e transmissão dos pensamentos, das sensações, dos impulsos motrizes. Com esses fatos relacionam-se os casos de desdobramentos e aparições designados pelos nomes de fantasmas dos vivos. (...) (O problema do ser, do destino e da dor, P.1, cap.5, p.B6)

TELEPLASTIA

TELEPLASTIA

(...) A teleplastia {consiste em] aparições de formas materializadas e tangíveis (...). (O psiquismo experimental, P.1 , cap.1 , p.15)

O "sujet" pode ou desorganizar certos objetos a distância, ou organizar em formas mais ou menos complexas uma trama material emanada ou exteriorizada de seu próprio organismo. (...) (O ser subconsciente, P.1, cap.2, p.103)

(...) materializações visíveis que aparecem formadas com uma substância ou matéria sutilíssima, emanante da pessoa do médium e composta de partículas ou moléculas que interceptam a luz ordinária (teleplastia). (Hipnotismo e mediunidade, P.2, cap.2, p.150)

Ver também MATERIALIZAÇÃO

TELESTESIA

TELESTESIA

(...) o professor Charles Richet deu uma definição (...) nos seguintes termos: "Conhecimento que tem o indivíduo de qualquer fenômeno não perceptível nem cognoscível pelos sentidos normais, e estranhos a toda e qualquer transmissão mental consciente ou inconsciente." (...) (Os enigmas da psicomетria, Os fenômenos de leleslesia, p.119)

No Glossário que precede a obra principal de Frederic Myers, a significação do vocábulo Telestesia vem assim definida: "Percepção a distância, implicando uma sensação ou visualização direta de coisas ou condições,

independentemente de qualquer veículo sensorial conhecido, e em circunstâncias que excluem a presunção de serem as noções adquiridas originárias de mentalidade estranha à do percipiente". (Os enigmas da psicometria, Os fenômenos telestesia, p.119)

(...) fenômeno de "relação" qualquer a distância, entre um cérebro pensante e objeto inanimado (...). (Os enigmas da psicometria, Os fenômenos de telestesia, p.130-131)

() "leitura a distância em livros fechados." (...) (, p.186)

() projeção e ação da sensibilidade a distância (...). (O ser subconsciente, P.1, cap.2, p.96)

TIPTOLOGIA

TIPTOLOGIA

As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou da tiptologia. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.11, it.139, p.177)

(Tiptologia - do grego - tipto, eu bato, e - lagos, discurso). - Linguagem por pancadas, ou batimentos: modo de comunicação dos Espíritos. Tiptologia alfabética. (O Livro dos Médiuns, P .2, cap.32, p.488)

(...) em sentido amplo, [corresponde aos sinais] convencionais.

Na tiptologia (...) há sempre uma convenção. Uma série de raps não chega a ser tiptologia. embora pelo seu caráter, oportunidade e localização possa ter um significado sematológico. (...) (Além do inconsciente, cap.3, p.166)

Linguagem por pancadas, ou batimentos, de que se valem os Espíritos para se comunicarem com os homens. (O cristo de Deus, Glos.)

Ver também EFEITOS FÍSICOS e RAPS

Tiptologia Alfabética

(...) consiste em serem as letras do alfabeto indicadas por pancadas. Podem obter-se então palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o a, duas para o b, e assim por diante. Enquanto isto, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo designadas. O Espírito faz sentir que terminou, usando de um sinal que se haja convencionado. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.11, it. 141, p.187)

Tiptologia Interior

(...) pancadas produzidas na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.11, it.142, p.188)

A "tiptologia interior" - efeito acústico - verifica-se "por meio de pancadas produzidas na própria madeira da mesa" (...) (Além do inconsciente, cap.3, p.166)

Tiptologia Óptica

(...) em que os movimentos ou os raps são substituídos por sinais luminosos. (Além do inconsciente, cap.3, p.167)

Tiptologia por Meio de Bâsculo

(...) consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isso que o médium lhe ponha a mão

na borda. Se se quiser confabular com determinado Espírito, será necessário evocá-lo. No caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegue, ou o que tenha o costume de apresentar-se. Tendo convencido, por exemplo - que uma pancada significará - sim e duas pancadas - não, ou vice-versa, indiferentemente, o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.11, it.139, p.185 e 186)

Efeito mecânico - "consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés." (Além do inconsciente, cap.3, p.166)

TIPTÓLOGO

Gênero de médiuns aptos à tiptologia. Médium tiptólogo. (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.32, p.488)

TRANSPORTE

TRANSPORTE

(...) Consiste no trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. São quase sempre flores, não raro frutos, confeitarias, jóias, etc.

(...) os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte. (O Livro dos Médiuns, P .2, cap.5, it.96 e 98, p.119 e 122)

(...) como o seu fluido pessoal [do Espírito] é dilatável, combina uma parte desse fluido com o fluido animalizado do médium e é nesta combinação que oculta e transporta o objeto que escolheu para transportar. (...) (O Livro dos Médiuns, P.2, cap.5, it.99, p.127)

Chama-se transporte (apport), um objeto qualquer que os Espíritos conduzem de um lugar para outro. (...).

O Dr. Guillon Ribeiro, que já traduziu várias obras em diversos idiomas, e é abalizado cultor do vernáculo, emprega, no caso, a palavra "trazimento", que serve tanto para o objeto trazido como para a ação de trazer, e, assim, costuma esse provento escritor dizer "trazimento" em vez de transporte. (...) (O espiritismo perante a ciência, P.5, cap.3, p.397)

(...) Aparição imprevista, sobre mesinha ou na sala, de objetos vindos de longe, e entradas através de portas e paredes, tais flores, raminhos, folhagens, pregos, moedas, pedras, etc. (Hipnotismo e mediunidade, P.2, cap.2, p.148-149)

O termo transporte não deve ser aplicado ao fenômeno de deslocamento do Espírito do médium. Talvez seja melhor dizer-se, no caso de Luiz Mirabelli e congêneres, de translação. Justamente para evitar confusões, Guillon Ribeiro, ao referir-se ao fenômeno de transporte (usado especificamente para os deslocamentos de objetos por Espíritos, propôs a tradução do vocábulo francês apport (trazer) por trazimento (ação de trazer). De qualquer forma, o emprego da palavra transporte é desaconselhável para designar qualquer desses dois fenômenos. (O Cristo de Deus, Glos.)

TRANSPosição

DOS SENTIDOS

(...) é a faculdade que têm certos sonâmbulos de ver sem a intervenção dos olhos, de cheirar sem o órgão da olfação, de ouvir sem o auxílio do ouvido. (O espiritismo perante a Ciência)

TRAZIMENTO

(...) é a condução de objetos de um compartimento para outro, ou de fora para o lugar aonde está o médium, por um agente invisível. (No limiar do etéreo)

Justamente para evitar confusões, Guillon Ribeiro, ao referir-se ao fenômeno de transporte (usado especificamente para os deslocamentos de objetos por Espíritos, propôs a tradução do vocábulo francês apport (trazer) por trazimento (ação de trazer).

XENOGLOSSIA

XENOGLOSSIA

(...) os Espíritos comunicantes falam e escrevem em língua desconhecida de todos os assistentes. (...) (Metapsíquica humana, cap.9, p.117)

O termo "xenoglossia" foi o professor Richet quem o propôs, com o intuito de distinguir, de modo preciso, a mediunidade poliglota propriamente dita,

pela qual os médiuns falam ou escrevem em línguas que eles ignoram totalmente e, às vezes, ignoradas de todos os presentes, dos casos afins, mas radicalmente diversos, de "glossolalia" (...). (Xenoglossia, Introd., p.7)

Por fenômenos de "xenoglossia" entendem-se os casos em que o médium, não só fala ou escreve em línguas que ignora, mas fala ou escreve nessas línguas, formulando observações originais, ou conversando com os presentes, provando, desse modo, que as frases formuladas foram criadas pela circunstância ocorrente, o que exclui a possibilidade de entrarem em ação outras faculdades supranormais que transformem o suposto caso de xenoglossia num fenômeno de clarividência, com percepção a distância, das frases mediunicamente empregadas. (Ref.021, Casos de Xenoglossia ... , p.60)

Xenoglossia - Significa o termo - língua estranha. Os médiuns que possuem esse dom especial, quando em transe, falam idiomas que lhes são inteiramente desconhecidos e, muitas vezes, desconhecidos dos presentes. (Espiritismo à luz dos fatos, Dos fenômenos subbjetivos, p.282)

Xenoglossia - ou mediunidade poliglota - é a faculdade pela qual o médium se expressa, oral ou graficamente, por meio de idioma que não conhece na atual encarnação. (Estudando a mediunidade, cap.38, p.196)

ZOANTROPIA

(...) segundo o dicionário, é uma variedade de monogamia em que o doente se julga convertido em animal. (Diálogo com as sombras)

(...) os espíritos vingadores assediam tanto outros espíritos que eles acabam cedendo, e dando ao seu perispírito uma aparência animal ou ovóide. (isto acontece na maioria com espíritos inferiores)

PORTAL ESPIRITISMO ATIVO espiritismoativo.weebly.com

espiritismoativo.weebly.com